



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL

MARIA DO DESTERRO DA CONCEIÇÃO SILVA

**VIOLÊNCIA-RESISTÊNCIA EM “DUZU-QUERENÇA” E “ANA DAVENGA”, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

TERESINA - PI
2017

MARIA DO DESTERRO DA CONCEIÇÃO SILVA

**VIOLÊNCIA-RESISTÊNCIA EM “DUZU-QUERENÇA” E “ANA DAVENGA”, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do título de mestre em Literatura, sob a orientação do Prof. Dr. Alcione Corrêa Alves.

TERESINA - PI
2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

S586v Silva, Maria do Desterro da Conceição.

Violência-resistência em “Duzu-Querença” e “Ana Davenga”,
de Conceição Evaristo / Maria do Desterro da Conceição Silva. –
2017.

95 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do
Piauí, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Alcione Corrêa Alves.

1. Violência. 2. Resistência. 3. Gênero. 4. Feminismo Negro. I.
Título.

CDD 305.42

MARIA DO DESTERRO DA CONCEIÇÃO SILVA

**VIOLÊNCIA-RESISTÊNCIA EM “DUZU-QUERENÇA” E “ANA DAVENGA”, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Este exemplar corresponde à redação
final da dissertação avaliada pela banca
examinadora em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Alcione Corrêa Alves (UFPI) – Orientador

Professor Dr. Luizir de Oliveira (UFPI) – Avaliador interno

Professora Dra. Maria Sueli Rodrigues de Sousa (UFPI) – Avaliadora externa

Para todas nós: Anas e Duzus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, aquele que sempre ouviu as minhas preces e não me deixou desistir mesmo diante das inúmeras dificuldades que surgiram ao longo da caminhada.

À minha mãe, Antônia Maria, mulher de fibra que sempre me inspira e me mostra que nossa luta é diária e o percurso a ser seguido é bastante árduo. Além disso, faz-me ter a certeza de que nunca deveremos baixar a cabeça diante dos desafios. Mãe, é por ti e para ti que luto incansavelmente todos os dias!

À grande mestra Solange Luz, o ser mais iluminado que eu conheço. Aquela que desde os tempos de graduação me apoiou nas decisões acadêmicas e pessoais e trouxe muita luz para meus dias nublados.

Ao meu Pai-avô Alfredo Batista. O mestre que me proporciona grandes ensinamentos que são tão úteis quanto aqueles adquiridos na academia.

Ao meu irmão Paulo Ricardo, por dividir comigo todos os momentos e situações que a vida tem nos proporcionado.

Aos/às professores/as da educação básica, do curso superior e da pós-graduação por compartilharem seus conhecimentos. De modo especial, à professora Maria do Desterro Oliveira, mais do que minha xará, aquela que em suas aulas de literatura, no Ensino Médio, transformou-me em outro ser e fez-me ter a certeza de que queria seguir os seus ensinamentos e seu exemplo como profissional e como pessoa. Aquela que silenciou para ouvir a voz de uma menina negra que viveu em silêncio por longos anos no ambiente escolar e fora dele.

Ao meu orientador professor Dr. Alcione Corrêa Alves, um ser de conhecimento e humanidade equiparados, que em nossas discussões sobre Feminismo Negro fez nascer em mim uma mulher que até então se encontrava em um calabouço.

Ao Grupo Teseu, com quem durante estes quase dois anos dividi dúvidas, certezas, afetos e amizades. De maneira especial, ao Jônata Oliveira, que me mostrou por diversas vezes os vieses que eu deveria seguir na pesquisa. Jéssica Catharine, companheira de todos os momentos nesta trajetória acadêmica e Cleide Oliveira, a mais nova integrante com quem discuto sobre as teorias que analisamos.

Ao professor Dr. Luizir de Oliveira e à professora Dra. Maria Sueli, por aceitarem fazer parte da banca de defesa e por todas as considerações que ajudaram a melhorar meu trabalho.

A Sara Lim, amiga que conheci no mestrado e levarei por toda a vida. A Ana Alice, Jassilene, Andressa e Ivone, meninas guerreiras, que dedicaram um pouco do seu tempo para me ajudar nos momentos que mais precisei.

À querida professora Dra. Maria Elvira por todo o carinho e troca de conhecimento que foram indispensáveis antes e durante esta pesquisa.

À turma do mestrado em Estudos Literários (2016-2018), Vanessa Lemos, Laura Torres, Lanna Caroline e demais colegas e amigas com quem compartilhei momentos bons e outros meio desesperadores.

À minha família, tios, tias, primos, primas, sobrinhos e Lucivânia Sousa que diante de todos os seus gestos de bondade e afeto a considero uma irmã.

A todos e todas que estiveram/estão presentes nesta caminhada!

*A noite não adormece
jamaiz nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
do nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede de nossa milenar existência.*

Conceição Evaristo

*Para aquelas de nós que vivem na beirada
encarando os gumes constantes da decisão
crucial e solitária
para aquelas de nós que não podem se dar ao luxo
dos sonhos passageiros da escolha
que amam na soleira vindo e indo
nas horas entre as alvoradas
olhando no íntimo e pra fora
simultaneamente antes e depois
buscando um agora que possa procriar
futuros
como pão na boca de nossas crianças
pra que os sonhos delas não reflitam
a morte dos nossos;*

Audre Lorde

RESUMO

A violência e a resistência dos/as sujeitos/as negros/as podem ser observadas como concepções basilares em suas próprias historicidades, pois muitos/as desses/as vivenciaram o período escravista. Pela persistência dessas práticas, há uma necessidade de lutarem em busca de visibilidade e contra as opressões interseccionais, que os/as colocam, muita das vezes, em condições de subalternidade. A presente pesquisa possui como *corpus* os contos “Duzu-Querença” e “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo. Busca-se, desta forma, examinar por meio de teorias relacionadas a críticas feministas, principalmente ao feminismo negro, diferentes violências e resistências, que estão presentes no cotidiano de personagens femininas das narrativas “Duzu-Querença” e “Ana Davenga”. Para alcançar o objetivo citado, foram construídos três objetivos específicos: a) Discutir sobre teorias feministas e suas contribuições na luta e na resistência das mulheres negras, sua (in) visibilidade como sujeitas, além da importância desses movimentos para que elas reivindiquem seus direitos, principalmente, por meio do texto literário; b) Verificar a problematização do corpo feminino negro diante de violências adversas, tais como o estupro, a exploração sexual e o genocídio em “Duzu-Querença” e “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo; c) Observar atos de resistência do homem negro e da mulher negra por meio da busca pela fantasia e pelo conhecimento, além de sua afirmação como sujeito/a negro/a através do amor em “Duzu-Querença” e “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo. Duzu e Ana são mulheres negras que habitam as margens da sociedade, não são assistidas de saúde, de educação e de segurança. São personagens que representam parte da população brasileira, aquela que é vítima de violência em suas casas, no trabalho, nas ruas e pelas instituições, que deveriam protegê-las. Mulheres que resistem ao desconstruir estereótipos, romper com o silêncio e reivindicar os seus direitos. Esta pesquisa é de caráter bibliográfico, pois para a análise do *corpus* foram utilizadas teóricas como: Carneiro (2001; 2003); Nascimento (2006); Bairros (2008); Chauí (2017; 1985; 1999), Lugones (2014; 2008; 2005), dentre outros/as. No entanto, violência-resistência faz parte da dinâmica social de uma população que ao questionar e lutar por melhores condições está rompendo com os paradigmas da subalternização.

PALAVRAS-CHAVES: Violência. Resistência. Gênero. Feminismo Negro.

ABSTRACT

The violence and resistance of black subjects can be observed as basic concepts in their own historicities, since many of them experienced the slave period. For the persistence of these practices, there is a need to fight for visibility and against intersectional oppression, which very often put them in subaltern conditions. The present research study has as corpus the tales "Duzu-Querença" and "Ana Davenga", written by Conceição Evaristo. In this sense, it is sought to examine through the theories related to the feminist literary criticism, especially to the black feminism, the different violences and resistances that are present in the daily life of the female characters in the narratives "Duzu-Querença" and "Ana Davenga". In an effort to achieve this goal, three specific objectives were constructed: a) To discuss feminist theories and their contributions in the struggle and resistance of black women, their (in) visibility as subjects, and the importance of these movements for them to claim their rights, mainly, through the literary text; b) To verify the problematization of the black female body in the face of adverse violence, such as rape, sexual exploitation and genocide in "Duzu-Querença" and "Ana Davenga", by Conceição Evaristo; c) Observe acts of resistance of the black man and the black woman through the search for fantasy and knowledge, as well as his affirmation as a black individual through love in "Duzu-Querença" and "Ana Davenga", by Conceição Evaristo. Duzu and Ana are black women who inhabit the margins of society; they do not have access to health, education and security services. They are characters who represent part of the Brazilian population, the one who is victim of the violence in their homes, at work, in the streets and of the institutions, which should protect them. Women who resist deconstructing stereotypes, breaking the silence and claiming for their rights. This work is a bibliographical research study because for the analysis of the corpus were used authors such as Carneiro (2001; 2003); Nascimento (2006); Bairros (2008); Chauí (2017; 1985; 1999), Lugones (2014; 2008; 2005), among others. However, the violence-resistance is part of the social dynamics of a population that, when questioning and fighting for better conditions, is breaking with the paradigms of the subalternization.

KEY WORDS: Violence. Resistance. Gender. Black Feminism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 TEORIAS FEMINISTAS: FEMINISMO NEGRO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO.....	15
2.1 Gênero, raça e classe: um olhar sob o feminismo negro.....	16
2.2 Violência de gênero na literatura afro-brasileira.....	30
2.3 A recepção da literatura de Conceição Evaristo.....	39
3 VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM “DUZU-QUERENÇA” E “ANA DAVENGA”.....	47
3.1 Corpo criminalizado e explorado: Duzu, menina-mulher	49
3.2 Antes Ana, depois Ana Davenga: violência institucional, doméstica e genocídio.....	59
4 A RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NAS NARRATIVAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	68
4.1 Duzu e Querença: resistência através da fantasia e do conhecimento	69
4.2 O amor entre sujeitos/as negros/as como ato de resistência em “Ana Davenga”	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	89

1 INTRODUÇÃO

Violência-resistência¹, eis a (s) problemática (s) que será/serão discutida (s) ao longo desta dissertação, a partir da produção literária de Conceição Evaristo. Essa escritora que recorre constantemente em sua prosa e poesia as palavras siamesas, – termo utilizado pelo professor Adélio Cruz (2015)² ao se referir à estética literária de Conceição Evaristo – na coletânea *Olhos d'água* é possível encontrá-las em quase todas as narrativas, ou até mesmo em um dos títulos de seus contos: “Duzu-Querença”, que será uma das narrativas analisadas. Nas entrelinhas dos enredos temos: “peitos-maças” (p.22), “gozo-pranto” (p. 26), “entrar-entrando” (p. 33), “cabeça-sonho” (p. 29), “viver-morrer” (p. 35).

Compreender que há entrelaçamentos indissociáveis no título “Duzu-Querença” é uma das propostas deste texto dissertativo. Essa compreensão significa também observar que a violência contra a mulher negra não é algo natural, e, por não aceitarmos as naturalizações que tentam nos impor, temos como decorrência a resistência, palavra essa, aqui compreendida, a partir de uma perspectiva decolonial (LUGONES, 2005; 2008; 2014), que está relacionada com as subjetividades, os subentendidos, as lutas, todas as manifestações de sujeitas negras que rompem com o silêncio (de forma literal ou não literal)³, que buscam visibilidade e o fim das opressões interseccionais que aprisionam nossos corpos e nossas mentes. Resistir é um grito que ecoa desde os porões dos navios negreiros até as vielas das favelas, e essa palavra existe possuindo tal significação porque há discursos e práticas sexistas, racistas e classistas que tentam ditar as regras, nos calar e nos invisibilizar, colocando-nos na condição de subalternas.

Os/as sujeitos/as subalternizados/as⁴, dentre as quais muitas mulheres negras estão inseridas, necessitam lutar diuturnamente para serem reconhecidos/as como sujeitos/as, pois o

¹ A ideia de criar uma palavra siamesa para o próprio título, desta dissertação, surgiu a partir de uma consideração feita pelo professor avaliador Luizir de Oliveira, no âmbito da qualificação do presente trabalho.

² No terceiro tópico do capítulo a seguir será retomada essa discussão, porém com outras perspectivas, já que o enfoque estará na construção estética e na linguagem criada por Evaristo em *Olhos d'água*.

³ A proposta de apontar o rompimento com silêncio de forma literal e não literal parte da leitura do texto “Nossos feminismos revisitados”, nele, Luiza Bairros questiona um programa de culinária que apresenta a mulher negra como coadjuvante: “Naquele programa o estereótipo que nos associa a boa cozinheira foi redefinido pela redução da mulher negra ao papel de coadjuvante mesmo no limitado espaço imposto pelo racismo. Para mim, entretanto tão poderosa quanto o silêncio era nossa ‘fala’, transmitida pela pele negra e realçada pelo penteado de tranças da ajudante” (BAIROS, 2014, p. 181). Partindo das análises de Luiza Bairros, podemos dizer que nossa fala pode estar presente mesmo diante do silêncio, pois por meio dele também nos comunicamos e buscamos espaços nessa sociedade que tenta nos emudecer e oprimir.

⁴ Nesta pesquisa, será utilizada a concepção de sujeito de Gayatri Chakravoty Spivak. Segundo a pesquisadora, o sujeito (com s minúsculo) é aquele que compõe “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos

sexismo e o racismo que são propagados na sociedade brasileira impedem que esses/as vivam e ocupem seus espaços num país excludente. Nascer mulher, negra e numa classe social menos favorecida é ser triplamente oprimida⁵.

Os estudos relacionados aos/às sujeitos/as estão se intensificando – pois já existem várias estudiosas que realizam/realizaram pesquisas sobre o assunto, como por exemplo: Conceição Evaristo⁶, Sueli Carneiro e Lélia González, Luiza Bairros e Jurema Werneck – assim como as lutas do movimento feminista negro, cujas propostas representam demandas por inclusão e visibilidade.

As reivindicações das mulheres negras, para expressarem suas próprias vivências a partir de si, valorizando a história do eu social, começaram desde o período escravista. Sojourner Truth⁷, no ano de 1851, já reivindicava seus direitos por melhores condições de vida em uma reunião realizada por clérigos, que tratava sobre o direito das mulheres. Truth em seu discurso faz a seguinte indagação: “E não sou eu uma mulher?” (TRUTH, 1851, [s. p]), ao não se sentir contemplada com ações que privilegiavam mulheres brancas.

Partindo das concepções de que, através da literatura, essas escritoras buscam um engajamento político e social, por meio de críticas em que “verdades são ficcionalizadas” – termo utilizado pela própria Conceição Evaristo em relação a suas narrativas – na criação de personagens, dialogando, dessa forma, com outras mulheres negras que são subalternizadas na própria sociedade. Esta pesquisa se fundamenta na compreensão das vozes das escritoras negras, que mesmo sendo silenciadas, lutaram e resistiram para serem ouvidas e visibilizadas.

A violência de gênero perpassa todas as esferas sociais, mas quem permanece liderando os gráficos de feminicídios e estupros é a mulher negra⁸. Há discursos considerando

modelos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (2010, p. 12).

⁵ Teóricas como Sueli Carneiro, María Lugones, bell hooks e Angela Davis abordam importantes questionamentos e constatações para se pensar a invisibilidade desses/as sujeitos/as negros/as. Porém, dentre as discussões propostas, neste trabalho, o termo “interseccionalidade”, a partir do embasamento teórico, será fundamental e utilizado, para se referir ao cruzamento de opressões que as mulheres negras são vítimas, como raça, gênero, sexualidade, classe, etc.

⁶ Militante do movimento negro, escritora e ensaísta, sua produção teórica e literária possui como uma das temáticas principais questões relacionadas à raça, à classe e ao gênero. Possui publicações literárias no exterior, assim como trabalhos científicos sobre sua obra como: “*The contemporary Afro-Female Identity in The United States and Brazil: comparative analysis between Toni Morrison’s Sula and Conceição Evaristo’s Ponciá Vicêncio*” realizada por Lílian Lopes, no ano de 2006, na Universidade de Sussex (COSER, 2016).

⁷ O discurso de Sojourner Truth será retomado e discutido no primeiro tópico do capítulo a seguir.

⁸ De acordo com o *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*, de Julio Jacobo Waiselfisz, houve um aumento no número de homicídios em que as mulheres negras são vítimas, “Com poucas exceções geográficas a população negra é vítima prioritária da violência homicida do país” (2015, p. 29). Os números podem ser constatados através de gráficos em que, “As taxas de homicídio de mulheres brancas caíram 11,9% de 3,6 por 100 mil brancas em 2003, para 3,2 em 2013. Em contrapartida, as taxas das mulheres negras cresceram 19,5% passando, nesse mesmo período de 4,5 para 5,4 por 100 mil” (2015, p. 31).

que essas estatísticas são dessa forma porque aquilo que acontece na favela é observado por todos, mas o que ocorre por detrás dos muros das mulheres de classe média ou alta não é presenciado, e muito menos é denunciado⁹. Porém, pode-se considerar que são dados relevantes para se pensar o corpo negro como marginalizado, vulnerabilizado e os únicos disponibilizados, que alimentam e ampliam a violência cotidiana.

No entanto, o objeto desta pesquisa, por meio do texto literário, buscará discutir uma problemática importante para as teorias e críticas feministas, principalmente aquelas relacionadas à produção literária de mulheres negras, que trazem como protagonistas de suas narrativas os/as sujeitos/as subalternos/as. Ademais, procurará compreender as críticas, denúncias e questionamentos dessas por meio de teorias, textos críticos literários e análise das narrativas.

A obra *Olhos d'água*¹⁰, de Conceição Evaristo, foi publicada em 2015 pela editora Pallas e ficou na terceira posição, no mesmo ano, do Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas”. Ela é composta por quinze contos, sendo que algumas dessas narrativas já tinham sido publicadas em diferentes números dos *Cadernos Negros* e outras são inéditas¹¹.

Questões relacionadas à violência de gênero são recorrentes nos contos presentes na coletânea. Das quinze narrativas, sete delas abordam como problemática central violências diversificadas contra a criança, o adolescente e a mulher¹². São personagens, em sua maioria, negros/as que habitam regiões periféricas¹³. Vale ressaltar que temáticas relacionadas à violência de gênero, principalmente contra a mulher, estão presentes em outras narrativas da

⁹ No segundo semestre de 2016 cursei a disciplina “Violência de gênero: teorias explicativas” ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Piauí. Nas discussões teóricas sempre havia divergências entre minha opinião e a de outra discente, no que diz respeito à violência de gênero. Ela sempre afirmava que o número de violências contra as mulheres de condições sociais mais favoráveis são maiores, porém não temos acesso a essas informações. Sempre defendi que as violências contra as mulheres negras ainda ocupam a primeira posição dos dados estatísticos, independente de qual posição social essas sujeitas ocupem, o que configura a sobreposição das inferiorizações de gênero e raça.

¹⁰ As narrativas “Duzu-Querença” e “Ana Davenga”, que são utilizadas como *corpus* deste trabalho, foram publicadas na coletânea de contos *Olhos d'água*, porém ambas já haviam sido publicadas anteriormente em diferentes números de *Cadernos Negros*. Para este trabalho, utilizaremos as versões dos contos que foram publicadas na obra *Olhos d'água*, 2015.

¹¹ Constância Lima Duarte publicou em 2010 um artigo com o título: “Gênero e violência na literatura afro-brasileira”, nele, são analisados diferentes contos de Conceição Evaristo, que foram publicados em diferentes números de *Cadernos Negros*, posteriormente, passaram a integrar a coletânea *Olhos d'água*.

¹² Eduardo de Assis Duarte publicou um artigo comparando a violência nas narrativas de Conceição Evaristo com a das obras de Rubem Fonseca, “Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência”. A pesquisadora Maria Dolores Sosin Rodriguez também realizou, em 2016, a publicação do artigo “‘Até, meu bem, provar que não, negro sempre é vilão’: racismo e sexismo em um conto de Conceição Evaristo”. Nele, ela analisa as diversas violências praticadas contra a mulher negra no conto “Maria”, de Conceição Evaristo.

¹³ O artigo “A periferia em Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro: questões de gênero, raça e classe”, de Rodrigo da Rosa Pereira, corrobora com a afirmação mencionada, assim como dissertações e artigos publicados sobre suas obras.

escritora, como no romance *Ponciá Vicêncio*, além da coletânea de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*.

A partir das inquietações provocadas pela obra, além de analisar o texto literário como algo que representa, critica e denuncia a sociedade opressora, como também aquele que condiz com “certas necessidades de representação do mundo” (CANDIDO, 2010, p. 64), chegou-se à seguinte questão: como as narrativas “Duzu-Querença” e “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo, apresentam a violência e a resistência através de protagonistas negras?

Por meio das concepções teóricas de María Lugones (2005; 2008; 2014), Patricia Hill Collins (2015; 2016) e Luiza Bairros (2008; 2014), chegou-se a seguinte hipótese: As narrativas “Duzu-Querença” e “Ana-Davenga” apresentam a violência a que são submetidas as personagens, e a resistência, como fenômenos de uma mesma dinâmica social.

Na tentativa de responder a problemática supramencionada, surgiu o seguinte objetivo geral: Examinar, por meio de teorias relacionadas à crítica feminista, principalmente ao feminismo negro, as diferentes violências e resistências que estão presentes no cotidiano de personagens femininas nas narrativas “Duzu-Querença” e “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo. Para alcançar o citado objetivo, foram construídos três objetivos específicos: a) Discutir sobre teorias feministas e suas contribuições na luta e na resistência das mulheres negras, sua (in) visibilidade como sujeitas, além da importância desses movimentos para que elas reivindiquem seus direitos, principalmente por meio do texto literário; b) Verificar a problematização do corpo feminino negro diante de violências adversas, tais como o estupro, a exploração sexual e o genocídio em “Duzu-Querença” e “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo; c) Observar atos de resistência do homem negro e da mulher negra por meio da busca pela fantasia e pelo conhecimento, além de sua afirmação como sujeito/a negro/a através do amor em “Duzu-Querença” e “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo.

Para análise do *corpus* adotou-se um itinerário de pesquisa (TILLY, 2004), considerando que a dinâmica social analisada envolve os dois aspectos: violência e resistência. A partir desses, o itinerário contou com os seguintes percursos: a) A violência de gênero e a resistência nas narrativas “Duzu-Querença” e “Ana Davenga” fazem parte de reivindicações de escritoras afro-brasileiras no que diz respeito a construção literária de personagens negras; b) A subalternização das protagonistas de Conceição Evaristo está relacionada ao gênero, à raça e à classe; c) Há uma relação entre as noções de violência e resistência, as quais serão delimitadas ao longo das análises literárias. A princípio, de modo mais elementar, supõe-se que a segunda decorre da primeira.

A pesquisa possui caráter bibliográfico/qualitativo, pois se trata de um *corpus* analisado a partir de teorias, livros, artigos, ensaios em revistas eletrônicas e impressas, teses e dissertações que dialoguem com o objeto proposto, buscando, dessa forma, o cumprimento dos objetivos. O texto foi construído a partir das seguintes etapas: leitura da obra *Olhos d'água*; escolha pela problemática da violência de gênero e resistência; seleção dos contos a serem analisados; seleção das teorias relacionadas ao feminismo negro e à violência de gênero; fichamento e discussões das teorias; produção do pré-projeto de pesquisa; debates e seminários sobre feminismo negro, violência, resistência e literatura da Conceição Evaristo no Estágio Docente, disciplina de “Crítica Literária Feminista”; debates e discussões sobre o *corpus* e as teorias no Grupo Teseu, coordenado pelo professor Dr. Alcione Corrêa; produção do texto dissertativo; orientações e argumentações com o orientador sobre a redação parcial e posteriormente sobre a redação final.

Neste trabalho, foram elaborados três capítulos, o primeiro tem como título: “Teorias feministas: feminismo negro e violência de gênero”, nele, são discutidas algumas concepções sobre movimento feminista negro e o princípio da interseccionalidade. Esses diálogos foram realizados a partir das teorias de mulheres negras da América Latina e dos Estados Unidos, como: Sueli Carneiro, Luiza Bairros, Beatriz Nascimento, bell hooks¹⁴, Patricia Hill Collins, María Lugones e Angela Davis. Em uma das seções desse capítulo foi realizado um percurso histórico através de narrativas de escritoras afro-brasileiras que, desde o século XVIII, traziam em seus textos a problemática da violência de gênero. O caminho pela historicidade foi percorrido através das narrativas de Esperança Garcia (século XVIII), de Maria Firmina dos Reis (século XIX) e da escritora contemporânea Miriam Alves (século XX e XXI). A última seção é destinada à fortuna crítica de Conceição Evaristo, principalmente no que diz respeito à coletânea *Olhos d'água*.

No segundo capítulo, “Violência de gênero em ‘Duzu-Querença’ e ‘Ana Davenga’”, a partir das concepções de violências interseccionais de teóricas como Crenshaw (2002), Carneiro (2001) e Evaristo (2016), como também das discussões sobre violência de Marilena Chauí (2017; 1985 e 1999), e de teorias de pesquisadoras/es da literatura de Conceição Evaristo, foram analisadas as práticas de violências nas quais as protagonistas das narrativas “Duzu-Querença” e “Ana Davenga” são vítimas, examinando, dessa forma, tanto as violências físicas, como as diferentes formas de opressão, racismo e violências veladas. De

¹⁴ Gloria Jean Watkins utiliza em seus textos o pseudônimo de bell hooks. A escrita de seu pseudônimo com iniciais minúsculas é uma escolha feita pela própria autora.

modo que possam ser observadas, também, as consequências que surgem na vida dessas personagens por conta desses fatores.

No último capítulo, “A resistência de mulheres negras nas narrativas de Conceição Evaristo”, foi observado como os contos abordam a desconstrução dos estereótipos existentes que estão relacionados ao gênero e à raça. Na narrativa “Duzu-Querença”, foi proposta uma análise sobre a resistência da protagonista a partir da fantasia, que surge como fuga da realidade e seu conhecimento relacionado à cultura e tradição da população negra, assim como a forma como ele é repassado a sua neta, Querença. Em “Ana Davenga”, as críticas realizadas pela autora podem ser notadas por meio do amor, que esse surge com o propósito de demonstrar que os/as sujeitos/as negros/as são humanos/as, assim como pode ser apontado como um ato político e de resistência.

No entanto, a literatura de Conceição Evaristo, que está pautada em problemáticas sociais, será o *corpus* deste texto dissertativo. A partir das discussões sobre feminismo negro e violência de gênero, assim como a resistência de sujeitas negras. As análises serão realizadas partindo da concepção de que o texto literário dialoga com o contexto histórico-social que está inserido, assim como pode demonstrar um engajamento político daquele/a que o escreve.

2 TEORIAS FEMINISTAS: FEMINISMO NEGRO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Há muito tempo as mulheres precisam lutar incansavelmente para serem reconhecidas como sujeitas, pois a subordinação e a opressão, por parte do sistema patriarcal, colocam-nas em uma escala de inferioridade em relação aos homens. Isso reflete no inconformismo dessas, expressado em várias lutas. Quando essas mulheres lutam pelo direito ao voto, por exemplo, e conquistam, elas percebem a importância e a necessidade de também conseguirem uma participação ativa na política, no espaço público, já que foi destinado, para algumas delas, desde o princípio, apenas o espaço privado. Posteriormente, elas buscaram espaço em pesquisas nas universidades e na própria História, que procurou emudecê-las e (in) visibilizá-las durante muito tempo.

A luta destas sujeitas por seus direitos e espaços ocorrera de forma distinta, pois apesar de o feminismo hegemônico tentar universalizar a categoria “mulher”¹⁵, sabe-se que *a priori*, e ainda nos dias atuais, os tipos de opressão/subordinação não acontecem da mesma maneira com todas as mulheres. Feministas negras como Luiza Bairros (2008; 2014) e Sueli Carneiro (2003), abordam discussões pertinentes no que se refere ao espaço ocupado por essas sujeitas. Se a mulher branca buscava oportunidade de trabalho no espaço público, esse já era habitado por mulheres negras escravizadas que trabalhavam nas lavouras juntamente com os homens negros.

Beatriz Nascimento, em seu texto “A mulher negra no mercado de trabalho”, argumenta sobre os “papéis” das mulheres brancas e das mulheres negras. Segundo a teórica, “atribui-se à mulher branca o papel de esposa do homem, mãe de seus filhos e dedicada a eles” (NASCIMENTO, 2006, p. 103). Já a mulher negra,

Contrariamente à mulher branca, sua correspondente no outro pólo [...], pode ser considerada como uma mulher essencialmente produtora, com papel semelhante ao do seu homem, isto é, como tendo um papel ativo. Antes de mais nada, como escrava, ela é uma trabalhadora, não só nos afazeres da

¹⁵ María Lugones ao discutir sobre o feminismo descolonial, critica a categoria criada pelo feminismo hegemônico: “A tarefa da feminista descolonial inicia-se com ela vendo a diferença colonial e enfaticamente resistindo ao seu próprio hábito epistemológico de apagá-la. Ao vê-la, ela vê o mundo renovado e então exige de si mesma largar seu encantamento com ‘mulher’, o universal, para começar a aprender sobre outras que resistem à diferença colonial” (LUGONES, 2014, p. 948). Construir um movimento que compreenda gênero, raça e classe como categorias de análise é também um ato de resistência, é buscar métodos epistemológicos para dizer que existem mulheres emudecidas pelo feminismo que prioriza gênero em detrimento de outras subalternizações tão importantes de serem abordadas quanto aquelas relacionadas ao gênero. É esse um dos desafios das feministas negras, que propõem novas possibilidades de análise da categoria “mulher” em que nela haja vieses que proporcionem as discussões de outras opressões também significantes e indissociáveis.

casa grande [...] como também no campo, nas atividades subsidiárias do corte e do engenho” (NASCIMENTO, 2006, p. 103).

As relações entre trabalho e ocupação dos espaços públicos e privados acontecem de formas diferentes para as mulheres brancas e para as mulheres negras. Pois essas últimas, desde o período escravista, desempenhavam papéis nos dois ambientes. Enquanto que para as mulheres brancas, permanecer no ambiente doméstico era sinônimo de ociosidade, para as mulheres negras, esse mesmo espaço significava trabalho árduo.

No entanto, as mulheres negras batalham todos os dias para terem seus direitos reconhecidos, assim como buscam visibilidade e oportunidade de serem sujeitas de suas próprias histórias. A contestação, a denúncia, a luta, fazem parte do esforço diário enfrentado por elas, que estão diante de uma sociedade que as oprime ao perpetrar discursos sexistas, misóginos e racistas.

2.1 Gênero, raça e classe: um olhar sob o feminismo negro

A cada direito conquistado, as mulheres brancas se aproximavam progressivamente do espaço público, pois eram elas, em sua maioria, que possuíam um grau de instrução mais elevado, passando a trabalhar em ambientes que antes eram restritos ao sexo masculino. Isso pode ser visto como um avanço significativo na luta das mulheres, mas vale ressaltar que se tratava de mulheres de uma classe social mais favorecida, muitas delas casadas e com filhos. Por isso, cabe a seguinte indagação: Se essas mulheres deixaram o espaço privado (ambiente doméstico) para trabalhar, quem passou a ocupar o seu lugar para cuidar de suas casas e de seus filhos?

O espaço doméstico passou a ser ocupado por mulheres que não tiveram a oportunidade de ter uma educação formal similar a das mulheres brancas¹⁶, mas que desde muito cedo eram ensinadas a cozinhar, passar, lavar e cuidar de crianças. A grande maioria delas eram mulheres negras, como aponta a pesquisadora Cláudia Pons Cardoso, “Para estas mulheres, a

¹⁶ Em relação à educação formal das mulheres brancas e das mulheres negras no Brasil, Beatriz Nascimento aborda algumas considerações importantes, “Entretanto pesquisas recentes baseadas nos recenseamentos de 1940, 1950 e 1970, registram que a mulher branca conseguiu maior acesso ao curso superior, diminuindo proporcionalmente a desigualdade entre ela e o homem branco. A recíproca não foi idêntica quanto à população negra e mestiça, menos ainda em relação à mulher negra” (NASCIMENTO, 2006, p. 105). A pesquisa foi realizada sobre a população brasileira em meados do século XX, sabe-se que essa realidade já vem se modificando, pois o acesso da população negra às universidades evoluiu, porém muitas mudanças são necessárias para que as mulheres negras possam ter as mesmas chances de aperfeiçoamentos que as mulheres brancas.

intimidade da vida e do trabalho doméstico ou a separação entre os espaços público e privado nunca tiveram a mesma significação que para as mulheres brancas das elites” (2012, p. 76).

A luta das feministas, *a priori*, era para que as mulheres, além de terem o direito ao voto, conseguissem transgredir a barreira existente entre o público e o privado. Que essas tivessem a oportunidade de exercer profissões além daquela que lhes fora “predeterminada” (boa esposa, boa mãe, boa filha) no espaço doméstico. Mas a partir do momento que algumas mulheres conseguiram romper com esses paradigmas existentes, passaram a invisibilizar outras mulheres de condições sociais e raça consideradas inferiores às suas. Por conta disso, surge a problematização da universalização da categoria “mulher”, mostrando sua insuficiência diante da pluralidade feminina e das lutas que possuem objetivos distintos.

A pesquisadora Luiza Bairros (2008) afirma que as feministas brancas e de classe mais favorecida reconhecem que o trabalho no espaço público é importante para que elas conquistem sua liberdade, mas a mulher negra “sempre esteve associada ao trabalho para sua sobrevivência e a sobrevivência do grupo familiar” (BAIRROS, 2008, p. 141). Se a mulher negra trabalha desde o período escravista, inclusive no espaço público da produção e na cozinha da casa-grande, para elas, ocupar ou deixar de ocupar esses espaços não é sinônimo de independência e melhores condições de vida. Porque mesmo depois da escravização, quando essas sujeitas procuram um trabalho fora do espaço privado, é exigido que elas possuam “boa aparência”. Ainda há, também, uma especificidade ocupacional de acordo com a raça, porque não são todas as profissões que as mulheres negras são consideradas aptas a executar.

Segundo Luiza Bairros, “As armadilhas das profissões feministas é um outro ponto, sendo muito difícil identificar entre elas, as que são quase que específicas da mulher negra: servente negra pode, mas professora de curso secundário universitário, não” (2008, p. 142). Essa distinção profissional/racial remete à questão de que a mulher negra é considerada aquela que deve exercer uma profissão que exija um grau de instrução menor¹⁷, que continue na subalternização e recebendo baixos salários, com jornadas de trabalho exaustivas. E a dificuldade permanece até mesmo quando alcançam maior escolaridade.

Sueli Carneiro ressalta que é explícito o distanciamento profissional entre negros/as e brancos/as, porém “O movimento de mulheres negras vem pondo em relevo essa distância, que assume proporções ainda maiores quando o tópico gênero e raça é levado em

¹⁷ Conceição Evaristo aponta algumas razões pelas quais as mulheres negras continuam exercendo atividades domésticas ou alguma outra equivalente, “A pouca escolaridade exigida para execução de muitas das tarefas domésticas, a pobreza e a reduzida oportunidade de escola” (EVARISTO, 2016, p. 108).

consideração” (2003, p. 120). Se o negro atua em profissões em que é necessário muito esforço físico e pouca remuneração, além disso, havendo a limitação para execução de atividades consideradas “bem sucedidas”, a situação da mulher negra é ainda mais complexa, pois essa é, em muitas das vezes, “a empregada doméstica, desrespeitada e mal remunerada” (BAIROS, 2008, p. 141). Por isso, o movimento feminista negro luta por causas que dizem respeito ao mercado de trabalho, à saúde, à educação, à violência contra a mulher, etc. Causas essas que não são contempladas pelo feminismo hegemônico.

A luta do movimento feminista hegemônico adota a “priorização de gênero em detrimento de outros marcadores sociais, desde os anos 1970, nos Estados Unidos e outros países, [isso] vem recebendo críticas das feministas negras, latinas, mestiças, indígenas e lésbicas” (CARDOSO, 2012, p. 82). Dar prioridade ao gênero e desconsiderar raça, classe e sexualidade como categorias de análise, não contempla todas as mulheres que lutam pelo fim da opressão, já que opressão, de acordo com bell hooks, “significa *ausência de opções*” (2015, p. 197). As mulheres brancas, que fazem parte de uma classe social mais favorecida, serão menos oprimidas do que a mulher negra pertencente a uma classe desfavorecida, pois a primeira possuirá opções para a realização de suas escolhas que a segunda não terá.

A falta de opção da mulher negra, desencadeadas nas diversas opressões que a vítima, pode ser vista como uma ausência de oportunidade quanto ao acesso, por exemplo, à educação. O fato de essas mulheres, em sua maioria, terem ingressado na educação formal posteriormente às mulheres brancas, contribuiu para que elas sejam emudecidas pela História e pela Literatura. Em relação ao silenciamento das mulheres negras, Cardoso argumenta:

As críticas ao feminismo hegemônico buscam valorizar as experiências de mulheres que, por desconhecerem o manejo da escrita e da erudição, não deixaram registros escritos sobre suas ações, de forma que suas vozes e protagonismo estão silenciados assim como outras ações de enfrentamento ao sexismo continuam invisibilizadas, as experiências de resistência às múltiplas formas de violência que acompanham as opressões que recaem sobre diferentes mulheres e, principalmente, outras vertentes de feminismos continuam ignoradas. Nesse caminho de mão única da luta contra a opressão sexista, o lugar ocupado pelas mulheres negras e brancas pobres, dentro desta perspectiva, vem a ser determinado pelo feminismo hegemônico (CARDOSO, 2012, p. 85).

O silenciamento da mulher negra possui uma relação com a falta de domínio da escrita, com a ausência da educação formal. Romper com o silêncio seria tentar se desvencilhar de outras amarras que as prendiam, como por exemplo, o sexismo e o racismo. A escrita, muita das vezes, era uma forma de resistência, a falta dela contribuía para que o outro

– aqueles/as que de acordo com Spivak (2010), são considerados os Sujeitos com S maiúsculo, isto é, os que possuem seus discursos baseados nas concepções do/a colonizador/a e não do/a colonizado/a – tentasse representar essas mulheres. Porém, ao procurar enunciar a partir do lugar destas sujeitas subalternizadas, na maioria das vezes, essas se tornavam ainda mais silenciadas.

A pesquisadora Gayatri Chakravorty Spivak, em seu livro *Pode o subalterno falar* (2010), traz uma indagação, no próprio título, que suscita reflexões sobre o lugar de enunciação daquele/a que escreve o texto literário ou a história dos povos que são considerados oprimidos. O questionamento de Spivak é exatamente sobre esses/as sujeitos/as que permaneceram/permanecem invisíveis nos discursos que são proferidos por aqueles/as que buscam representá-los. A autora argumenta ainda que, na tentativa de dar visibilidade a esses/as sujeitos/as, “A figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da ‘mulher do Terceiro Mundo’, encurralada entre a tradição e a modernização” (SPIVAK, 2010, p. 119). Essas mulheres tornam-se invisibilizadas, emudecidas nestes discursos por questões, na maioria dos casos, não só relacionadas ao gênero, como também à classe e à raça as quais pertencem.

Corroborando o pensamento de Spivak sobre o lugar de enunciação, Conceição Evaristo argumenta que: “Quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta” (2009, p. 2). Por isso a importância do lugar de enunciação daquele/a que escreve as teorias ou as narrativas literárias. Pois, quando os/as sujeitos/as negros/as vão descrever, narrar, problematizar suas vivências, esses/as buscam visibilidade e subjetividade de todos/as aqueles/as que foram emudecidos/as e invisibilizados/as em condição equivalente.

Repensando a categoria mulher, discutindo e elaborando teorias em que os/as próprios/as sujeitos/as negros/as compartilham suas experiências, o feminismo negro vem propondo, dentre outras coisas, o rompimento com o silêncio que perdurou durante séculos, como aponta a pesquisadora Sueli Carneiro: “As denúncias sobre essa dimensão da problemática da mulher na sociedade brasileira, que é o silêncio sobre outras formas de opressão que não somente o sexismo, vêm exigindo a reelaboração do discurso e práticas políticas do feminismo” (CARNEIRO, 2003, p. 49).

Essa não é uma crítica levantada apenas pelo feminismo negro brasileiro, pois a teórica estadunidense bell hooks também afirma que, “Estas [mulheres negras] são a maioria silenciosa” (2015, p. 193). O silêncio seria uma das formas de manter essas sujeitas na

condição de subalternizadas, já que elas não tinham direito de contra argumentar tais discursos. A partir do momento que a mulher negra se engaja em movimentos pela busca de seus direitos, rompe com paradigmas de opressão para a obtenção de sua liberdade de expressão.

Além da possibilidade existente, nesse movimento, de que as mulheres negras possam reivindicar seus direitos, outra característica peculiar, de acordo com Patricia Hill Collins, é que: “O pensamento feminista negro consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras” (2016, p. 101). As mulheres negras que eram consideradas “objetos” ao serem representadas pelo outro, emudecidas e passivas na história contada pelos vencedores, através do feminismo negro terão a oportunidade de escrever suas histórias para aquelas/es que têm interesse em ouvir, ler e compartilhar esses saberes, passando, dessa forma, a serem sujeitas e objetos nas histórias de suas próprias vivências.

Collins acrescenta ainda: “Tanto ideologias racistas como sexistas compartilham a característica comum de tratar grupos dominados – os ‘outros’ – como objetos aos quais faltam plena subjetividade humana” (2016, p. 106). A partir do momento que os/as sujeitos/as negros/as passam a narrar sua própria história, relatando as opressões de que foram/são vítimas, esses/as renunciam à posição que lhes fora imposta, isto é, demonstram uma transgressão, um ato de resistência diante dos/das opressores/as. Isso é possível a partir de uma subjetividade compartilhada que carrega todas as histórias de luta dessa população.

A luta diária e incessante de mulheres negras nos movimentos feministas possui, dentre outros objetivos, “criticar, questionar, reexaminar e explorar novas possibilidades” (HOOKS, 2015, p. 202). Mostrando, dessa forma, que o feminismo hegemônico, ao privilegiar gênero em detrimento das desigualdades raciais e classistas existentes, acaba representando um determinado grupo de mulheres e invisibilizando outros.

Na tentativa de demonstrar que as mulheres negras são vítimas de opressões não só por uma questão de gênero, como também por questões relacionadas à raça/classe, Angela Davis antecipa a teoria da interseccionalidade ao publicar um livro que possui como título *Mulheres, raça e classe*, no ano de 1981. Esses termos, que são indissociáveis ao se discutir teorias relacionadas ao feminismo negro, reforçavam a ideia de que a mulher negra pode ser considerada vítima de opressão tripla.

Angela Davis (2016), já em seu capítulo primeiro, aborda que o fato de a mulher negra ser considerada um ser inferior, sendo, conseqüentemente, vítima de violências múltiplas, possui o legado do período escravista, dado que nessa época, muitas mulheres negras tinham

que trabalhar nos campos exercendo o mesmo serviço que os homens negros. Sabe-se que nesse período o espaço privado era aquele destinado às mulheres (brancas), por isso havia uma luta para que elas passassem a habitar o espaço público. Pode-se afirmar que a mulher negra já habitava esse espaço que até então era reservado ao público masculino. Porém, isso não era sinônimo de liberdade, uma vez que essas sujeitas compartilhavam desse mesmo local para realizar uma mão-de-obra escravizada e continuarem a ser subjugadas.

A pesquisadora acrescenta ainda: “Mas as mulheres [negras] também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas” (DAVIS, 2016, p. 19). Essas mulheres eram consideradas como objetos sexuais, isto é, os seus senhores se achavam no direito de usufruir de seus corpos o quanto quisessem, violências essas que não eram praticadas contra os homens escravizados.

Angela Davis (2016) argumenta ainda que o fim do comércio internacional de escravizados/as contribuiu para que as mulheres negras fossem forçadas a reproduzir, isso também refletiu na questão da presença forte do patriarcalismo, pois independentemente de quem fosse o pai da criança, ela seria escravizada porque “a criança herda a condição de escrava da mãe” (DAVIS, 2016, p. 25). Por isso, essas mulheres tinham que conviver com a dor da perda, já que, em muitas das situações, seus filhos eram vendidos para outros senhores.

Refletindo sobre o período escravista, o conto “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, aborda problemáticas que dialogam com as discussões de Angela Davis. Na narrativa, acompanha-se a trajetória da escravizada Joana, que tem dois filhos vendidos para outros senhores. Por não suportar a dor da perda e buscar resistência diante de sua situação subalterna, a personagem passa a ser chamada de doida. O seu filho mais velho tenta explicar a situação para uma senhora que decide protegê-la: “- É douda, minha senhora: fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos, que meu senhor vendeu para o Rio de Janeiro. Desde esse dia ela endoudeceu” (REIS, 2004, p. 252).

O texto de Maria Firmina foi publicado no ano de 1887, na *Revista Maranhense*. É um conto em que a escritora, naquela época, já se propunha a denunciar, por meio da ficção, as marcas físicas e psicológicas deixadas nos corpos dos/as escravizados/as. Demonstrando, dessa maneira, que no processo de escravização ocorrido no Brasil, houve uma forte presença do patriarcalismo, acompanhado, também, do sofrimento materno, que poderia levar até à insanidade, por parte dessas mulheres que acompanhavam a trajetória de ter seus/suas filhos/as vendidos/as para outras fazendas.

Em relação ao período escravagista, Patricia Hill Collins afirma que, “A escravidão foi uma instituição específica de raça, classe e gênero. Retirar qualquer uma dessas peças diminui nosso entendimento da real natureza das relações de dominação e subordinação que operavam na escravidão” (2015, p. 21). Como fora mencionado anteriormente, as mulheres negras eram escravizadas e violentadas de diversas formas, por isso, gênero, raça e classe são considerados indissociáveis como categorias de análise, já que nesse período a mulher branca camponesa possuía “Variados degraus de proteção institucional” (COLLINS, 2015, p. 21) que não eram atribuídos à mulher negra escravizada.

Pensando por este viés de que há uma historicidade que procura explicar os princípios da inferiorização, opressão e subordinação existente contra as sujeitas não brancas, bell hooks afirma que, “Há muitas evidências que justificam o fato de que a identidade de raça e classe gera diferenças no *status* social, no estilo e qualidade de vida, que prevalecem sobre a experiência que as mulheres compartilham” (2015, p. 197). Se as mulheres brancas e pertencentes a uma classe social favorecida necessitam lutar para conquistar seus direitos e tê-los reconhecidos, a situação das mulheres negras advindas das camadas populares é mais complexa. Pois essas, às vezes, serão vítimas de subjugações não apenas por questões relacionadas ao gênero, como também por conta da raça e da classe.

Partindo desta tríade: gênero, raça e classe, proposta por Angela Davis e outras teóricas feministas, observa-se a importância de se pensar sobre as problemáticas das sujeitas negras a partir dessas três perspectivas. Pois, se a análise realizada sobre a violência contra as mulheres negras evidenciar apenas as questões relacionadas ao gênero, por exemplo, corre o risco de ocasionar numa universalização da categoria “mulher”, recaindo, também, em uma naturalização, termo aqui compreendido como considerar natural situações e discursos que precisam ser questionados, por se tratar de construções sociais e históricas. Do mesmo modo, quando se busca a compreensão apenas sobre a variável raça, chega-se à conclusão de que o espaço dos/as negros/as é a favela, tornando difícil também identificar a opressão do homem negro para com a mulher negra ou do homem negro de classe média para com o homem negro de classe menos favorecida. Ao explorar apenas as questões de classe é possível que surjam discursos precipitados como o de que a negritude é sinônimo de pobreza, o que facilmente é contestável com dados da realidade.

As naturalizações acontecem quando se leva em consideração apenas uma variável. Por isso, há uma necessidade de discussões sob o princípio da interseccionalidade, em que gênero, raça e classe serão considerados categorias de análise, observando que se trata de

opressões triplas e que a retirada de um dos termos compromete o entendimento no que diz respeito à subordinação e à opressão das sujeitas negras.

A pesquisadora María Lugones, em seu texto “Interseccionalidad y feminismo decolonial” (2008), dialoga a partir de diferentes concepções sobre o termo interseccionalidade. Para discutir sobre esse, Lugones busca compreendê-lo como uma palavra pertencente a um campo semântico relacionado ao feminismo negro. Primeiramente, o que precisa ser observado é que há distinções em relação ao substantivo mulher, pois, para se referir às sujeitas brancas, não há necessidade da colocação do adjetivo branca posterior à palavra mulher, isto é, a palavra mulher já é suficiente para que se saiba de quais delas estão tratando, já que essas se apresentam como desracializadas. De forma controversa, as sujeitas negras precisam ser identificadas por meio do adjetivo negra, ou seja, trata-se de um gênero racializado. Pois é necessário que haja a junção de substantivo e adjetivo, caso contrário (com a retirada do segundo), a compreensão estará comprometida.

Lugones explora e relaciona interseccionalidade a partir das teóricas: Elsa Barkley Brown (1991), Y Yen Lee Espíritu (1997) e Kimberlé Crenshaw (1995). De acordo com Lugones, “La crítica de Barkley Brown y Espíritu no está formulada desde la intersección de categorías sino desde la historicidad de las relaciones de poder entre raza, clase, género”¹⁸ (LUGONES, 2008, p. 3). Ao recorrer à historicidade, revelando o quanto as questões de poder estão imbricadas nas subordinações e opressões, as teóricas apontam que existem hierarquias construídas para demonstrar a subjugação dos/as sujeitos/as não brancos/as. Por isso, há a necessidade de buscar o princípio do problema, para, a partir de então, pensar-se a respeito dele, como também construir teorias que o questione.

María Lugones analisa ainda que, “Para Crenshaw, la interseccionalidad revela una ausencia. Crenshaw aclara que para ella la interseccionalidad es un concepto provisional que enfoca la presuposiciones dominantes que raza y género son esencialmente categorías separadas”¹⁹ (LUGONES, 2008, p. 3-4). Considerar raça e gênero como categorias dissociáveis pode levar à naturalização de sujeitas, já que essas serão analisadas a partir de uma das variáveis, como já foi discutido anteriormente. Porém, buscaram-se outras discussões e conceituações propostas por Kimberlé Crenshaw sobre interseccionalidade. Em um

¹⁸ “A crítica de Barkley Brown e Espíritu não está formulada desde a interseção de categorias mas desde a historicidade das relações de poder entre raça, classe, gênero” (minha tradução).

¹⁹ “Para Crenshaw, a interseccionalidade revela uma ausência. Crenshaw esclarece que para ela a interseccionalidade é um conceito provisório que foca nas pressuposições dominantes que raça e gênero são essencialmente categorias separadas” (minha tradução).

documento intitulado “Documentos para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”, a pesquisadora analisa que:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

A interseccionalidade discutida por Crenshaw elenca mais um ponto a ser debatido: a questão de se tratar de um problema estrutural. Há toda uma hierarquia, um discurso que sustenta a ideia da existência de determinados gênero, raça e classe superiores. Aqueles/as pertencentes ao gênero, à raça e à classe considerados inferiores serão oprimidos/as por conta desses fatores. Os eixos da pirâmide dos quais determinadas pessoas fazem parte irão definir o seu grau de opressão. Por exemplo, ser homem negro é motivo para que esse seja oprimido, mas se ele é um homem, negro e pobre, possui uma variável a mais. Dessa forma, quando se trata de uma mulher, negra e pobre, essa possuirá as três principais variáveis da discriminação/opressão. Assim, todos/as aqueles/as que não compõem o topo da hierarquia serão vítimas de alguma subordinação, que, de acordo com sua posição nessa base estruturante, será mais grave ou mais leve.

O feminismo negro brasileiro, ao levantar discussões sobre a situação da mulher negra, aborda problemáticas que podem ser analisadas pelo viés interseccional. Sueli Carneiro (2003), ao criticar as políticas que priorizam a desigualdade de gênero, afirma que elas não contemplam todas as brasileiras, pois há determinados grupos de mulheres que possuem uma variedade de opressões e desigualdades, e que essas “[...] não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso” (CARNEIRO, 2003, p. 119). Há variáveis específicas a determinados grupos que muitas vezes são invisibilizadas. Em relação às sujeitas negras, pode-se observar questões raciais e classistas que são distintas entre essas e muitas mulheres brancas. Por isso, tratar apenas das desigualdades de gênero anula outras opressões. Carneiro critica esse movimento, pois segundo ela: “Em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres”

(CARNEIRO, p. 2003, p. 118). O feminismo brasileiro hegemônico era um movimento que não correspondia às demandas vivenciadas por todas, visto que buscava as discussões sobre opressão e subordinação a partir da priorização de gênero.

Luiza Bairros, em seu artigo “Mulheres Negras e Feminismo”, aborda a situação da mulher negra brasileira em relação ao movimento feminista e ao movimento negro:

A mulher negra, no final dos anos 70, já identificava o Movimento Feminista como um aliado forte, mas essa coisa de democracia racial não permitiu essa aliança. Hoje encaramos com tranquilidade muito grande a formação, naquela época, de grupos específicos de mulheres negras que, além das resistências do negro no interior do Movimento Negro, contavam com críticas extremamente ferozes vindas do Movimento Feminista (BAIRROS, 2008, p. 144).

As mulheres negras brasileiras, ao tentarem aproximação com o movimento feminista hegemônico, possuíam em comum o gênero, porém havia outras variáveis que impossibilitavam uma luta pelas mesmas causas, por exemplo, questões raciais e classistas. Ao participarem do Movimento Negro, a variável que as/os aproximava era a raça, e, em alguns casos, a classe também, porém se bifurcavam no quesito gênero. Por essas razões, surgiu um movimento com o propósito de discutir as opressões relacionadas ao gênero, à raça e à classe, com o protagonismo das sujeitas consideradas subjugadas de forma interseccional, ou seja, sujeitas negras.

Patricia Hill Collins (2015), ao teorizar sobre interseccionalidade, aborda questionamentos pertinentes sobre a opressão. A pesquisadora observa, por exemplo, que o fato de determinados/as sujeitos/as serem oprimidos/as não significa que eles/as, em alguns momentos, não irão oprimir outros/as sujeitos/as, “Feministas apontam com confiança para suas opressões sofridas por serem mulheres, mas resistem em ver o quanto de privilégio sua pele branca traz” (COLLINS, 2015, p. 13). No entanto, a mulher branca é vítima de opressão por ser mulher, mas em determinados momentos pode oprimir a mulher negra, pois, de acordo com as hierarquias existentes, a primeira é considerada superior à segunda no que diz respeito à raça e à classe ou apenas à raça.

A teórica salienta ainda que, de acordo com o grupo do qual o/a sujeito/a faz parte, esse/a irá lutar pelos seus direitos e verá determinadas opressões como mais significativas em detrimento de outras. A questão da opressão é algo subjetivo, pois quando “Cada um de nós experimentamos uma variedade de punições e privilégios de um sistema de opressão múltiplo que enquadra nossa vida, estaremos em condição de ver a necessidade de novas formas de

pensamento e ação” (COLLINS, 2015, p. 14). É necessária a percepção interior do que há de opressor/a e oprimido/a em cada um/a para que se possa mudar as concepções em relação a determinadas situações em que esse/a, que se considerava na posição de oprimido/a, passe a realizar a função de opressor/a em relação ao/a outro/a.

As relações entre oprimido/a e opressor/a, assim como as hierarquias que buscam sistematizar as diferenças entre os sujeitos, são problematizadas na literatura de Conceição Evaristo. A narrativa “Maria”, por exemplo, traz uma protagonista que é vítima de violência verbal, seguida por linchamento, dentro de um transporte coletivo, pois os/as passageiros/as acreditavam que Maria estava envolvida em um assalto que ocorrera no percurso, já que o assaltante sentou ao seu lado para perguntar como estava o seu filho, ou seja, o autor do crime era pai do filho mais velho de Maria. As violências, que aconteceram posteriormente com essa empregada doméstica ao voltar para casa depois de um domingo de trabalho árduo, podem ser analisadas como violências relacionadas não só ao gênero, como também à raça e à classe.

Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.* [...] Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembravam vagamente o seu filho. A primeira voz que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!* (EVARISTO, 2014, p. 41-42 - grifos da autora).

Na narrativa, Maria é vítima de racismo e sexismo que geraram o linchamento. Nessa situação pode-se analisar que se a protagonista fosse um homem, ou uma mulher branca, o tratamento dado a ela teria sido diferente. Percebe-se que as violências praticadas estão relacionadas à tríade proposta pelas feministas negras (gênero, raça e classe). A personagem não teve direito de tentar se defender uma vez que a ira dos/as passageiros/as prevaleceu, e, junto a isso, o discurso de ódio de um garoto negro, a voz que encorajou os/as demais viajantes a partirem para a agressão física. Dessa forma, pode-se analisar que dentro de cada um/a existe muito de oprimido/a como também de opressor/a. Por isso, lutar contra a dominação e subordinação dos/as sujeitos/as subalternos/as exige uma análise de suas próprias subjetividades e convivências com os/as outros/as.

A cena supramencionada demonstra o quanto o discurso racista e sexista que é perpetrado pode ser capaz de destruir muitas pessoas, afinal, a única vítima não fora Maria.

Diante da situação, seus filhos ficaram órfãos, porque era essa empregada doméstica quem exercia uma dupla função: maternidade e paternidade. As circunstâncias de como os fatos se sucederam revelam o quanto o/a opressor/a pode ser cruel com todos/as aqueles/as que compõem a base da pirâmide racial e social. Além de problematizar que há sujeitos/as que também praticam violências com os/as seus/suas iguais.

Patricia Hill Collins considera raça, classe e gênero como termos que são interligados e, a partir desses, é que se busca a compreensão da subordinação:

Enquanto raça, classe e gênero como categorias de análise são fundamentais para nos ajudar a entender as bases estruturais de dominação e subordinação, novas maneiras de pensar desacompanhadas de novas maneiras de agir oferecem possibilidades incompletas de mudanças. Para chegarmos naquele “pedaço do opressor que está plantado profundamente em cada um de nós”, precisamos também mudar nossos comportamentos diários. Atualmente, estamos todas/os envolvidas/os em uma complexa rede de relações problemáticas que garantem aos nossos semelhantes uma subjetividade humana completa, enquanto estereotipa e objetifica àqueles/as mais diferente de nós. Frequentemente, assumimos que as pessoas com as quais trabalhamos, para as quais ensinamos, com as quais deixamos nossos filhos na escola, que sentam ao nosso lado, vão agir e sentir de maneira predefinida por pertencerem a determinada categoria de raça, classe social ou gênero. Esses julgamentos por categorias têm de ser substituídos por relações completamente humanas que transcendam as diferenças criadas por raça, classe e gênero como categoria de análise. Necessitamos de novas categorias de conexão, novas visões de como podem ser nossas relações como os outros (COLLINS, 2015, p. 15).

A subordinação e a dominação não podem ser consideradas como algo natural. Se ambas forem compreendidas como forma de exercício do poder em relação ao/a outro/a, que teve início e um dia terá fim, torna-se mais viável analisá-las e procurar criticá-las mostrando que essas bases estruturantes, muitas vezes, não são construídas e perpetradas apenas por aqueles/as considerados/as opressores/as. Observa-se, em situações cotidianas, pessoas agindo e exigindo determinados comportamentos e qualidades dos/as outros/as, a partir de sua raça, classe e profissão que ocupam. As considerações da teórica são importantes também para se pensar que o fato de um/a determinado/a sujeito/a ser considerado/a subjugado/a, não significa que ele/a, em algum momento, não irá subalternizar alguém.

Collins enfatiza ainda que há algumas opressões que são mais profundas que outras: “Linchamento é certamente pior do que ser considerada um objeto sexual” (2015, p.18). Por essa razão, o feminismo hegemônico comete falhas ao considerar, por exemplo, que uma das maiores opressões existentes é a mulher de classe média ou alta sentir-se entediada por estar cuidando da casa e dos filhos. E aquelas que nem casa possuem, que trabalham todos os dias

sob sol ou chuva? (HOOKS, 2015). Por conta disso, bell hooks (2015) faz uma crítica à obra considerada precursora do movimento feminista, *A mística feminina*, de Betty Friedan (1963). Nessa obra, a autora considera que suas opressões de mulher branca é uma condição vivida por todas as mulheres nos Estados Unidos.

Em se tratando de subordinação dos/as sujeitos/as, Collins critica a construção das diferenças através de oposições, como por exemplo, “Os termos em dicotomias tais como branco/preto, masculino/feminino, razão/emoção, fato/opinião e sujeito/objeto apenas ganham significado em termos de sua relação de diferença da sua contraparte em oposição” (2016, p. 108). Criar dicotomias contribui para que haja assimetria entre esses/as sujeitos/as, em que hierarquizações são formadas, a partir das seguintes concepções: “Branco dominam negro, homens dominam mulheres, razão é aclamada como superior à emoção em garantir a verdade, fatos superam opinião ao avaliar conhecimento e sujeitos dominam objetos” (2016, p. 108). Por isso, realizar assimetrias contribui para a perpetuação da ideia de dominador e dominado. Essas concepções são compreendidas como estereótipos, isto é, formas presas, fixas de representar sujeitos e que negam o jogo da diferença, partindo da perspectiva generalizante do outro (BHABHA, 1998). No que diz respeito às mulheres negras, essas continuarão colocadas, a partir do discurso do outro, na escala de inferioridade.

Chimamanda Adiche ao discutir sobre os perigos da história única afirma que:

Insistir somente nessas histórias negativas é superficializar minha experiência e negligenciar as muitas outras histórias que me formaram. A ‘única história cria estereótipos’. E o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história (ADICHE, 2010, [s. p.]).

À luz das discussões, observa-se a importância do feminismo negro, em que as mulheres negras construíram/constroem um pensamento em que são sujeitas e objetos de suas próprias histórias. Proporcionar discussões a partir das vivências de mulheres negras é desconstruir a “história única” contada a partir do olhar do colonizador/a sobre os colonizados/as, além de apontar as falhas e as consequências desse discurso legitimado, na vida daqueles/as que desde o período colonial foram vistos como inferiores em relação ao/à colonizador/a. Essa discussão proporciona um diálogo com Homi Bhabha, quando ele afirma: “O estereótipo impede a circulação e articulação do significante ‘raça’ a não ser em sua fixidez enquanto racismo” (1998, p. 117). Dessa maneira, os discursos, que inferiorizam os/as sujeitos/as negros/as, foram construídos a partir de um poder colonial que se configura em “falsas representações” (BHABHA, 1998, p. 117), já que a visibilidade dada aos/às

colonizados/as era uma tentativa de reafirmar o seu lugar de subalternos/as. Portanto, os estereótipos criados no período colonial são essa história fixa que hierarquiza um determinado gênero, raça afirmando, por exemplo, que o lugar da mulher negra é o trabalho doméstico, já que desde o período escravista ela trabalhava nesse ambiente na condição de subserviente. A mulher negra também é associada como erótica, pois no processo de colonização era considerada o corpo-objeto para satisfazer os senhores. Essas considerações persistem por conta dessa história que é compreendida pela perspectiva do/a opressor/a e não do/a oprimido/a. Porém, em um discurso como o de Truth já é possível perceber que existem outros olhares sobre esses/as sujeitos/as que desmistificam tais discursos tidos como únicos e apontam como o ato de resistência aconteceu desde o princípio e que considerar os/as sujeitos/as negros/as como aqueles/as que não lutaram contra as opressões é uma tentativa de apresentar como único um discurso que já vem sendo questionado e desconstruído.

Observando essas concepções e levando em consideração os estereótipos de que o/a sujeito/a negro/a é apenas subordinado/a e passivo/a, o que dizer de Sojourner Truth, mulher negra, que em 1851, em uma reunião sobre os direitos das mulheres, pronunciara-se ao não se sentir contemplada?

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? [...] Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”]. É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida? (TRUTH, 1851, [s.p.]).

Sojourner Truth provoca inquietações ao trazer, repetidas vezes, a indagação, “E não sou uma mulher?” (TRUTH, 1851, [s. p.]), demonstrando, dessa maneira, que os direitos das mulheres que estavam sendo discutidos, não contemplavam todas as mulheres, mas apenas algumas que possuíam raça e classe diferentes da sua. Porém, ao levantar e questionar os privilégios de um grupo de sujeitas, definido pelo poder hegemônico, Truth rompe com os paradigmas de passividade e subordinação que foram considerados características apenas da classe oprimida. Seu discurso promove uma desestabilidade nas ideologias e na subjetividade

daqueles/as que conceituavam suas opressões como únicas e universais. O discurso de Truth é uma forma de resistência, pois ela rompe com o silêncio e se posiciona por melhores condições para todas as sujeitas negras.

Portanto, o movimento feminista negro trouxe novas perspectivas e discussões sobre a luta daquelas que resistiram ao sol, à chuva, aos açoites e continuaram persistindo, buscando espaço e reconhecimento como sujeitas, já que a batalha traçada pelo feminismo hegemônico não as contemplava.

2.2 Violência de gênero na literatura afro-brasileira

A violência de gênero²⁰ contra as sujeitas negras está presente na literatura afro-brasileira desde o período escravista. Escritoras negras se utilizam da ficção para exprimirem reflexões acerca das formas de violências contra a mulher, assim como denunciam as consequências geradas por essas práticas para as mesmas, além de apontarem os traumas sociais. São narrativas produzidas em diferentes épocas e contextos sócio-históricos distintos, mas que possuem pontos em comuns, dentre eles, pode ser citada a violência, a resistência e a crítica ao sistema hegemônico.

Para dar início a esta discussão sobre a violência de gênero na literatura afro-brasileira, buscaram-se os primeiros registros de textos escritos por mulheres negras, em que denunciam agressões físicas, verbais e psicológicas. A “Carta”, de Esperança Garcia, foi a primeira narrativa epistolar encontrada e considerada literatura afro-brasileira. A escravizada piauiense, que em 1770 (século XVIII), escreve uma carta ao Governador da Província para que tomasse providências em relação às violências da qual ela e seus filhos eram vítimas. As atrocidades eram praticadas pelo capitão e pelo senhor dono da fazenda em que Esperança vivia na condição de subalternizada.

Eu Souhua escrava de V.S. dadministração do
Cap^a m Ant^o Vieira de Couto, cazada. Desde que

²⁰O termo violência de gênero, de acordo com Heleieth Saffioti, “é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos” (2001, p. 115). A construção do próprio conceito já repassa a ideia de hierarquia, pois esse contempla as demais esferas, menos o patriarcado. Demonstrando, dessa forma, que as violências de gênero, muitas das vezes, são praticadas por aqueles que estão no topo da pirâmide, que são os homens.

oCap^amp^a Lá foi adeministrar, q. me tirou da fazd^a dos algodois, aonde vevia com meu marido, para ser cozinheira da sua caza, onde nella passomt^o mal.

A Primeira hé q. ha grandes trovadas de pancadas enhum Filho meu sendo huã criança q. lhe feze strair sangue pella boca, em mim não poço esplicar q Sou hucolcham de pancadas, tanto qcahyhuã vez do Sobrado abachopeiada; por mezericordia de DsesCapei.

A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confeçar a tresannos. E huã criança minha e duas mais por Batizar.

Pelloq Peço a V.S. pello amor de Ds. e do Seu Valim T^o ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar a Porcurador que mande p. a Fazd^a aonde elle me tirou p^a eu viver com meu marido e Batizar minha Filha

de V.Sa. sua escrava
EsPeranCa Garcia²¹

Na narrativa epistolar, percebe-se uma mulher que não exerce a passividade em sua condição de sujeita subalternizada, assim como Sojourner Truth (1851), em seu discurso anteriormente mencionado. Esperança Garcia utilizou a escrita para denunciar as violências sofridas não só por ela, como também pelos seus filhos e por outras mulheres. Violências essas desumanas, como podem ser observadas em seus relatos. A originalidade de seu texto revela que essa mulher não aceita todas as dominações/subordinações que a ela tentam impor, algumas fogem de seu controle, mas através de sua carta ela faz denúncias com o propósito de que o Governador tomasse providências sobre as violências praticadas por aqueles que se achavam no direito de subjugar-los e maltratá-los.

O segundo pedido feito por Garcia esclarece que a essa já fora imposta a religião do colonizador, que é a religião católica. Em relação a essa religião, Esperança Garcia reconhece a necessidade de se confessar e batizar os filhos. A recorrência a Deus também é frequente em seu texto, confirmando que se trata de uma pessoa que acredita estar em Deus a libertação e a salvação, mas é possível identificar resistência quando ela reivindica o direito de cultivar a

²¹ “Eu sou uma escrava de V. S^a. Administração de Capitão Antonio Vieira de Couto, casada. Desde que o Capitão lá foi administrar, que me tirou da Fazenda dos Algodões, onde vivia com meu marido, para ser cozinheira de sua casa, onde nela passo muito mal. A primeira é que há grandes trovadas de pancadas em um filho meu, sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca; em mim não posso explicar que sou uma colcha de pancadas, tanto que cai uma vez do sobrado abaixo, peada, por misericórdia de Deus escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar a três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Pelo que peço a V. S^a, pelo amor de Deus e do seu valimento, ponha aos olhos em mim, ordenando ao Procurador que mande para a fazenda onde ele me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha. De V. S^a, sua escrava, Esperança Garcia” (versão atualizada).

religião que, pela colonização, se tornou a sua fé. É também resistência a estratégia de questionar o poder opressor nas suas contradições, já que esse garantia o direito e obrigação de professar a fé católica.

Outro fator curioso é que Esperança Garcia possuía o domínio da escrita. De acordo com Elio Ferreira: “Cogitamos que Esperança Garcia aprendera a ler e escrever com os padres Jesuítas ou com pessoas relacionadas a eles, de quem fora escrava, antes da expulsão desses sacerdotes por Pombal” (FERREIRA, 2015, p. 5). Ferreira afirma ainda que: “Não seria precipitado de nossa parte afirmar que a ‘Carta’ é um gênese da literatura afro-brasileira, um texto precursor que imprime e anuncia uma escrita feminina pelo tom reivindicatório” (2015, p. 5).

Por que considerar a “Carta”, de Esperança Garcia, como precursora da literatura afro-brasileira? Nessa secção, serão discutidas algumas ficções de autoras que estão no rol dessa literatura. No entanto, poder-se-ão constatar muitas características desses contos considerados afro-brasileiros que dialogam com a referida “Carta”, de 1770. Grande parte das narrativas escritas por essas mulheres denunciam as violências, assim como apresentam as resistências desses/as sujeitos/as. Dessa maneira, mesmo ocorrendo avanços positivos desde o século XVIII até os dias atuais, ainda há a necessidade de lutar contra as formas de opressões que vitimizam as mulheres negras.

A “Carta”, de Esperança Garcia, demonstra a persistência de mulheres negras que, muitas vezes, não tinham direito à fala e buscavam, por meio da escrita, o caminho para questionar e manifestar suas insatisfações diante das imposições do outro. Um lugar de fala que traz uma subjetividade ímpar para sua escrita, que alguém que não tivesse vivenciado tais agressões talvez não conseguisse transmitir, com tanta veracidade, as amarguras e a esperança por dias melhores. Vendo, na mudança de fazenda, uma oportunidade de recomeçar sua vida ao lado do marido e dos filhos.

Outra escritora considerada à frente de sua época é Maria Firmina dos Reis. No século XIX, ainda no período escravista, ela já escrevia narrativas nas quais questionava e denunciava o sistema escravocrata. Como fora mencionado na secção anterior, o conto “A escrava” aborda as violências de que os/as sujeitos/as negros/as eram vítimas, principalmente a mulher negra escravizada. Maria Firmina traz como protagonista de sua narrativa a escravizada Joana, que ao fugir do feitor, encontra uma senhora que ajuda essa personagem e seu filho.

Na narrativa há vários trechos em que podem ser observadas as violências diversificadas contra Joana. Como quando seu filho Gabriel tenta explicar a situação de sua

mãe para a senhora, que posteriormente abriga a escravizada: “– Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites; ela deitou a correr gritando” (REIS, 2004, p. 248). No fragmento do texto mencionado, notam-se as jornadas exaustivas que as mulheres escravizadas tinham que cumprir, pois não havia distinção de sexo para a execução das tarefas. Além do trabalho forçado, aquelas que não conseguiam desempenhar todas as ordens impostas, eram vítimas de violências físicas. A fuga era uma forma de resistência diante do sistema de dominação.

Sobre o período escravista, Angela Davis afirma que “As mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero” (DAVIS, 2016, p. 17). As reflexões propostas por Davis sobre o período escravista nos Estados Unidos dialogam com o texto literário de Maria Firmina, uma autora que trouxe para sua literatura muito do contexto no qual estava inserida, provocando inquietações ao ficcionalizar as verdades que, em sua maioria, eram invisibilizadas ao serem discutidas, posteriormente, a partir do olhar eurocêntrico.

A partir da narrativa de Maria Firmina, verifica-se que a escritora demonstra um engajamento em que aborda as atrocidades cometidas pelos donos de escravos com os corpos negros. É importante mencionar que no ano de 1887, um ano antes de a Lei Áurea ser sancionada, o conto “A escrava” foi publicado. Uma narrativa que tem como protagonista uma escravizada, relatando o seu cotidiano depois de uma fuga, que era: trabalhar jornadas exaustivas e ainda conviver com a dor da perda, pois o Senhor da fazenda havia vendido seus filhos gêmeos quando as crianças estavam na idade de oito anos. Como a própria protagonista explica: “- Não sabe, minha senhora, eu morro, sem ver meus filhos! Meu senhor os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos. Carlos, Urbano...” (REIS, 2004, p. 253).

Na primeira seção do presente capítulo, a partir da teoria de Angela Davis, foi discutido que após o fim do tráfico internacional de pessoas para trabalhar em regime escravista, as mulheres negras passaram por violências mais agudas, pois tinham que manter a reprodução e, muitas das vezes, eram estupradas pelos próprios senhores. Essa situação se agravava porque essas viam seus filhos serem vendidos para outras fazendas. Maria Firmina dos Reis faz uma reflexão acerca das múltiplas formas de violências contra a mulher negra. No conto, a protagonista revela as sequelas e cicatrizes deixadas pela prática da violência. Entre elas, as marcas físicas, os distúrbios psicológicos e as neuroses.

A perda dos filhos leva a personagem Joana ao desregramento da vida, ao caos psíquico. Isso pela consciência do sentimento de maternidade carregado pela protagonista,

que pode ser analisado através de sua trajetória. Joana explica para a senhora que a acolheu, sua condição de escravizada:

- Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas eu de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.

[...] um dia [meu pai] apresentou a meu senhor a quantia realizada, dizendo que era para meu resgate. Meu senhor recebeu a moeda sorrindo-se – tinha eu cinco anos – e disse: A primeira vez que for à cidade trago a carta dela. Vai descansando.

Custou ir à cidade; quando foi demorou-se algumas semanas, e quando chegou entregou a meu pai uma folha de papel escrita, dizendo-lhe:

- Toma, e guarda, com cuidado, é a carta de liberdade de Joana. Meu pai não sabia ler; de agradecido beijou as mãos daquela fera. Abraçou-me, chorou de alegria, e guardou a suposta carta de liberdade.

Então furtivamente eu comecei a aprender a ler, com um escravo, e a viver com alguma liberdade.

Isto durou dois anos. Meu pai morreu de repente, e no imediato meu senhor disse a minha mãe:

- Joana que vá para o serviço, tem já sete anos, e eu não admito escrava vadia.

Minha mãe, surpresa, e confundida, cumpriu a ordem sem articular uma palavra (REIS, 2004, p. 254-255).

Os relatos da protagonista esclarecem a sua situação de escravizada e o quanto ela, sua mãe e seu pai, foram enganados/as pelo senhor. Pior do que descobrir que ainda pertencia àquela fazenda e seu dono, foi perder a mãe que, quando teve conhecimento de que a filha continuava na condição de subserviência, “Sobreveio-lhe febre ardente, delírios, e três dias depois estava com Deus” (REIS, 2004, p. 255). A violência psicológica, os traumas, as perdas prematuras eram vivenciadas por Joana desde a infância. Ao chegar à fase adulta e presenciar pela terceira vez a dor da perda, a protagonista passa a ter devaneios e, por isso, é chamada de doida. Mas, mesmo diante de violências extremas, Joana resistia. Uma maneira de resistência diante de toda fragilidade em que seu corpo se encontrava, era fugir das mãos do cruel feitor.

Essas situações relatadas por Joana já eram quase as últimas antes de sua morte. Essa só chega após a mulher relatar como seus filhos foram arrancados do seio materno: “Ele [traficante], e o feitor arrastavam sem coração, os filhos que se abraçavam a sua mãe” (REIS, 2004, p. 257). A cena de como seus filhos foram retirados de si, persiste em sua memória mesmo diante dos delírios. As confissões de Joana podem ser vistas como um desabafo que era necessário antes dela cerrar os olhos. Apresentando, dessa forma, a trajetória dramática da personagem feminina dentro de uma história apontada a partir da ótica de um protagonismo negro. Uma sujeita negra que era vítima de violências ao presenciar seus filhos serem violentados, mas não podendo reagir diante de tamanha brutalidade. A insanidade mental foi uma das consequências das agressões sofridas, a outra, foi sua morte.

Maria Firmina dos Reis utiliza a literatura para denunciar como o comportamento de um sistema político, econômico, ideológico e cultural pode ser perverso para com aqueles que estão fora da ordem do discurso. Suas críticas são desafiadoras e contribuem para que mais mulheres negras, no século XX e XXI, encontrem na literatura a possibilidade de contestar opressões e dominações existentes.

Buscando visibilizar problemáticas que, assim com as de Maria Firmina, envolvam sujeitos/as negros/as como protagonistas, no ano de 1978, surge a primeira coletânea dos *Cadernos Negros*, que desde então lança anualmente, e de forma alternada, contos e poesias. Escritos por escritores/as negros/as que em suas narrativas e poemas elaboram de forma poética o cotidiano, a ancestralidade e as violências de que esses/as sujeitos/as são vítimas, por questões relacionadas ao racismo, ao sexismo e à classe. Cristiane Sobral, Conceição Evaristo, Geni Guimarães e Miriam Alves são algumas das escritoras que publicam nessas coletâneas.

No ano de 1998, Miriam Alves publica em *Cadernos Negros* o conto “Alice está morta”, posteriormente a narrativa é publicada também na coletânea *Mulher Mat(r)iz* (2011), obra que reúne diversas narrativas da escritora, algumas publicadas em diferentes números de *Cadernos Negros*, “Outros [contos] foram traduzidos para o alemão e o inglês, sendo publicados em coletâneas na Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra” (ALVES, 2011, p. 21). São essas as palavras da autora em notas introdutórias da referida obra. Há ainda uma narrativa inédita, que será discutida posteriormente nesta seção, o conto “Os Olhos Verdes de Esmeralda”.

A narrativa “Alice está morta” aborda as discussões que já vêm sendo realizadas sobre a violência de gênero na literatura afro-brasileira. Essas observações são pertinentes, pois se verifica que não se trata apenas da escritora Conceição Evaristo, que produziu diversas narrativas que possuem como cerne a mesma problemática.

O conto de Miriam Alves é narrado em primeira pessoa por um homem que mostra conhecer a protagonista, tornando-se seu companheiro por conveniência. O intrigante no conto é que Alice não se pronuncia em nenhum momento, tudo o que é relatado sobre sua personalidade e comportamento é a partir do ponto de vista do outro (seu companheiro).

O narrador demonstra certa afeição pela protagonista, como pode ser observado neste trecho: “A minha paciência com Alice era imensa. Não morria de amores por ela, porém não podia viver sem sua companhia. Morávamos no mesmo quintal de cômodos. Ela, invariavelmente, precisava de minha ajuda para carregá-la” (ALVES, 1998, p. 129). A relação entre eles aparentemente não era sólida, construída como uma espécie de amizade, em que

“Raramente dormíamos juntos numas de fazer sexo” (ALVES, 1998, p. 130). Outro ponto que deve ser destacado é a dependência da personagem em relação ao narrador, pois como esse menciona, ela precisava que ele a carregasse quando se encontrava embriagada.

Nas entrelinhas do conto, o narrador-testemunha²² explica sobre esta necessidade que a protagonista tinha de ser levada por ele, “Não era inválida, mas tomava grandes porres de esperanças que a deixava aturdida quando a bebedeira passava” (ALVES, 1998, p. 129). Ao explicitar que a dependência de Alice estava relacionada ao seu estado de embriaguez quase que frequente, ele aponta ainda que se trata de uma mulher vulnerável. A sua ajuda era importante, pois em sua companhia ela não estaria correndo o risco de que situações violentas fossem acontecer por conta da sua fragilidade ao ingerir bebidas alcoólicas.

Através dessa suposta fragilidade que ele demonstra existir em Alice, além de ser um relacionamento que possuía um misto de amizade, cumplicidade e necessidade, o narrador relata implicitamente as primeiras violências:

Crescia entre nós algo sem nome, mas tinha cara de ciúmes. E, noutras oportunidades, tinha caras de medo. Rotina cotidiana, nada mudava. [...] Lágrimas saíam das torneiras e faziam nascer fungos vermelhos na pia da cozinha e do banheiro. No começo os fungos me irritavam. Depois, achei serem eles responsáveis pelo odor. Não os removi porque precisava culpar alguém ou alguma coisa. Quanto mais odor, mais e mais o vermelho tomava conta, cozinha... Tudo (ALVES, 1998, p. 130-131).

O narrador-testemunha busca uma justificativa para as agressões, que são declaradas de forma implícita como “fungos vermelhos”. As violências, que supostamente foram cometidas pelo homem, só ocorreram depois que foi surgindo algo sem nome entre eles, com “cara de ciúmes”. A presença dos primeiros sinais de ciúmes, de acordo com o companheiro de Alice, vinha de ambas as partes, ao afirmar ser um sentimento que crescia “entre nós”. Sendo essa a justificativa para que ele cometesse os primeiros atos de violência. As descrições de como ficou o ambiente em que o casal morava esclarecem o quanto a violência doméstica era brutal, pois deixava marcas de sangue pela casa, principalmente na pia da cozinha e do banheiro, locais que possivelmente Alice procurava para lavar o sangue impregnado pelo corpo.

²² Esse tipo de narrador está baseado nas concepções presentes no livro *O foco narrativo: a polêmica em torno da ilusão* (2002). A teoria apresenta que o narrador-testemunha é aquele que narra em primeira pessoa e “vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil” (LEITE, 2002, p. 38).

Para Marilena Chauí, uma das concepções de violência é que essa: “trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos, instrumentos para o uso de alguém” (CHAUÍ, 2017, p. 36). Dialogando com a narrativa de Miriam Alves, no que diz respeito à violência doméstica praticada pelo companheiro de Alice, nota-se que a relação deles passou a ser mantida a base de agressões. Alice era uma sujeita invisibilizada, pois não tinha direito a voz. O tratamento do companheiro para com essa personagem era de restringi-la a um objeto, uma coisa. Essas violências, a maneira como Alice era tratada, foi se agravando a cada dia até chegar ao seu estágio final, que fora o feminicídio, cena relatada com muita frieza pelo assassino.

Ao voltarem de uma festa, Alice mais uma vez precisava de sua ajuda, pois estava embriagada, “Descia a ladeira com Alice resmungando nos meus braços. A madrugada vazia clareava. Já perto de casa, lembrei-me da ribanceira usada como lixão e desova de presunto de polícia” (ALVES, 1998, p. 132). Essa lembrança fora importante para que o assassino se encorajasse para cometer o crime: “lixão, desova de presunto de polícia”. Observa-se que Alice é tratada como um objeto de uso descartável, a qualquer momento poderia ser jogada no lixo.

E sem muito apego, compaixão ou respeito, o narrador-testemunha livra-se daquela mulher negra que vivia de bebedeiras e cigarros: “Eu a ergui ao céu. Depois, para o fim da rua, a ofereci a Exu, a sacudi para a direita e para esquerda do meu corpo. Saudei Omulu. Entre soluços, atirei-a ribanceira abaixo. Era segunda-feira. Ela se calou” (ALVES, 1998, p. 133). O narrador recorreu aos deuses africanos no momento do crime, entregou o corpo de Alice a Exu, orixá das encruzilhadas e saudou o deus da vida, Omulu (PRANDI, 2001). Os soluços de ambos complementaram aquele adeus, mas mesmo em lágrimas, é possível observar como o assassino se apresenta com características de uma pessoa cruel. Alice era apenas uma dificuldade que surgiu em seu caminho, porém com possibilidade de ser jogada fora.

As violências de que as mulheres negras são vítimas cotidianamente são relatadas por Miriam Alves também em outras narrativas. Em 2011 foi publicado, pela primeira vez, o conto “Os Olhos Verdes de Esmeralda”, o mesmo já traz uma problemática nova a ser pensada, a lesbofobia. Se as mulheres negras que mantêm relações heteronormativas vivenciam violências em casa, nas ruas, nos ônibus, etc. a mulher, negra e lésbica possui um agravante a mais para se preocupar.

O conto narra a história homoafetiva de Julita (Esmeralda, que passou a ter esse apelido por conta dos seus olhos verdes) e Marina. Eram jovens que tinham acabado de concluir a graduação e viviam um amor marginal, pois suas famílias não sabiam da existência desse relacionamento. Um dia, voltando de uma festa em família, ao saírem do evento de carro e parar no semáforo: “Esmeralda, atraída pelo olhar apaixonado da mulher, não resistiu e a beijou demoradamente” (ALVES, 2011, p. 64). Viver aquele amor em plena avenida não parecia ser tão assustador, já que era tarde e quase a cidade inteira dormia. Porém, quando o sinal abriu, “Perdida em pensamentos, engatou, desajeitada, a primeira marcha e fez cantar os pneus no asfalto molhado. Viu-se seguida por uma viatura policial, sinalizando para que encostasse e parasse” (ALVES, 2011, p. 65).

A partir de então, surge a violência praticada por aqueles que deveriam protegê-las:

O sargento percebeu o gesto ao acercar-se do carro. Ela recolheu rapidamente a mão, retraindo-se. “Temos dois machos aqui. Hei este aqui está com lentes de contato verdes. [...] O sargento branco, alto, gordo, cara de bolacha metida na banha, sorriu maliciosamente e, com maldade e despeito, perguntava-se: “Porque ele não conseguia pegar mulher? Estas duas sapatatas filhas da puta ali na frente. Não eram feias, apesar de serem negras”. Ele odiava as sapatatas, estavam sempre com uma gostosa ao lado. Odiava negros também, principalmente os famosos. Estavam sempre acompanhados por loiras de fechar sinal e mais umas tantas correndo atrás (ALVES, 2011, p. 65).

Nesse trecho, o sargento violenta Esmeralda e Marina verbalmente, não apenas por serem mulheres e negras, como também por possuírem uma orientação sexual que não está dentro da heteronormatividade. Nessas circunstâncias há opressões que se cruzam e que contribuem para que ocorram violências interseccionais. Essas são compreendidas como o entrelaçamento das subordinações, como aponta Lugones: “Comprender que las opresiones se cruzan es comprender que existe una relación entre las situaciones de las mujeres blancas y las situaciones de las mujeres de color”²³ (2005, p. 66). Dessa forma, as personagens possuem variáveis (gênero, raça e sexualidade) que ao se cruzarem promovem violências diversificadas, demonstrando o quanto a opressão e o preconceito podem colocar sujeitas negras em situações que não ocorrerão com mulheres brancas.

O sargento, por promover o discurso patriarcal, sentiu-se disposto e com direito de corrigir os “desvios” apresentados pelas personagens por não seguirem aquilo que é considerado padrão, a heteronorma. Em relação à família patriarcal, Chauí argumenta que: “A

²³ “Comprender que as opressões se cruzam é compreender que existe uma relação entre as situações sociais das mulheres negras e as situações das mulheres de cor” (minha tradução).

forma da família patriarcal, na sociedade brasileira as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior que obedece” (CHAUI, 2017, p. 43). Nesse sentido, tem-se um representante do patriarcado e da justiça, que demonstra sua superioridade. Além disso, acha-se no direito de usufruir e corrigir corpos vulnerabilizados. A concepção de patriarcado, de acordo com Lugones (2008), está relacionada ao lado visível da construção colonial, assim como a heterossexualidade e tudo aquilo que respeita as dicotomias. Dessa forma, a homossexualidade faz parte do lado invisível do discurso patriarcal e colonial.

O sargento decide estuprar as jovens com o discurso de que a orientação sexual das protagonistas está relacionada à falta de homem, “Não gosta de homem, não é? Vou fazer você gostar! Nunca conheceu um, não é...? Você vai sentir o que é bom!” (ALVES, 2011, p. 65). As violências sexuais, verbal, física, psicológica e institucional cometidas pelo policial, reafirmam os discursos misóginos, racistas, sexistas e homofóbicos/lesbofóbicos propagados na sociedade brasileira. Afirmando, mais uma vez, que cabe ao patriarcado, ao Estado, à instituição, corrigir aqueles/as com características desviantes. Marina e Esmeralda são denúncias, através da ficção, do cotidiano de muitas brasileiras vítimas das mais variadas violências relacionadas ao gênero, orientação sexual e raça.

No entanto, através de um percurso por narrativas literária e epistolar de escritoras afro-brasileiras, observa-se que a persistência pela temática da violência de gênero contra sujeitas negras parte de uma aguda crítica aos jornais e mapas de violências publicados, em que as mulheres negras ainda lideram as estatísticas. Como também a uma sociedade que, desde o princípio, trata essas mulheres de maneira opressora. Em uma tentativa de “ficcionalizar verdades”, essas autoras dedicam na sua escrita um percurso através da subjetividade daqueles/as vítimas de violência, assim como, revelam que partes delas acontecem com mulheres, negras e de classes menos favorecida.

2.3 A recepção da literatura de Conceição Evaristo

A mulher negra, favelada, mãe, que muitas vezes, não exerce apenas a maternidade, como também a paternidade e que luta todos os dias pelo sustento da família, passa a narrar suas vivências através da literatura. Por exemplo, uma obra que se tornou muito discutida e pesquisada nas academias, foi *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Na narrativa,

Carolina traz toda a subjetividade e cotidiano, os dramas vividos pelos/as moradores/as da favela Canindé em São Paulo e, principalmente as situações enfrentadas diariamente por uma mulher negra, favelada que procura no lixão o sustento para seus três filhos.

Dialogando com essas concepções surge o fazer literário de Conceição Evaristo, em que propõe um lugar diferenciado para os/as sujeitos/as negros/as, principalmente para as mulheres negras, já que essas são as protagonistas das narrativas, isto é, deixam de ocupar as margens da própria literatura e passam a ser o cerne das discussões de suas narrativas.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946, na favela Pendura Saia, Zona Sul de Belo Horizonte, próxima a uma região bastante privilegiada. Posteriormente, os barracos da favela foram demolidos para a construção de prédios e o prolongamento da Avenida Afonso Pena. Restando aquele espaço apenas em sua memória, onde viveu durante décadas e construiu sua infância (LIMA, 2009).

Evaristo foi criada em um ambiente periférico, desde muito cedo acompanhou e viveu o drama de nascer mulher, negra e pobre. A mãe de Conceição Evaristo trabalhava como lavadeira para sustentar os filhos, mas ainda encontrava tempo de contar histórias para as crianças. Como a autora afirma em entrevista concedida ao jornal *O Globo*:

Não nasci rodeada de livros, mas de palavras. Havia toda uma herança das culturas africanas de contação literária. Minha mãe fazia bonecas de pano ou capim para mim e minhas irmãs e ia inventando tramas. Ela recolhia livros e revistas e mostrava para nós, mesmo sem saber ler. Víamos as figuras e inventávamos novas histórias. Meu interesse literário nasce daí (EVARISTO, 2016, [s. p.]).

De acordo com Lima (2009), essa tradição oral vivenciada pela autora perpassa sua obra, além de ter contribuído para sua escolha profissional. Pois, mesmo diante de inúmeras dificuldades, aos 25 anos concluiu o curso Normal Superior e tentou encontrar trabalho como docente em Belo Horizonte. Porém, como Evaristo trabalhou por algum tempo como empregada doméstica e também babá, os patrões dela, que possuíam influências na região, negaram sua mudança profissional. Em Belo Horizonte, nesse período, os concursos públicos eram mais difíceis. Com todas as dificuldades encontradas para exercer sua profissão, muda-se para Rio de Janeiro, onde consegue ser aprovada em concurso público para o magistério, além disso, é aprovada na universidade para o curso de Letras. A escolha pelo curso parte da paixão por literatura, que surgiu ainda nas histórias contadas pela mãe e aflorou-se com leituras das obras de Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, dentre outras.

No Rio de Janeiro, Evaristo obtém informações da existência, em São Paulo, do Grupo Quilombhoje. Na publicação de número 13 de *Cadernos Negros*, no ano 1990, publica seus primeiros poemas, dentre eles, “Vozes-Mulheres”. Poema que traz toda a poeticidade da autora e já anuncia que sua literatura irá tematizar a ancestralidade dos povos negros, assim como as violências e resistências desses.

Segundo Coser (2016), durante anos a autora divulga seu trabalho através dos *Cadernos Negros*. Em 2003, publica seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, traduzido para o inglês, francês e em breve terá uma versão em espanhol, além de ter sido utilizado como *corpus* de teses, dissertações e artigos. O trabalho de Conceição Evaristo passou a ser divulgado, também, através do blog *Nossa Escrivivência*.²⁴

Suas obras começaram a ser publicadas individualmente em 2003, desde então não pararam as publicações. Em 2006, é publicado o segundo romance, *Becos da Memória; Poemas da recordação e outros movimentos* no ano de 2008, *Insubmissas lágrimas de mulheres* em 2011. Pela editora Pallas, em 2015, uma coletânea de contos, *Olhos d’água*. Sua obra mais atual é publicada em 2016, *Histórias de leves enganos e pareências*.

Ainda no ano de 2016, foram publicados vários ensaios reunidos no livro *Escrivivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*, coletânea

²⁴ A autora vem recebendo prêmios, títulos e homenagens, como no IV Latinidades (Festival da Mulher Afro-latino-americana e Caribenha) que ocorreu em 2013, em Brasília. Conceição Evaristo já participou de diferentes trabalhos no âmbito internacional, como destaca Stelamaris Coser, “Seu trabalho foi traduzido e incluído primeiramente em antologias na Alemanha sobre literatura afro-brasileira (*Schwarze Prosa*, 1988, e *Schwarze Poesie*, 1993). Seus poemas foram também traduzidos para o inglês e apresentados, junto a outras 16 autoras afro-brasileiras, no livro bilíngue *Enfim Nós/ Finally Us: Contemporary Black Brazilian Women Writers*, já bastante conhecido, editado por Miriam Alves e Carolyn Richardson Durham (Estados Unidos, 1994). Durham publicou também o artigo ‘The beat of a different drum: Resistance in contemporary poetry by African-Brazilian women’ (1995). Conceição participou da coleção *Moving beyond boundaries: International dimension of black women’s writing*, organizada por Carole Boyce Davies e Molaria Ogundipe (London, 1995). Em 1995 e depois em 2008 ela é focalizada na *Callaloo*, revista dedicada à diáspora africana, como também no artigo de Celeste Dolores Mann, ‘The search for identity in Afro-Brazilian women’s writing’ (1995) e na antologia *Fourteen female voices from Brazil*, organizada por Elzbieta Skoka (2002). Sua ficção curta entra na coletânea *Women Righting: Afro-Brazilian Women’s Short Fiction*, organizada por Miriam Alves e Maria Helena Lima (2004). Além destes, muitos outros trabalhos têm sido apresentados e publicados no exterior sobre Conceição Evaristo e outras escritoras afro-brasileiras” (COSER, 2016, p. 17). A notoriedade de Evaristo no Brasil e no exterior se deve ao trabalho que essa vem desenvolvendo, produzindo obras que questionam a condição subalterna, principalmente, de muitas mulheres negras, que foram e ainda são as principais vítimas de estereótipos e preconceitos na literatura e na sociedade. Seu trabalho com a literatura vem atingindo tantos méritos que já há dissertação sobre a obra *Ponciá Vicêncio* defendida na Inglaterra. O trabalho intitula-se: “*The contemporary Afro-Female Identity in The United States and Brazil: comparative analysis between Toni Morrison’s Sula and Conceição Evaristo’s Ponciá Vicêncio*” realizado por Lílian Lopes, no ano de 2006, na Universidade de Sussex (COSER, 2016). Recentemente, no dia 2 de outubro de 2017, na Categoria Cultura, Conceição Evaristo venceu o Prêmio da Revista Claudia. Essas informações sobre os/as finalistas desse concurso estão disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/finalistas-premio-claudia-2017/>> Acesso em: 20 de nov. 2017.

lançada para comemorar os 70 anos da escritora. Organizados por Constância de Lima Duarte, Cristiane Cortês e Maria do Rosário Pereira, os ensaios presentes no livro são de diferentes pesquisadores/as que analisam a ficção de Conceição Evaristo.

Em entrevista concedida (2016) à Festa Literária Internacional em Paraty (FLIP), Evaristo afirma que são as indagações que a inquietavam ainda na infância que a levam a escrever, como: “a posição de subalternidade que minha família tinha diante das famílias brancas e ricas“ (EVARISTO, 2016). Conceição Evaristo não compreendia por que tinha que chamar a patroa de sua mãe de senhora, por ser uma pessoa mais velha, mas os filhos da patroa chamavam sua mãe pelo nome. Não entendia por que sua família trabalhava tanto e continuava muito pobre. Toda essa questão social causava inquietações na autora ainda na infância. Por conta disso, escreve obras em cujo centro estão sujeitos/as negros/as que resistem diante do cânone literário e da própria sociedade.

Evaristo, ao conceder entrevista ao jornal *O Globo*, fala sobre sua escrita, principalmente, em relação ao seu mais novo livro *Histórias de leves enganos e parecenças*²⁵ (2016):

Eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também. Nos textos do livro novo eu trago toda a memória ancestral, que já estava presente em *Ponciá Vicêncio* (EVARISTO, 2016, [s. p.]).

Conceição Evaristo tem feito da literatura um meio para refletir acerca da condição social, racial e humana da mulher, do homem, do adolescente e da criança negros/as. Em 2015, publica *Olhos d'água* pela editora Pallas e em parceria com a Biblioteca Nacional e da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, por meio do Edital de Apoio à coedição de Autores Negros. A obra é composta por quinze contos. Em sete deles, aborda a questão da violência contra o adolescente, a mulher e a criança como questão principal. Em sua maioria, a violência contra a mulher ocorre de forma diversificada, como violência psicológica, física e até mesmo violência coletiva em que uma das personagens é linchada por passageiros de um transporte coletivo, aqui já referido.

As personagens femininas que compõem esses contos são mulheres negras, habitantes de regiões periféricas, que precisam trabalhar para sustentar a família. Vítimas históricas

²⁵ Essa obra é permeada por marcas de ancestralidade, dessa forma, há uma presença marcante de características que remetem ao insólito e da tradição oral dos povos africanos e afro-brasileiros. Nela, também está presente uma crítica ao genocídio contra a população negra, na narrativa “Os guris de Dolores Feliciano.”

representam as camadas sociais menos privilegiadas, a base da pirâmide. As questões de gêneros, raça e subemprego, sustentam a obra.

Em entrevista a Biblioteca Nacional, em novembro de 2015, Conceição Evaristo foi indagada sobre quem são essas vozes descritas por ela e qual a relação com o público. Ela responde:

Por exemplo, o menino, vendedor de amendoim, em bares daqui da Cinelândia, ao me contar uma briga que ele havia tido com outro garoto, me inspirou a escrever o conto “Di Lixão”. São as crianças das favelas que morrem por balas perdidas que me inspiraram na escrita de outro texto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”. Foi da resistência dos povos africanos e de seus descendentes na diáspora que retirei outra inspiração “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”.

Cruzo com as pessoas que me inspiram no dia a dia, entretanto, em seu conjunto, dificilmente elas vão a esses livros para ler. Não só aos livros de minha autoria, mas à leitura em geral. Ainda há uma intensa precariedade de acesso ao livro como um objeto que deve ser apropriado por todas pessoas (EVARISTO, 2015, [s. p]).

Sua obra busca as vozes periféricas, são personagens que representam o que a autora chama de “escrevivência” (escrever a própria existência), pois são cotidianos permeados por violências. Por isso, a literatura de Evaristo é marcada por um brutalismo, que o professor Adélcio Cruz considera como “brutalismo poético” e afirma ainda: “A ‘escrevivência’ de Conceição Evaristo aponta, a partir de seu ‘brutalismo poético’ a permanência e reatualização da violência do passado que atua, ainda, como pesadelo” (CRUZ, 2015, [s. p]).

A obra *Olhos d’água* vem sendo recepcionada por um público leitor diversificado. Ela foi uma das obras indicadas para o vestibular da Universidade Estadual de Minas Gerais em 2015, além disso, foi apresentada no Salão do Livro de Paris. Em relação à literatura de Conceição Evaristo e sua importância no Brasil e no exterior, em entrevista, o professor Adélcio Cruz ressalta que:

O público leitor que ainda não teve a oportunidade de conhecer a literatura construída pelos textos de Conceição Evaristo pode começar pelo seu mais recente livro: “Olhos D’água”, publicado em 2014, [...] constituem um novo e intrigante mosaico de personagens e situações baseadas no cotidiano da comunidade negra/afro-brasileira urbana. É o que a própria escritora, sensação no recente Salão do Livro de Paris, denomina “escrevivência”, conceito-atitude que pode ser identificado em escritores como Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus e João Antônio, para citar apenas três exemplos (CRUZ, 2015, [s. p.]).

Adélcio Cruz enfatiza como são os/as personagens que compõem *Olhos d’água*, assim como a importância da linguagem criada pela escritora, pois essa é uma das peculiaridades de suas obras. O pesquisador nomeia-as como “palavras siamesas”: “O nome de uma de suas

mais contundentes de sua galeria de personagens, ‘Duzu-Querença’ (p. 31); ‘flor-criança’ (p. 46); ‘borboleta-menina’ e ‘dedos-desejos’ (p. 51); ‘ave-mãe’ (p. 55); ‘corpo-coração’, ‘gozodor’ e ‘jorro-d’água’ (p. 60)” (CRUZ, 2015, [s. p.]). As palavras siamesas criadas por Evaristo demonstram a riqueza de sua criação literária e mostram que a junção feita pela autora se constitui de uma estética peculiar que proporciona indagações e considerações diversas, que vão além daqueles significados presentes nos dicionários. Para compreendê-las há necessidade de uma interpretação das entrelinhas do texto, a partir do todo é possível concluir que, às vezes, uma palavra siamesa possui um valor semântico que pode definir as principais ideias da narrativa.

Após o lançamento de romances e de coletâneas de contos, Evaristo participa do Salão do Livro de Paris. O jornal *Folha de São Paulo* publicou uma reportagem em que a escritora expressa seu posicionamento sobre a receptividade de sua obra pelos leitores franceses. A autora afirma que, “A presença da negra fora das instâncias em que está acostumado a vê-la causa furor. [...] Não seria a mesma coisa se isto aqui [salão do livro] fosse um festival de gastronomia em que baianas estivessem preparando acarajés” (EVARISTO, 2015). Conceição Evaristo acrescenta ainda que, “Sei que no meu caso chamo a atenção porque não é muito comum uma escritora brasileira negra participar de uma feira internacional” (EVARISTO, 2015). De acordo com Evaristo, são esses os principais motivos para que sua obra ganhe destaque no evento, isto é, além do valor estético que ela possui, o fato de a autora ser negra contribui para que haja uma quebra de expectativa, por ser considerado algo “diferente”, já que existem estereótipos de que os lugares das mulheres negras e suas ocupações profissionais estão voltados para o ambiente doméstico.

Em relação às produções acadêmicas, em que a coletânea *Olhos d’água* é utilizada como *corpus*, foram encontrados dois artigos sobre o conto “Olhos d’água”. O primeiro publicado em *Anais do VIII Colóquio em Estudos Literários*, que tem como título “Ancestralidade e identidade em ‘Olhos D’água’, de Conceição Evaristo”, autoria de Eduardo Souza Ponce e Maria Carolina de Godoy. O segundo foi publicado em *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: tessituras, interações, convergências*, o trabalho tem como título: “A literatura afro-brasileira na sala de aula”, de Mariângela Monsore Furtado Capuano. Além desses, “Representações de gênero e afrodescendência na obra de Conceição Evaristo”, de Francineide Palmeira e Floretina Souza; “A violência contra a mulher negra no conto ‘Maria’, de Conceição Evaristo”, de Fernanda Balisa e Nismária David; “Duzu-Querença, Salinda e Luamanda: uma representação da violência contra a mulher em Olhos d’água, de Conceição Evaristo”, de Luciane Paim e Rosani Umbach; “Transformando a dor em exercício

de fala: memória, vulnerabilidade social e contranarrativa em contos de Conceição Evaristo”, de Denise Silva e Frederico Wetphalen; “Zaita a boneca negra se desfalecera em balas flores”, de Sávio Freitas e Camila Silva; “‘Até meu bem provar que não, negro sempre é vilão:’ racismo e sexismo em um conto de Conceição Evaristo”, de Maria Dolores Rodrigues; A violência sofrida pelas personagens nos contos Ana Davenga e Os olhos verdes de Esmeralda”, Luciana Priscila Carneiro; “Mulheres negras na contística feminina afro-brasileira: Conceição Evaristo”, de Rubenil Oliveira e Elio Ferreira; “Representações das mulheres negras nos ‘Cadernos Negros: os melhores contos’”, de Rubenil Oliveira e Elio Ferreira e “‘Ana Davenga’ e ‘Beijo na face’: empoderamento feminino e negro em personagens da antologia Olhos d’água”, de Lucimara Grando Mesquita e Rafaela Kelsen Dias. A maioria dos trabalhos encontrados são produções publicadas em 2016 e 2017. Alguns foram importantes para a construção dos capítulos em que são analisados os contos.

Como a referida obra é composta por quinze contos, em que alguns já haviam sido publicados em *Cadernos Negros*, há alguns trabalhos publicados sobre essas narrativas por teóricos/as que pesquisam há algum tempo sobre literatura afro-brasileira e, principalmente a literatura de Conceição Evaristo. Por exemplo, o artigo “Gênero e violência na literatura afro-brasileira”, da pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais, Constância Lima Duarte. Nesse trabalho, Duarte analisa a violência presente em alguns contos de Conceição Evaristo e outras escritoras de *Cadernos Negros*. O professor Eduardo de Assis Duarte, no artigo “O *Bildungsroman* afro-brasileiro de Conceição Evaristo”, tece alguns comentários sobre contos da autora, que posteriormente passariam a compor a obra *Olhos d’água*. Assis Duarte publica ainda “Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência”, em que busca uma análise comparativa entre o brutalismo da literatura de Evaristo a de Rubens Fonseca.

As obras de Evaristo abordam denúncias de como a sociedade age com sujeitos/as subalternizados/as, contribuindo para que esses/as continuem em sua condição de inferiorização, para que outros/as permaneçam no topo da hierarquia. Dessa maneira, buscar a visibilidade dessa população através do texto literário é um dos desafios da escritora, abordando assim novas possibilidades e olhares em relação ao homem, a criança e a mulher negros/as.

Portanto, concepções relacionadas ao gênero, à raça e à classe são essenciais para se pensar e analisar a literatura afro-brasileira escrita por mulheres. Pois, pode-se observar que os questionamentos e as críticas postas em xeque por essas sujeitas são tentativas de demonstrar o quanto a literatura apresenta uma atitude política. Assim como representa,

através da verossimilhança, as situações vividas pela população negra, que mesmo muito tempo após o período escravista, as inquietações propostas na “Carta”, do século XVIII e violências interseccionais vividas por Esperança Garcia, que também estão presentes na literatura de Maria Firmina dos Reis, dialogam com as violências e opressões das protagonistas de Miriam Alves e de Conceição Evaristo, autoras contemporâneas, demonstrando que há uma necessidade das sujeitas negras reivindicarem seus direitos e denunciarem, através da arte e/ou da militância, o sistema opressor.

3 VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM “DUZU-QUERENÇA” E “ANA DAVENGA”

As narrativas “Duzu-Querença” e “Ana Davenga” fazem parte dos quinze contos que integram a obra *Olhos d'água* (2015). Ambas já haviam sido publicadas em *Cadernos Negros*, a primeira no caderno de número 16, ano de 1993 (páginas: 29 a 37). A segunda no de número 18, ano de 1995 (páginas: 17 a 26)²⁶. Pelo fato de esses textos literários serem republicados depois de uma década, acredita-se que esteja relacionado com o seu valor estético, como também com uma atitude política da própria escritora, pois, ambos abordam problemáticas que realizam agudas críticas e denúncias a uma sociedade considerada opressora.

As violências diversificadas que perpassam as narrativas são cometidas por homens e mulheres e pela própria polícia, instituição que tem como um dos objetivos fazer a segurança da população. Discutir essa problemática através do texto ficcional contribui para uma reflexão sobre aquilo que acontece no dia a dia para além da visão simplificada causa-efeito quase sempre associada à perspectiva ou só de classe ou só racial, considerando que a população negra é a principal vítima de genocídio, e as mulheres negras ainda lideram os índices de violências domésticas, sexuais e feminicídio.

Conceição Evaristo afirma que as escritoras afro-brasileiras, através da literatura:

Buscam na história mal-contada pelas linhas oficiais, na literatura mutiladora da cultura e dos corpos negros, assim como em outros discursos sociais elementos para comporem as suas escritas. Debruçam-se sobre as tradições afro-brasileiras, relembram e bem relembram as histórias de dispersão que os mares contam, se postam atentas diante da miséria e da riqueza que o cotidiano oferece, assim como escrevem às dores e alegrias íntimas (EVARISTO, 2005, p. 206).

Partindo dessas concepções mencionadas por Evaristo, serão analisados dois contos que abordam algumas das problemáticas que assolam boa parte da população afro-brasileira, como a miséria, e, principalmente, a dor. Esta, que se torna cada vez mais presente em cada situação de violência vivenciada pelas sujeitas negras, que procuram maneiras de resistir diante das opressões, que estão relacionadas ao gênero e indissociáveis da raça e da classe, ocorrem cotidianamente na sociedade brasileira.

²⁶ Dados apresentados por Omar da Silva Lima em seu artigo, *Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente*. Disponível em: <<http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/43/critica6.pdf>> Acesso em: 29. mai. 2017.

3.1 Corpo criminalizado e explorado: Duzu, menina-mulher

A narrativa “Duzu-Querença” é o terceiro conto que compõe a obra *Olhos d'água*. Duzu é a protagonista, e, por meio de uma narradora onisciente seletiva múltipla²⁷, as informações vão surgindo em relação a sua trajetória. O conto inicia por meio de um *flashback*, em que a personagem principal já se encontra idosa e morando na escadaria de uma igreja.

Nas entrelinhas da narrativa, a narradora explica as razões pelas quais a protagonista tornou-se moradora de rua. Ainda menina, Duzu morava no interior, mas decide ir para a cidade. O objetivo era realizar um sonho não só dela, mas também de seu pai e de sua mãe, que era ter uma oportunidade de estudar. A viagem para a zona urbana em busca de estudos foi feita de trem, acompanhada pelos progenitores, “Quando Duzu chegou pela primeira vez na cidade, ela era menina, bem pequena. Viera numa viagem de trem, dias e dias. [...] A mãe já estava cansada. Queria descer no meio do caminho. O pai queria caminhar para o amanhã” (EVARISTO, 2015, p. 32). O sacrifício feito pelos pais era para que a filha tivesse uma vida melhor, como a própria narradora afirma, “O pai queria caminhar para o amanhã”. Através dos estudos, a menina Duzu poderia ter um futuro diferente do de seus pais. Caminhar para o amanhã seria acreditar que através do conhecimento a menina não teria a mesma vida que os pais tiveram. Seria ter a certeza de que a educação mudaria a realidade de Duzu e de sua família. Nessa caminhada, o sofrimento e as dificuldades diminuía porque o futuro traria novas possibilidades. O caminho para o amanhã é feito posteriormente por Duzu, quando, ao olhar para sua neta Querença, consegue vislumbrar e ter a certeza de que haverá dias melhores para a população negra. Essa atitude de resistência será discutida no próximo capítulo.

O pai de Duzu já tinha informações de que, “Na cidade havia senhoras que **empregavam meninas**. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria uma pessoa de muito saber. E a menina tinha sorte. Já vinha no rumo certo” (EVARISTO, 2015, p. 32 - grifos meus). Os empregos oferecidos eram apenas para meninas. Nesse caso, observa-se uma problemática relacionada ao gênero, porque apenas crianças do sexo feminino seriam vítimas desse trabalho infantil. Diferentemente de

²⁷ Baseado no livro *O foco narrativo: a polêmica em torno da ilusão* (2002), o narrador onisciente seletivo múltiplo traduz de forma semelhante os pensamentos, as ações e os sentimentos das personagens, permanecendo o discurso indireto livre e o “Os canais de informação e os ângulos de visão podem ser vários, neste caso” (LEITE, 2002, p. 46). Nesta análise, será utilizado o termo no feminino, “narradora”, pois apesar de não se encontrar explicitamente o gênero masculino ou feminino presente no texto, optou-se pelo feminino.

muitas crianças que têm a opção de dedicar-se apenas aos estudos, a protagonista tinha que conciliar estudos e trabalho. Dialogando com as discussões feitas no capítulo anterior em que bell hooks (2015) conceitua opressão como falta de opções, pode-se observar que desde muito cedo essa criança negra estava sendo oprimida, pois a ela faltou a opção de estudar, quando surge, vem acompanhada por trabalho. Além disso, trata-se de uma opressão que combina determinadas variáveis, como aponta Lugones (2014), quando se traça raça, colonização, exploração e capitalismo, há um entrelaçamento de subalternizações. Em relação à personagem de Conceição Evaristo, todas essas variáveis opressoras cruzavam constantemente a sua caminhada.

O emprego no ambiente doméstico que, muitas vezes, é uma forma de subalternização e opressão, atinge, em sua maioria, o público feminino. Porém, é necessária uma ressalva, pois as opressões contra as mulheres e crianças negras são ainda mais presentes. Argumentar a ausência de opções apenas pela variável de gênero seria uma tentativa de velar as questões raciais e classistas. Porque, ainda é a mulher negra que no mercado de trabalho, como fora discutido no capítulo anterior, ocupa os cargos, em sua maioria, com baixos salários e longas jornadas. Continuam sendo aquelas que menos têm acesso às universidades, restando como opção o trabalho no ambiente doméstico.

De acordo com Beatriz Nascimento, é através da educação que a população negra tem a chance de melhorar sua condição social, porque, em uma sociedade “Onde convivem elementos arcaicos com o processo de modernização, a educação representa um fator de pressão dos grupos subordinados, visando melhores condições de vida e ascensão social” (NASCIMENTO, 2006, p. 104). Morar na cidade para ter acesso à educação formal era a oportunidade da menina Duzu para futuramente obter uma profissão que oferecesse melhores condições de vida para ela e sua família.

Para Maria do Rosário Pereira, o conto se utiliza do artifício *flashback* em que “A violência acompanha a narrativa desde o princípio” (2016, p. 250). O que se pode considerar como violência desde o início da narrativa? A protagonista é vítima de violência estrutural²⁸,

²⁸ Segundo Minayo sobre violência estrutural, “Entende-se como aquela que oferece um marco à violência do comportamento e se aplica tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família como aos sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos, aos quais são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte” (MINAYO, 1994, p. 8). As próprias políticas de desigualdades, que são criticadas por Sueli Carneiro (2003), propõem-se pensar a mulher como categoria homogênea. A partir do momento que buscam contemplar as desigualdades de gênero se reportando apenas para esta problemática, esquecendo outros fatores que são indissociáveis nessa desigualdade como, por exemplo, raça e classe, estão excluindo sujeitas marginalizadas e propiciando novas violências. Na narrativa em análise, a protagonista compõe a base da estrutura econômica e social, por pertencer às variáveis inferiorizadas, é violentada e oprimida de maneiras diversificadas.

pois a ela fora negada a educação, e quando essa surge em sua vida, vem acompanhada de trabalho doméstico. Dessa forma, a condição de Duzu na cidade, sem o acompanhamento do pai e da mãe, vulnerabilizava-a a vivenciar diferentes opressões.

Ao chegar à cidade, não houve dificuldade para que a menina conseguisse trabalho, pois, “Uma senhora que havia arrumado trabalho para a filha de Zé Nogueira ia encontrar com eles na capital” (EVARISTO, 2015, p. 32). Duzu não seria a primeira criança vinda da zona rural para trabalhar na cidade, como a narradora deixa explícito. Qual seria a função exercida por Duzu na casa dessa senhora? “[Duzu] ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos” (2015, p. 32). O trabalho infantil²⁹ surge como a segunda subordinação, opressão da qual a protagonista foi vítima ao chegar à cidade. Além de ser uma ocupação com baixa remuneração, tratava-se de um trabalho doméstico, que geralmente é uma ocupação voltada para o público feminino. Beatriz Nascimento aponta que:

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e os papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, a grosso modo, não muda muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e **assuma empregos domésticos**, em menor grau na indústria de transformação, nas áreas urbanas e que permaneça como trabalhadora nas rurais (NASCIMENTO, 2006, p. 104 - grifos meus).

O trabalho doméstico é desenvolvido majoritariamente por mulheres. Muitas vezes, são jornadas exaustivas e baixos salários. Entende-se que essa é uma profissão que, em muitos casos, coloca a mulher no âmbito da subordinação, realizada por outra mulher (patroa), como argumenta Conceição Nogueira (2017). A partir das discussões de Nascimento, nota-se que, quando se aborda a problemática sobre mulher e o mercado de trabalho, há um agravante a mais a ser debatido em relação às ocupações da mulher negra. Para essa, a realidade do

²⁹ Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), as piores formas de trabalho infantil são: “a) todas as formas de escravidão ou práticas análogas à escravidão, como venda e tráfico de crianças, sujeição por dívida, servidão, trabalho forçado ou compulsório, inclusive recrutamento forçado ou obrigatório de crianças para serem utilizadas em conflitos armados; b) utilização, demanda e oferta de criança para fins de prostituição, produção de pornografia ou atuações pornográficas; c) utilização, recrutamento e oferta de criança para atividades ilícitas, particularmente para a produção e tráfico de entorpecentes conforme definidos nos tratados internacionais pertinentes; d) trabalhos que, por sua natureza ou pelas circunstâncias em que são executados, são suscetíveis de prejudicar a saúde, a segurança e a moral da criança” (2000). Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br/node/518>>. Acesso em: 20. mai. 2017. A partir dos dados da OIT é possível perceber que os trabalhos exercidos por Duzu compõem o rol não só dos trabalhos infantis, mas também daqueles considerados como os piores: servidão, trabalho forçado e posteriormente a exploração sexual.

período escravista para o pós-escravista no Brasil não trouxera muitas mudanças, pois as atividades desempenhadas por essas mulheres ou crianças ainda são aquelas em que a remuneração é muito inferior às jornadas de trabalho, assim como exercem profissões em que continuam na função de subordinadas. Em “Duzu-Querença”, apresenta-se à criança a opção do trabalho doméstico³⁰ ao invés da educação formal. Essa se encontra em um local longe de sua família e em condição de subalternidade, sem direito a questionar o que lhe fora imposto ou tentar se sobressair daquela situação, pois lhe faltam outras opções. Além de o trabalho infantil ser considerado crime, trata-se de uma exploração, pois a essa menina foram privados os sonhos de uma infância comum e um futuro melhor. A baixa remuneração enfatiza a exploração, como também demonstra trabalhos análogos àqueles realizados por mulheres e crianças negras na casa-grande no período escravista.

Sueli Carneiro afirma que as mulheres negras fazem parte “De um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, **empregadas domésticas** de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação” (2001 - grifos meus)³¹. A partir das discussões de Carneiro, nota-se que as empregadas domésticas, muitas vezes, são aquelas mantidas na condição de subalternização, enquanto isso, “libertam” as mulheres brancas para o mercado de trabalho no espaço público e formal. Por isso, a luta do movimento feminista hegemônico não contempla todas as sujeitas que são oprimidas, já que os tipos de opressões são distintos.

O pensamento de Sueli Carneiro contribui para uma reflexão de que a protagonista da narrativa de Conceição Evaristo representa estas sujeitas negras, que mesmo depois dos séculos de escravização continuam exercendo a subserviência e tendo os seus corpos, em muitas situações, explorados por sujeitos/as que se consideram superiores em relação a elas na hierarquia das relações de poder, seja por conta das variáveis: gênero, raça e classe, ou apenas pelas duas últimas.

O ambiente no qual essa criança trabalhava é descrito pela narradora como: “Era uma casa grande de muitos quartos. Nos quartos moravam mulheres que Duzu achava bonitas”

³⁰ Sobre o trabalho doméstico infantil Faleiros e Faleiros apontam que, “O trabalho doméstico, realizado geralmente por meninas, constitui frequentemente uma forma de exploração oculta [...]. Na maioria das vezes, as condições de vida e trabalho são inadequadas, muitas meninas dormem no emprego – condição que favorece uma jornada de trabalho extremamente alongada – e muitas chegam a sofrer humilhações e abusos sexuais” (FALEIROS, FALEIROS, 2007, p. 64). As discussões propostas pelo/a pesquisador/a são importantes para se pensar a condição da protagonista de “Duzu-Querença”, pois esta se encontra em um ambiente inadequado para crianças, longe da família, isto é, em situação de vulnerabilidade a abusos, violências e explorações.

³¹ Artigo apresentado no Seminário Internacional sobre Racismo, Xenofobia e Gênero, organizado por Lolapress em Durban, África do Sul, em 27 e 28 de agosto 2001. Publicado em espanhol na revista LOLA Press nº 16, novembro 2001.

(EVARISTO, 2015, p. 32). Apesar de possuir características de que se tratava de um prostíbulo, a menina, em sua inocência, não consegue identificar a princípio, apenas continua exercendo sua função e é advertida pela dona do local que: “A senhora tinha explicado a Duzu que batesse nas portas sempre. Batesse forte e esperasse o pode entrar” (EVARISTO, 2015, p. 32). Duzu demonstrou obediência à patroa, até que um dia se esqueceu das ordens:

Um dia Duzu esqueceu e foi entrando. A moça do quarto estava dormindo. Em cima dela dormia um homem. Duzu ficou confusa: por que aquele homem dormia em cima da moça? Saiu devagar, mas antes ficou olhando um pouco os dois. Estava engraçado. Estava bonito. Estava bom de olhar. Então resolveu que nem sempre ia bater nas portas dos quartos. Nem sempre ia esperar o pode entrar. Algumas vezes ia entrar-entrando. E foi no entrar-entrando que Duzu viu várias vezes homens dormindo em cima das mulheres. Homens mexendo em cima das mulheres. Gostava de ver aquilo tudo. Em alguns quartos a menina era repreendida. Em outros, era bem-aceita (EVARISTO, 2015, p. 32-33).

A menina Duzu estava diante de cenas de sexo explícito no local em que trabalhava, mas em suas atitudes pueris de “entrar-entrando” e ter a oportunidade de ser surpreendida com algo diferente, incomum e proibido de ser observado por uma criança, deixava Duzu instigada em continuar tomando essas atitudes. Nota-se que até o presente momento a protagonista não tinha sido exposta a situações como essas, pois, para ela, tratava-se de algo inédito e muito interessante de se contemplar. A curiosidade levava-a a subverter as ordens da patroa e permanecer realizando o seu trabalho de entrar nos quartos para limpar sem a permissão daqueles que se encontravam no interior do ambiente. Porém, em uma dessas subversões rotineiras, “Houve até aquele quarto em que o homem lhe fez um carinho no rosto e foi baixando a mão lentamente... a moça pediu que ele parasse. Não estava vendo que ela era uma menina? O homem parou” (EVARISTO, 2015, p. 33).

Nessa cena, Duzu fora vítima do primeiro abuso sexual³² em seu ambiente de trabalho, para deixá-la instigada a voltar outras vezes, “Ele pegou a carteira de dinheiro e deu uma nota para Duzu” (2015, p. 33). A forma como o homem agiu, aproveitando-se da ingenuidade da menina, demonstra que ela se encontra em uma situação de vulnerabilidade, pois além de está desprotegida da figura de um adulto, principalmente, pai ou mãe, e sujeita às mais diversas violências, na sua ingenuidade é incapaz de perceber que se trata de atos violentos. Agradar a criança era uma maneira “carinhosa” de levá-la a situações de abusos mais violentos.

³² De acordo com os/as pesquisadores/as Faleiros e Faleiros “O abuso sexual contra crianças e adolescentes é um relacionamento interpessoal sexualizado, privado, de dominação perversa, geralmente mantido em silêncio e segredo” (FALEIROS; FALEIROS, 2007, p. 39).

Voltou ali noutro dia no entrar-entrando. Não era o mesmo. Saiu desapontada e triste. Passados alguns dias voltou a entrar de supetão. Era ele. Era o homem que lhe havia feito um carinho e lhe dado dinheiro. Era ele que estava lá. Estavam os dois nuzinhos. Ele em cima, parecendo dentro da mulher. Duzu ficou olhando tudo. Teve um momento em que o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois (EVARISTO, 2015, p. 33).

No trecho supramencionado, os “carinhos” feitos pelo homem já estavam se intensificando, ele continuava agindo friamente e seduzindo a criança, para que ela ficasse cada vez mais próxima. Vicente Faleiros e Eva Faleiros apontam que quando se trata do abuso sexual contra crianças e adolescentes, “Começa por um processo de sedução, que consiste na conquista sutil, que anula a capacidade de decisão da vítima, e acaba em sua dominação e aprisionamento” (FALEIROS; FALEIROS, 2007, p. 40). Em “Duzu-Querença”, o agressor realiza exatamente este procedimento de iniciar seduzindo a vítima, pois se com o primeiro carinho e com um pouco de dinheiro a menina voltou, era necessário que ele mantivesse aquela estratégia para aproximá-la.

Na narrativa em análise, Duzu se encontrava distante da família, os atos de violência por parte do agressor, aqueles toques indevidos em seu corpo, podem ter sido compreendidos por ela como algum tipo de afeto. A menina gostava de receber aquelas carícias e, mais ainda, do dinheiro que era dado após a situação de abuso, pois a pequena doméstica era mal remunerada pela sua patroa. A condição vivida por Duzu levava-a a continuar sendo abusada, sem perceber que tudo aquilo era uma situação de violência, visto que aparentemente era bem tratada pelo agressor.

As cenas de violências que, pela sua ingenuidade, eram compreendidas como afetividade, podem se aproximar do texto “Vivendo de amor”. Bell hooks aborda alguns questionamentos pertinentes sobre o legado da escravidão, cuja uma das funções foi contribuir para a permanência da ausência de afetos, que ainda hoje muitos/as sujeitos/as negros/as sentem dificuldade de demonstrar uns/umas para com os/as outros/as, porque “Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor” (HOOKS, 2010, [s. p.]). Duzu, ainda criança, teve que se desvencilhar dos laços amorosos paternos e maternos para seguir em busca de melhores condições através da educação. Nessa

trajetória, o amor não foi vivido de forma intensa, por conta disso, qualquer atitude de alguém que não se assemelhasse à grosseria, poderia ser interpretado como afetividade.

Na tentativa de reencontrar aquele homem afetuoso e que sempre lhe dava dinheiro, a menina volta ao mesmo local diversas vezes, até que um dia:

Duzu voltava sempre. Vinha num entrar-entrando cheio de medo, desejo e desespero. Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar. Ganhava mais e mais dinheiro. Voltava e a moça do quarto nunca estava (EVARISTO, 2015, p. 33).

Os abusos sexuais que vinham sendo cometidos por esse homem chegaram a um estágio mais grave de violência sexual³³, o estupro. Nessa cena, pode-se analisar que a menina é preparada psicologicamente por seu algoz, já que ele estava realizando uma espécie de sedução. A personagem Duzu é analisada por Aline Arruda como aquela que “Descobre sua sexualidade de uma maneira difícil: [...] os pais a entregam a uma cafetina que empregava meninas do interior para trabalhos domésticos” (2016, p. 243). A sexualidade de Duzu foi vivida desde muito cedo de forma violenta, pois se tratava de uma relação de poder exercida pelo outro em relação ao seu corpo. Em relação à sexualidade, Luiza Bairros argumenta que: “Entendida como forma de poder que transforma a mulher em objeto sexual do homem como experiência capaz de unificar todas as mulheres. Dessa perspectiva a mulher tende a ser interpretada como vítima de um poder definido como intrinsecamente masculino” (2014, p. 183). A partir das violências praticadas contra Duzu, e relacionando com as discussões de Bairros, observa-se que a personagem é tratada como um objeto, uma coisa³⁴, e que sua sexualidade é descoberta e vivida de forma brutal, pois os/a outros/a (homens que frequentavam o bordel e a dona do estabelecimento) eram detentores/a do poder no que diz respeito ao corpo e à sexualidade da menina.

³³ Segundo Faleiros e Faleiros, “A violência sexual pode acontecer de várias formas: através do contato físico, ou seja, por meio de carícias não desejadas, penetração oral, anal ou vaginal, com o pênis ou objetos, masturbação forçada, dentre outros; e sem contato físico, por exposição obrigatória a material pornográfico, exibicionismo, uso de linguagem erotizada em situação inadequada” (2007, p. 39). Na narrativa, Duzu, *a priori* é violentada com carícias e explorada, pois recebe dinheiro do seu agressor, posteriormente, ocorre penetração e agressões mais violentas contra seu corpo.

³⁴ Sobre a questão da violência, em sua mais recente obra *Sobre a violência*, Marilena Chauí afirma que: “A violência não é percebida ali mesmo onde se origina e ali mesmo onde se define como violência propriamente dita, isto é, como toda prática e toda ideia que reduza um sujeito à condição de coisa, que viole interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetue relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural, isto é, de ausência de direitos” (CHAUI, 2017, p. 41). A partir das discussões propostas pela pesquisadora é possível perceber que a personagem Duzu é reduzida a objetificação que proporciona o prazer do outro, o interior e exterior dessa sujeita negra foram violados, pois ela não era vítima apenas de violência física, mas também psicológica.

Caracterizar todas essas questões como violência exige uma busca por conceituações que dialoguem com o texto literário, sobre esse termo, Marilena Chauí aponta as seguintes concepções:

Entenderemos por violência uma realização determinada das relações de força, tanto em termos de classes sociais quanto em termos interpessoais. Em lugar de tomarmos a violência como violação e transgressão de normas, regras e leis preferimos considerá-la sob dois outros ângulos. Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de assimetria numa relação hierárquica de desigualdade com fins de **dominação, de exploração e de opressão**. [...] Em segundo lugar, como a ação que trata um ser humano não como sujeito, mas como uma **coisa**. Esta se caracteriza pela inércia, pela **passividade** e pelo **silêncio**, de modo que, quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência (CHAUÍ, 1985, p. 35 – grifos meus).

Nas situações de violências analisadas em “Duzu-Querença”, há uma presença marcante de uma relação de poder não só por parte do frequentador do bordel, como também da patroa da protagonista. Nas hierarquias existentes, Duzu está em uma escala assimetricamente inferior a do/a seu/a agressor/a. Esse estado de inferioridade pode ser pensado pela perspectiva de gênero, porque a mulher, nas relações de poder, é considerada inferior ao homem, mas isso não a isenta de, em outro momento, exercer o poder em relação à outra mulher.³⁵ Nesse caso, tem-se uma menina que se tornou mulher de uma maneira violenta. A situação de vulnerabilidade da protagonista é apresentada desde o momento que ela deixa o ambiente familiar para ir morar na cidade e trabalhar como doméstica em um prostíbulo. Porém, através dessa trajetória, nota-se que as violências praticadas contra o corpo e a mente de Duzu possuem mais duas variáveis de análise além da questão de gênero, pois se trata de uma menina, negra e de uma classe menos favorecida, isto é, vítima de violências interseccionais. Para Crenshaw: “A intersecção do racismo e do sexismo afeta as vidas das mulheres negras de maneiras que não podem ser capturadas completamente examinando as dimensões de raça ou gênero dessas experiências separadamente” (CRENSHAW, 1995, [s. p.]). Gênero, raça e classe são considerados como termos indissociáveis, segundo Lugones: “La ininterseccionalidad revela lo que no se ve cuando categorías como género y raza se

³⁵ María Lugones, ao discutir sobre colonialidade de gênero, aponta que a colonização, ao criar suas hierarquias, prioriza o eurocentrismo como humano, sendo que aqueles/as que foram colonizados/as são considerados/as não humanos/as: “Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontavelmente sexuais e selvagens” (LUGONES, 2014, p. 936). Dialogando com as concepções de colonialidade de gênero, pode-se argumentar que há uma hierarquia que coloca Duzu na condição de subjugada.

conceptualizam como separadas umas de outra”³⁶ (2008, p. 81). Dessa forma, as violências contra Duzu podem ser analisadas como interseccionais, pois há um cruzamento de opressões, que não podem ser analisado separadamente. Por isso, explorar apenas a problemática de gênero como categoria de análise é tentar reduzir a abrangência das práticas e consequências geradas pelas opressões e explorações, cujas vítimas são mulheres, negras e de regiões periféricas.

As violências sexuais, o silenciamento por parte de Duzu, demonstram que se trata de uma menina negra “Coisificada” pelo/a dominador/a. Como aponta Sueli Carneiro: “São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular” (2001). Desde o período colonial, as sujeitas negras são analisadas através de estereótipos e consideradas como objetos, coisas. Por conta disso, as violências perpetradas contra elas são mais agudas do que aquelas contra as mulheres brancas, já que para aquelas, as violências possuem uma relação indissociável com gênero, raça e, muitas das vezes, classe. Sobre as violências relacionadas a mulheres negras, Conceição Evaristo analisa que:

A violência que as mulheres negras sofrem na sociedade brasileira não se restringe ao campo simbólico somente. No dia a dia, na luta pela sobrevivência, infinitas barreiras são colocadas diante delas. Dados sobre feminização da pobreza no Brasil revelam que a maior incidência de carência econômica e de todas as consequências advindas dessa condição recaem sobre as mulheres negras. São essas mulheres que, majoritariamente, trabalham em mercados informais ou em serviços domésticos, recebendo os mais baixos salários (EVARISTO, 2016, p. 107).

Duzu vivencia as primeiras violências quando lhe faltam oportunidades, que em uma sociedade desigual em termos de gênero, raça e classe, não oferece as mesmas chances de melhores condições de vida, como por exemplo, educação, saúde, segurança e moradia. A ausência de direitos básicos, que deveriam ser oferecidos a todos/as os/as brasileiros/as, levam a menina a ser explorada, – inicialmente por questões econômicas, no que diz respeito ao seu trabalho como doméstica, e, posteriormente, pela exploração do próprio corpo – em um ambiente inadequado para ser frequentado por crianças.

A personagem Duzu já estava sendo violentada por um homem que frequentava o bordel, ambiente no qual a menina inicia o trabalho como doméstica. Posteriormente, as explorações são feitas por uma mulher, a dona do estabelecimento. Ao saber que a menina

³⁶ “A interseccionalidade revela o que não é visto quando categorias como gênero e raça são conceitualizadas separadas um da outra” (minha tradução).

estava recebendo dinheiro através da exploração de seu corpo, ela fica irritada e coloca a seguinte sujeição:

Um dia quem abriu a porta de supetão foi D. Esmeraldina. Estava brava. Se a menina quisesse deitar com homem podia. Só uma coisa ela não ia permitir: mulher deitando com homem, debaixo do teto dela, usando quarto e cama, e ganhando dinheiro sozinha! Se a menina era esperta, ela era mais ainda. Queria todo o dinheiro e já! Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e porque parar. Dona Esmeraldina arrumou um quarto para Duzu, que passou a receber homens também. Criou fregueses e fama (EVARISTO, 2015, p. 34).

O trecho mencionado é o momento em que a menina-mulher consegue compreender tudo o que tinha acontecido em sua vida desde quando saiu da casa de seu pai e de sua mãe. A promessa de uma oportunidade de estudar era ofertada apenas para meninas negras, como fora observado em fragmentos anteriores. Esse já é um aspecto relevante a ser pontuado, pois somente o sexo feminino era vítima das violências praticadas por Dona Esmeraldina, já que suas escolhas estavam voltadas para explorações específicas: trabalho doméstico e exploração sexual.

Quando a proprietária do bordel surpreende a menina e estabelece regras para que ela continue o seu trabalho/exploração, Duzu encontra resposta para suas indagações. Compreende as razões pelas quais suas expectativas foram frustradas em relação ao acesso à educação formal, restando-lhe apenas o trabalho doméstico mal remunerado. Como também compreendeu o fato de a patroa tolher-lhe de visitar os familiares.

Apesar de ela ter entendido sua vida, que estava submetida e era obrigada a continuar naquele estado de exploração, a ela não restava outra saída, outras opções, “Ia entrar-entrando sem saber quando e porque parar” (EVARISTO, 2015, p. 34). Seria essa a sua condição e não havia perspectivas para que um dia essa realidade mudasse, uma vez que nem à educação formal ela teve acesso. Por isso, sua “fama” surgiu através da prostituição, foi a única forma de sobrevivência que restou à protagonista.

É nesse ambiente hostil que a menina é violentada não só pelos frequentadores do bordel, mas também pela proprietária. Conceição Nogueira, ao tecer considerações sobre a interseccionalidade na psicologia feminista, aborda que existem situações em que mulheres podem oprimir outras mulheres, essas acontecem de variadas formas: “Mulheres oprimem mulheres, alguns grupos de mulheres escravizaram mulheres, algumas foram e são empregadas

de limpeza de outros grupos e outras mulheres tomaram conta de crianças de outras mulheres” (NOGUEIRA, 2017, p. 151-152). No conto em análise, Dona Esmeraldina oprime Duzu quando não respeita os direitos da menina, esses são negados desde o princípio: Duzu não tem acesso à educação, desde criança trabalha como doméstica e, posteriormente, tem seu corpo explorado. A situação vivida pela protagonista é de subalternidade, opressão e violência.

A educação formal não era necessária para as funções que seriam desempenhadas por Duzu. Segundo Conceição Evaristo (2016), as profissões destinadas quase que exclusivamente às sujeitas negras e a dificuldade de acesso à educação possuem um legado do período escravista, já que as ocupações exercidas pelas mulheres negras não exigiam um grau de instrução elevado. Pode-se analisar que Duzu é só mais uma vítima do sistema brasileiro que reproduz discursos eurocêntricos, subjugando todos/as que não compõem o topo da hierarquia. Duzu não tivera muitas opções desde pequena, não só por ser do sexo feminino, mas também por ser negra e pobre, como demonstra Evaristo ao discutir sobre a educação e profissão de sujeitas negras.

Nos fragmentos da narrativa a narradora relata como a protagonista ficou por muito tempo no estabelecimento que começou a trabalhar e ser explorada prematuramente:

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida (EVARISTO, 2015, p. 34).

A personagem não era a única vinda da zona rural que vivia em condições difíceis na cidade por falta de possibilidades de escolhas. Ela também compartilhava a dor com outras mulheres que eram vítimas de violências, as situações violentas observadas no dia a dia tornaram-se familiares, pois se tratava de algo que não cessava. Relacionado às práticas de violência contra a mulher, Diva Muniz argumenta que:

Os atos de violência – sexual, física, moral, psicológica e patrimonial – contra as mulheres expressam o exercício de poder, opressão e dominação masculinas. Encontram-se abrigados na/pela lógica sexista, configuradora da cultura machista. Não por acaso, como defendem as feministas, o sexismo precisa ser denunciado, exposto, demonstrado, desterritorializado, para ser destruído. Afinal, é justamente devido ao tal viés que ainda persistem a dificuldade e a resistência em reconhecer que as relações entre e dos gêneros não são inscritas na natureza, mas são frutos da cultura; são construções históricas. E, como tais, passíveis de transformação (MUNIZ, 2017, p. 38-39).

O sexismo é considerado pela pesquisadora como o principal responsável para que os homens perpetuem violências contra as mulheres. Em “Duzu-Querença” é possível observar que muitas das situações de violência da qual a garota é vítima possuem uma relação com o sexo biológico, isto é, estão relacionados diretamente ao gênero. Porém, propor que atitudes sexistas são as únicas responsáveis por explorações sexuais, estupros e opressões diversas, é uma tentativa de universalizar subalternizações distintas que acontecem com mulheres e que, muitas vezes, estão relacionadas com a raça a qual são pertencentes. Segundo bell hooks, para as mulheres negras, “O sexismo era insignificante à luz da severa e mais brutal realidade do racismo” (2014, p. 5). A protagonista Duzu vivencia violências diversificadas, pois sua condição de pertencer ao sexo feminino já proporcionava muitas delas, mas o fato de ser uma menina negra contribuiu para que os estigmas fossem mais agudos, visto que ela possuía três variáveis, que são consideradas inferiores nas hierarquias, menina-negra-pobre.

Portanto, na narrativa “Duzu-Querença” tem-se uma protagonista menina-mulher, pois ainda na infância tivera seu corpo explorado e criminalizado no ambiente de trabalho. Através do conto, pode-se observar que as mulheres negras ainda compõem o rol do trabalho doméstico, assim como das várias situações de violências e explorações. Por isso, há uma necessidade de uma produção literária atuante e militante que questione e problematize esta condição de inferioridade e de corpo-objeto.

3.2 Antes Ana, depois Ana Davenga: violências institucional, doméstica e genocídio

A segunda narrativa que compõe *Olhos d'água* tem como título “Ana Davenga”. Uma das características dos contos de Evaristo, como também de um dos seus romances, é a questão do nome. Muitos dos seus textos literários possuem títulos homônimos aos de seus/suas protagonistas. Sobre a narrativa em análise, é possível observar que a protagonista chama-se apenas Ana, posteriormente adota o nome de seu companheiro, Davenga.

A protagonista era uma jovem de vinte e seis anos, prestes a completar vinte e sete, e, de acordo com a narrativa, vivia sozinha e gostava de se divertir em uma roda de samba, até o dia em que conhece Davenga, “Só quando a bateria parou foi que Ana também parou e se encaminhou com as outras para o banheiro. Davenga assistia tudo. Na volta ela passou por ele, olhou-o e deu-lhe um largo sorriso. Ele criou coragem. Era preciso coragem para chegar a uma mulher” (EVARISTO, 2015, p. 25). O personagem Davenga é apresentado como o chefe

do crime da favela em que morava, porém, para se aproximar de uma mulher como Ana era necessário ter coragem. O envolvimento entre ele e ela surge desde o primeiro momento, pois ao vê-la de perto, “Davenga se emocionou. Lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina. Daquelas mulheres todas que ele não via há muitos anos, desde que começara a varar o mundo” (EVARISTO, 2015, p. 25-26). A presença daquela mulher remete o personagem à sua ancestralidade, porque através de Ana, ele consegue lembrar das mulheres de sua família, representando toda uma nostalgia daquela época que vivera em Minas Gerais.

A relação entre o personagem e a protagonista foi construída instantaneamente e de forma intensa, “Ana, a bailarina de suas lembranças, bebeu água enquanto Davenga enamorado tomava a cerveja, sem sentir o gosto do líquido. Quando terminou, pegou na mão da mulher e saiu” (EVARISTO, 2015, p. 26). O relacionamento estável dos dois fora realizado ainda no primeiro encontro, “Desde aquele dia Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga. Não perguntou de que o homem vivia. Ele trazia sempre dinheiro e coisas” (EVARISTO, 2015, p. 26). A relação entre Ana e Davenga dialoga com as discussões propostas por Beatriz Nascimento no texto “A mulher negra e o amor”, ela aborda que:

A profunda desvantagem em que se encontra a maioria da população feminina repercute nas suas relações com o outro sexo. Não há a noção de paridade sexual entre ela e os elementos do sexo masculino. Essas relações são marcadas mais por um desejo amoroso de repartir afeto, assim como o material (NASCIMENTO, 2006, p. 128).

A partir das concepções de Beatriz Nascimento é possível observar que essa relação fora marcada, de certa forma, pela necessidade de afeto de ambas as partes. Ao longo da narrativa, a narradora³⁷ não deixa explícito se a protagonista possuía algum laço familiar ou relacionamento com alguém, o que contribui para que se chegue à conclusão de que havia uma necessidade de afetos por parte de Ana. Davenga já havia se envolvido com outras mulheres, mas foi Ana quem despertou nesse homem algo que até então nenhuma mulher tinha conseguido.

A protagonista apegou-se àquele homem de tal forma que toma a seguinte decisão, “Ana resolveu adotar o nome dele [Davenga]. Resolveu então que a partir daquele momento se chamaria **Ana Davenga**. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome” (EVARISTO, 2015, p. 26-27 – grifos meus). A adoção do nome do companheiro foi uma

³⁷ A utilização do termo no feminino está relacionada à análise feita por Constância de Lima Duarte, “A voz narrativa [no conto “Ana Davenga”] é feminina e fala de dentro dos sentimentos e das apreensões da personagem” (DUARTE, 2010, p. 231).

decisão que partiu da própria protagonista. Porém, ao buscar teorias que dialogam sobre essa questão, Marilena Chauí argumenta que: “[...] as mulheres de Roma não possuíam prenome ou nome próprio, sendo designadas pelo pai com desinência feminina” (CHAUÍ, 1985, p. 27). Há uma historicidade que explica a construção do nome feminino, pois a mulher é considerada, um ser para o outro (pai, esposo). Nesse sentido, é possível observar que existe no contexto uma variável de gênero em questão, pois não foi Davenga que decidiu adotar o nome de Ana, mas sim ela que queria uma marca de seu companheiro em sua identidade, em seu próprio nome.

Carlote Pateman salienta que “As mulheres são incorporadas a uma esfera que ao mesmo tempo faz e não faz parte da sociedade civil, mas que está separada da esfera ‘civil’” (1993, p. 28). Para a mulher fazer parte dessa sociedade civil é necessário estabelecer um contrato, que também é chamado de casamento, isto é, cabe a ela adotar o nome civil do esposo, com isso, é possível perceber que é a partir da apropriação desse nome masculino junto ao seu que ela poderá ser socialmente aceita.

Cantarelli *et al* (2013), ao analisar o nome civil presente no Código Civil Brasileiro (1916), aborda que: “O sobrenome do marido, que a esposa passava a usar, funcionava como um carimbo a mostrar que ela tinha um dono e senhor” (Cantarelli *et al*, 2013, [s.p.]). Pode-se compreender que a adoção do nome do companheiro por parte de Ana foi uma maneira de sentir-se carimbada por este homem, aceita pela sociedade, como também pelos próprios homens que realizavam trabalhos ilícitos juntamente com Davenga. A marca carregada por Ana Davenga causava medo nos subordinados de seu homem,

Ele [Davenga], entretanto, queria dizer mais alguma coisa: qualquer um que bulisse com ela [Ana] haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado. Os amigos entenderam. E, quando o desejo aflorava ao vislumbrar os peitos-maçãs salientes da mulher, algo como uma dor profunda doía nas partes de baixo deles. O desejo abaixava então, esvanecendo, diluindo a possibilidade de ereção do prazer. E Ana passou a ser quase uma irmã que povoava os sonhos incestuosos dos homens comparsas dos delitos e dos crimes de Davenga (EVARISTO, 2015, p. 22).

Ana tornou-se uma mulher respeitada, pois pertencia ao chefe do local, isso contribuía para que os homens que trabalhavam com Davenga, assim como os demais que habitavam aquela região, passassem a tratá-la com devida consideração. Vale ressaltar que, apesar dessas ordens ditadas pelo chefe para que os seus subordinados tivessem pela protagonista apenas apreço, a ideia de pertencer, de ser marcada por esse homem, parte de Ana. É ela quem decide

realizar essa mudança em sua identidade. Se a identidade é aquilo que contribui para definir uma pessoa, a partir daquele momento, essa mulher não viveria mais sua individualidade.

Em vários fragmentos da narrativa, a narradora explicita o sentimento de posse também realizado por Ana em relação ao seu companheiro, porque mesmo Davenga não adotando o nome da companheira, ela se referia ao mesmo utilizando pronomes possessivos, “Todos entraram, menos o seu [Davenga]. [...] Por onde andava o seu homem? Por que Davenga não estava ali? (EVARISTO, 2015, p. 21-22). Quando Ana Davenga expressa ter posse do homem (Davenga), ela subverte a ordem social instituída e fixada pelo discurso histórico. Segundo esse mandamento, é o homem o detentor da mulher, quem tem sua propriedade e direito institucional. A ele cabe conquistar o mundo e tudo o que o constitui. Mas Ana inverte a regra e se posiciona num lugar de posse, de dona desse homem também. É nesse momento que Conceição Evaristo toca na continuidade da história e insinua um outro olhar sobre esse mandamento e sobre a própria sociedade.

Em “Ana Davenga” pode-se analisar que as marcas deixadas na protagonista, por conta de ela pertencer a um chefe de atos ilícitos, têm consequências extremamente violentas em sua vida, como por exemplo, a violência institucional que ocasionará em um genocídio. Essa narrativa a princípio não aborda a problemática da violência, mas, implicitamente, vai deixando indícios de que ela irá acontecer a qualquer momento. O primeiro caso que pode ser observado é quando Davenga conta a sua amada sobre um caso de violência doméstica, feminicídio, desencadeado por ele.

Davenga conhece Maria Agonia no dia em que vai visitar um amigo na cadeia, a moça era filha de pastor e sempre ia aquele local levar a palavra de Deus para os/as encarcerados/as. Os dois passaram a se encontrar escondido/a, porém houve uma divergência entre ambos/as quando Davenga decide fazer uma proposta à jovem, “Um dia ele se encheu. Propôs que ela subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos os perigos. Deixasse a Bíblia, deixasse tudo” (EVARISTO, 2015, p. 27). A reação da mulher rompeu com as expectativas de Davenga, “Maria Agonia reagiu. Vê só se ela, crente, filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um bandido? Davenga se revoltou. Ah! Então era isso? Só prazer? Só o gostoso? Só aquilo na cama?” (EVARISTO, 2015, p. 28). A atitude de Davenga diante da situação foi resolvê-la a partir da violência, o chefe não o fez, mas mandou assassiná-la. No dia seguinte, nos jornais: “Filha de pastor apareceu nua e toda perfurada de balas. Tinha ao lado do corpo uma Bíblia. A moça cultivava o hábito de visitar os presídios para levar a palavra de Deus” (EVARISTO, 2015, p. 28).

Lourdes Maria Bandeira, em seu artigo “Violência, gênero e poder: múltiplas faces” aponta que, “Em seu livro *O segundo sexo*, de 1949, Simone Beauvoir escreveu: ‘Ninguém nasce mulher; torna-se mulher.’ A sua frase poderia ser parafraseada: Não se nasce mulher, mas se morre por ser uma mulher! E, nesse caso, as estatísticas falam por si” (2017, 17). Nesse sentido, o caso da personagem de Conceição Evaristo, Maria Agonia, representa o comportamento de uma sociedade machista. Observa-se que essa violência é uma problemática de gênero, um crime de feminicídio. A jovem foi morta por ser mulher.³⁸ A masculinidade ferida de seu amante foi mais forte, a ponto de não suportar uma rejeição. Pois, “Ele sentiu-se usado, numa situação inversa ao que em geral acontece em nossa sociedade, na qual é a mulher que se sente ‘usada’. Como macho, Davenga não pode suportar” (NASCIMENTO, 2016, p. 261). No entanto, o homem chefe do crime que dita as regras e todos obedecem, a partir do momento que ele é contrariado, decide agir com violência demonstrando seu poder em relação à mulher. Sabe-se que na narrativa há também a questão da hipocrisia, pois a moça era evangélica e possuía uma imagem a ser zelada: pura, caridosa, pregadora da palavra de Deus. Porém, ocultamente saciava seus prazeres sexuais com Davenga. Diante de toda a situação vivida pelo amante, tirar a vida de Maria Agonia não era a melhor solução, mas sim um ato de relação de poder que o homem mostra exercer sobre a mulher. Marilena Chauí aponta que:

Violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror. A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos e inertes ou passivos (CHAUÍ, 1999, [s.p.]).

Maria Agonia, para Davenga, não passou de um objeto que poderia ser usado e descartado. Essa mulher teve importância em sua vida até o momento que possuía alguma utilidade para ele, que era o prazer sexual, no instante em que ela recusa um convite, ele decide violentá-la e humilhá-la da pior forma. De acordo com Marilena Chauí, “O racismo, o

³⁸ Marilena Chauí, ao discutir sobre o mito da não violência brasileira, aponta que: “A inversão do real [surge] graças à produção de máscaras que permitem dissimular comportamentos, ideias e valores violentos como se fossem não violentos. Assim, por exemplo, o machismo é colocado como proteção à natural fragilidade feminina, proteção que inclui a ideia de que as mulheres ser protegidas de si próprias, pois, como todos sabem, o estupro é um ato feminino de provocações e sedução” (CHAUÍ, 2017, p. 41). Nesse sentido, refletindo a partir das discussões de Chauí, o que Davenga relata a Ana sobre o crime por ele cometido está baseado nesse discurso machista de culpabilizar a mulher por determinados atos de violências que as vitimam. A personagem deixa explícito que Maria Agonia tinha lhe provocado para manter relações sexuais e posteriormente não obedece suas regras. A única explicação que pode ser dada para esse crime, é que se trata de um feminicídio, o homem que é considerado o detentor da mulher, acha-se no direito de violentá-la como lhe convém.

sexismo, as intolerâncias religiosa, sexual e política não são considerados formas de violência” (CHAUÍ, 1999, [s.p.]). Se o sexismo não for considerado como um ato de violência, o crime cometido contra Maria Agonia pode ser analisado apenas como um assassinato, porém, sabe-se que essa violência está incluída no rol da violência contra a mulher, crime de feminicídio³⁹.

O feminicídio cometido pela personagem é contado por ele para sua companheira: “Nem no dia em que Davenga, de cabeça baixa, lhe contara o crime [assassinato de Maria Agonia], ela tivera medo do homem” (EVARISTO, 2015, p. 28). Ana sabia dos perigos que aquele relacionamento oferecia, “[Ana] sabia dos riscos que corria ao lado dele. Mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver” (EVARISTO, 2015, p. 26). Se a própria vida já oferecia riscos contínuos, principalmente a essa protagonista: mulher, negra e favelada, por isso, continuar ao lado de um criminoso não mudaria muitas coisas na sua arriscada trajetória pela sobrevivência.

A coragem de Ana, o pertencimento dela ao Davenga, a misoginia e o racismo são algumas das explicações dadas, para a situação extrema que acontece no dia em que seu companheiro decide fazer para ela uma festa de aniversário surpresa. Era a comemoração de duas vidas, Ana completando vinte sete anos e grávida:

Ana Davenga alisou a barriga. Lá dentro estava a sua [criança], bem pequena, bem sonho ainda. As crianças, havia umas que de longe ou às vezes de perto, acompanhavam as façanhas dos pais. Algumas seguiriam pelas mesmas trilhas. Outras, quem sabe, traçariam caminhos diferentes. E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah, isto pertence ao futuro. Só que o futuro ali chegava rápido. O tempo de crescer era breve. O de matar ou morrer chegava breve, também. E o filho dela e Davenga? (EVARISTO, 2015, p. 29).

Aquele sonho que estava na barriga de Ana, que nem o pai ainda sabia da existência dele, era motivo de alegria em sua vida, como também de tristeza, porque as dúvidas eram muitas, ele/a poderia ter um futuro melhor, ou seguir o caminho do pai. Outras inúmeras possibilidades talvez surgissem no caminho dele/a, se ele/a tivesse a oportunidade de crescer, já que a criança conviveria em um ambiente traçado por uma linha tênue entre vida e morte, que era a favela onde habitavam. Ainda nessa noite, após os/as convidados/as da festa de

³⁹ Partindo das discussões de Damásio de Jesus que considera: “Feminicídio: entender-se-á por feminicídio o assassinato de mulheres por razões associadas ao seu gênero (sua condição de mulher). Pode assumir duas formas: feminicídio íntimo e feminicídio não íntimo” (JESUS, 2015, p. 14). Pode-se concluir que o feminicídio que vitimou Maria Agonia é íntimo, pois parte de seu companheiro (Davenga), que mandou matá-la.

aniversário retornarem aos seus barracos, Ana e Davenga estão em um momento íntimo quando de repente:

Já estavam para explodir um no outro, quando a porta abriu violentamente e os dois policiais entraram de armas em punho. Mandaram que Davenga se vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira. Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda (EVARISTO, 2015, p. 30).

A cena aborda a violência institucional⁴⁰, a polícia é a instituição que tem como um dos seus objetivos proteger a população, porém, nessa situação, a agressão parte dela. A atitude de Ana Davenga, no momento da abordagem violenta pelos policiais, era de proteção ao/a seu/sua filho/a, na intenção de que, se os agressores tivessem um pouco de sensibilidade, pudessem ser capazes de perceber aquele gesto. Porém, a situação torna-se cada vez mais complexa para a grávida, pois o seu companheiro não se rende à ameaça dos policiais. A arma estava debaixo da camisa que Davenga pegaria para vestir. Por um momento, ele pensa em Ana: “Se Ana sobrevivesse à guerra, quem sabe teria outro destino?” (EVARISTO, 2015, p. 30). Nesse trecho, nota-se que o personagem não sabia que seria pai. Se a trajetória desses/as sujeitos/as negros/as não tivesse sido traçada pela violência policial, poderiam, Ana e a criança, terem um futuro diferente, um “destino” menos paradoxal entre vida e morte?

Sobre a violência na literatura de Conceição Evaristo, o pesquisador Eduardo de Assis Duarte conclui que, “A autora insiste na representação da violência sobretudo racial e de gênero.” (2015, p. 133-134). Duarte acrescenta ainda que, “Ao fazê-lo, traz para o centro da narrativa o universo da subalternidade, povoado de mendigos, marginais e favelados, muitos deles trabalhadores, mulheres e homens honestos, vítimas da apartação social que recai sobre os desvalidos” (2015, p. 134). Na narrativa em análise, a violência ocorre contra o homem e a mulher negro/a de uma classe menos favorecida. A protagonista vivencia atos violentos por parte da instituição que estão relacionados ao seu gênero, à sua raça e à sua classe.

Para Constância Lima Duarte, “Ana difere das demais [narrativas] porque é dada a ela a opção de traçar seu caminho, de escolher o homem, se rebatizar” (2010, p. 231). Se Ana não

⁴⁰ Em relação à violência institucional, Faleiros e Faleiros argumentam que, “A violência institucional, que se manifesta de diferentes formas (física, psicológica e/ou sexual), se caracteriza por estar associada às condições específicas dos locais onde ocorre, como instituições de saúde, escolas, abrigos. [...] Existe, em nível institucional, um outro tipo de violência que pode passar despercebida, que é a negligência profissional” (2007, p. 33). Em “Ana Davenga”, a instituição que não oferece uma segurança adequada para os/as favelados/as coloca essa mulher grávida diante de uma situação de violência, pois, apesar dela ser companheira do chefe do crime, ela não deveria ser violentada injustamente pelos atos cometidos por ele.

tivesse se envolvido com um criminoso, seu futuro teria sido diferente? Porque o desfecho do conto de Evaristo é o seguinte:

Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais de serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga (EVARISTO, 2015, p. 30).

Os jornais noticiaram a morte daquele cidadão que estava a serviço da população, isto é, o policial. Porém, o genocídio que ocorrera contra a população negra foi invisibilizado, já que para a mídia é algo tão natural, que acontece todos os dias nas favelas, que não há necessidade de ser noticiado. Afinal, sabe-se que essa cena dialoga bastante com os mapas de violências em que o genocídio e feminicídio contra sujeitos/as negros/as ainda continuam atingindo o topo. Trata-se de uma situação considerada comum pelas mídias e pelas instituições⁴¹.

O fim trágico de Ana, seu/sua filho/a e Davenga, pode ser analisado como genocídio, pois foram três sujeitos/as negros/as assassinados/as pelos policiais. Sueli Carneiro, a partir de uma conceituação do dicionário de Antônio Houaiss, aponta que genocídio é o “‘Extermínio deliberado, parcial ou total de uma comunidade, grupo, racial, religioso’; [...] e sua “submissão a condições insuportáveis de vida” (HOUAISS *apud* CARNEIRO, 2003, [s. p.]). Abdias Nascimento em seu livro *O genocídio do negro brasileiro* aborda algumas concepções:

GENOCÍDIO – geno-cídio

O uso de medidas deliberadas e sistemáticas (como morte, injúria corporal e mental, impossíveis condições de vida, prevenção de nascimentos), calculadas para a exterminação de um grupo racial, político ou cultura, ou para destruir a língua, a religião ou a cultura de um grupo.

GENOCÍDIO – geno-cídio

Genocídio s.m. (neol.) Recusa do direito de existência a grupos humanos inteiros, pela exterminação de seus indivíduos, desintegração de suas instituições políticas, sociais, culturais, linguísticos e de seus sentimentos nacionais e religiosos (NASCIMENTO, 1978, p. 14-15).

Partindo das concepções de Carneiro e Nascimento, pode-se considerar que a violência policial contra os/as sujeitos/as negros/as foi um crime de genocídio, pois, enquanto um dos

⁴¹ A discussão realizada sobre o quanto corpos subalternos são naturalizados dialoga com o pensamento de Marilena Chauí: “A violência está de tal modo interiorizada nos corações e nas mentes que a desigualdade salarial entre homens e mulheres, entre bancos e negros, a exploração do trabalho infantil e dos idosos são consideradas normais. [...] O extermínio de nações indígenas é visto como necessário para o progresso da civilização, que precisa eliminar os “bárbaros” e “atrasados” (CHAUI, 2017, p. 48). Dessa forma, os discursos naturalizam todas as situações de violência que têm como vítimas aqueles/as que compõem a subalternização, procurando invisibilizá-los/as e marginalizá-los/as de diferentes maneiras.

policiais do grupo foi assassinado, três negros/as favelados/as foram metralhados/as pela polícia. Na narrativa, a narradora explicita que Davenga reagiu diante da situação de violência, tirando a vida de um dos profissionais de segurança. A reação da personagem deveria, no máximo, ser voltada apenas contra ele. Sabe-se que nada justifica uma morte, se o criminoso tinha contas a ser acertadas com a justiça haveria outras formas de barrá-lo e levá-lo para cadeia. O problema está em: qual a reação de Ana diante da ação policial?

O gesto de Ana não representou apenas medo, como também buscou informar àqueles agressores que na cama em que havia uma metralhadora apontada para ela, não existia somente a Ana Davenga, outra vida bastante prematura também estava ali. Por isso, qual a razão ou explicação para que Ana Davenga fosse morta, não só ela, mas também outra vida que acabara de ser gerada?

Uma das conclusões ou hipóteses que podem ser levantadas é a de que Ana Davenga foi assassinada por ser mulher, mas somente a variável gênero não contempla essa protagonista. Ela também foi vítima de violência por ser negra e morar na favela. Pode-se levantar ainda mais uma problemática: pertencimento ao chefe da favela, Davenga. Durante a narrativa, a companheira do chefe do crime não demonstra praticar atos ilícitos com ele, porém ela mostra passividade na situação. Ela sabia quais os serviços realizados por Davenga e, para viver esse amor, a protagonista decide adotar o nome de seu homem, como fora analisado anteriormente, “[Ana] queria uma marca de Davenga” (EVARISTO, 2015, p. 27). Ana Davenga tivera marcas desse homem, uma delas era o/a filho/a que estava esperando, a outra, fora as marcas deixadas em seu corpo por uma metralhadora de profissionais que deveriam fazer a segurança de toda a população e não exterminar.

No entanto, o conto “Ana Davenga” aborda a problemática da violência por diferentes vieses. Dialogando com Patricia Hill Collins (2015), que considera algumas opressões mais agudas do que outras, a situação de violência vivida por essa mulher negra pode ser considerada como uma das opressões mais agudas. Porque, na narrativa, a mais extrema, a mais perturbadora é a de uma vida, ainda semente, sendo interrompida por uma ação policial.

Portanto, a violência de gênero nos contos “Duzu-Querença” e “Ana Davenga” dialogam com as discussões propostas por feministas negras brasileiras, estadunidenses e latino-americanas, principalmente no que diz respeito às violências interseccionais, partindo da compreensão de que os corpos negros são os mais vulnerabilizados, expostos a opressões diversificadas e que prematuramente lhes tolgem uma vida digna. Isso pode acontecer através de um genocídio, ou até da exploração sexual, pois o dia a dia da menina Duzu era permeado por violências diversificadas que a impediam de sonhar com melhores condições de vida.

4 A RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NAS NARRATIVAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Resistência é uma das palavras-chave do feminismo negro e das literaturas que se propõem a reivindicar um lugar nos discursos e na própria sociedade para aqueles/as que desde o princípio foram marginalizados/as.

A partir do momento que a mulher negra escreve obras com protagonistas negras, trazendo todas as mazelas e situações diversificadas que envolvem estas/estes sujeitas/os, esta escritora também se coloca, por meio de uma atitude política, em um espaço literário que resiste diante de um cânone que fora consagrado ao longo dos séculos.

Conceição Evaristo analisa a resistência ao afirmar que: “A *escre* (*vivência*) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p. 205). “Escrever a própria existência” (escrevivência) – termo criado por Conceição Evaristo – é uma maneira de abordar, através da literatura, problemáticas que resistem diante das violências interseccionais, institucionais, epistêmicas, e que mesmo assim, buscam visibilidade e a possibilidade de observar corpos negros por perspectivas que não os estereotipem.

As mulheres negras são apontadas por Jurema Werneck, citada por Conceição Evaristo, como aquelas que, desde a diáspora, elaboram diferentes estratégias de resistência:

As mulheres negras brasileiras, ao longo do tempo, desde as nossas ancestrais, as africanas aportadas forçosamente no Brasil, se organizaram e se organizam em movimentos de resistência coletiva. Diferentes formas vêm congregando as mulheres negras ao longo do tempo. Organizações religiosas, atividades profanas e festivas, constituição de sociedades secretas ou públicas, inserção em movimentos reivindicatórios, em sindicatos, em movimentos políticos etc., tudo se constituiu e se constitui como espaço de enfrentamento, de resistência contra o regime escravista e patriarcal de uma dada época e contra a sua herança e persistência na feição da sociedade contemporânea (WERNECK *apud* EVARISTO, 2016, p. 109-110).

Essas sujeitas que encontram formas de resistência desde o período escravista, aquelas que reconhecem a união, a aliança como as principais ferramentas para combater as violências sexistas e, principalmente, racistas. São mulheres que não cessaram esta luta, pois um século após a abolição da escravização no Brasil, os corpos negros continuam sendo explorados e criminalizados. Porém ainda resistem ao romper com o silêncio, ao buscar melhores condições e visibilidade.

Na literatura de Evaristo, através de protagonistas como Ana e Duzu, observa-se uma discussão que, apesar de sua persistência na problemática da violência contra a mulher negra, desconstrói estereótipos e a reconstrói como uma história em que a maternidade, fantasia e esperança estão presentes, mostrando, dessa forma, o quanto o corpo negro feminino resiste.

4.1 Duzu e Querença: resistência através da fantasia e do conhecimento

Quando se analisa a narrativa “Duzu-Querença” apenas pela perspectiva da violência de gênero, corre-se o risco de manter estereótipos de que sujeitos/as negros/as são somente violentados/as. O que torna difícil de perceber é que esses/as estão resistindo das maneiras mais diversas possíveis. Porque a cada estratégia de sobrevivência, pode-se considerar como um ato de resistência.

Resistir é abortar uma criança, no período escravista, para que essa não seja escravizada.⁴² É também escrever uma carta ao Governador da província, no século XVIII, ato realizado pela escravizada Esperança Garcia, abordando como uma das pautas a confissão para ela e o batismo para sua filha, pois colocar a religião do colonizador como algo imprescindível na vida de uma mulher, negra, escravizada e sua família era uma estratégia de sobrevivência. É ainda manifestar sua opinião em uma reunião em que homens discutiam sobre os direitos das mulheres. Sojourner Truth fez isso ao lutar por melhores condições de vida para as mulheres negras nos Estados Unidos, em 1851.

Na narrativa de Conceição Evaristo, a personagem Duzu é vítima de violência desde quando deixa o seio materno e paterno para tentar um futuro melhor na cidade. No primeiro momento, de forma explícita, somente as violências e explorações interseccionais estão presentes na obra. Mas é necessário observar as estratégias que a personagem utilizou para sobreviver, que significam resistência diante de todo o caos. Porém, há momentos que a protagonista demonstra certo cansaço, até mesmo por já está com uma idade avançada e morando na rua (morava na escadaria de uma igreja). Violentada desde muito cedo, o recurso utilizado pela menina, que se tornara mulher de maneira precoce, é a fantasia.

⁴² Jonata de Oliveira, ao discutir a resistência das personagens negras na narrativa *Eu, Tituba, feiticeira... negra de Salém*, afirma que “Interpreta-se que a manipulação e a ressignificação do conhecimento das ervas, herdado por suas *ancestrais* Man Yaya, em Barbados, e Judah White, em Boston, permitiram que Tituba tomasse ações de escape, de fuga, como abortos e infanticídios, elementos também recorrentes e comparáveis em uma possível poética negra feminina americana contemporânea, como em *las Negras, Amada e Um defeito de cor*. Toma-se tais ações como práticas desviantes na base de sua resistência contra uma dominação dissimulada” (OLIVEIRA, 2016, p. 57). As formas de resistências eram variadas, o aborto, por exemplo, impediria que essas crianças se tornassem adultas vítimas de um sistema escravista. Assim como, demonstrava o domínio dessas sujeitas em relação aos seus corpos, em querer ser mãe ou não, pois muitas dessas crianças eram frutos de estupros.

Era preciso descobrir uma forma de ludibriar a dor. Pensando nisto, resolveu voltar ao morro. Lá onde durante anos e anos, depois que ela havia deixado a zona, fora morar com os filhos. Foi retornando ali que Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi aprofundando nas raias do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias (EVARISTO, 2015, p. 35 - grifos meus).

A protagonista precisava elaborar estratégias de sobrevivência, pois, depois de muitos anos vivendo situações que violentavam o seu corpo e sua mente, deveria existir alguma maneira de ter momentos felizes. Recorrer à fantasia era fugir da realidade, entreter-se com o insólito, com momentos que desde sua infância surgiam-lhes como inatingíveis. Camuflando sua dor e resistindo a todas as amarguras do passado e do presente, Duzu poderia ser boneca, fada e rainha, ou seja, seria o que ela quisesse. Era a chance que tinha de estar longe das opressões. Eram momentos assim que a oportunizava alcançar os seus sonhos, os seus objetivos se tornavam reais.

Havia uma necessidade por parte da personagem de habitar espaços que não eram ocupados pelo discurso opressor. Esse lugar para onde Duzu viajava através da imaginação se sobrepunha à realidade, transformando os seus dias de sofrimento em momentos de alegria. Era uma maneira de sobreviver/resistir diante das opressões que lhe eram impostas. Viver um futuro, um sonho que não permitisse dores do presente e do passado era a estratégia de Duzu. A busca constante pela fantasia, para que ela trouxesse alegria para uma vida triste marcada pela violência e opressão, é uma característica que vai sendo apresentada pela narradora no fim da narrativa.

Duzu olhou em volta, viu algumas roupas no varal. Levantou com dificuldades e foi até lá. Com dificuldade maior ainda, ficou nas pontinhas dos pés abrindo os braços. As roupas balançavam ao sabor do vento. Ela, ali no meio, se sentia como um pássaro que ia por cima de tudo e de todos. Sobrevoava o morro, o mar, a cidade. As pernas doíam, mas possuía asas para voar. Duzu voava no alto do morro. Voava quando perambulava pela cidade. Voava quando estava ali sentada à porta da igreja. Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela ganhara asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real (EVARISTO, 2015, p. 35).

O voo é sinônimo de liberdade. Nesse trecho, a narradora apresenta uma protagonista que descobre maneiras de resistências que desconstroem discursos que foram padronizados. Ao tratar de resistência, espera-se sujeitos/as que elaborem métodos e atitudes de lutas, confrontem o/a opressor/a ou demonstrem através de seus discursos que não aceitam ser tratados/as de tal forma. O que dizer de uma personagem que encontra na fantasia maneiras de aliviar sua dor? Estaria Duzu resistindo, ou essas seriam as consequências das violências,

principalmente psicológica da qual ela fora vítima? María Lugones (2014) aponta concepções de que a resistência possui uma relação com a subjetividade de cada um/uma. Dar asas para a imaginação, não se permitir a viver a dor, mas sim a alegria, a fantasia, fora a escolha feita por Duzu para que sua vida fizesse sentido mesmo diante do sofrimento.

Para Sueli Carneiro (2001), a resistência da mulher negra pode ser observada desde o período escravista, pois são mulheres que sempre tiveram que trabalhar nas lavouras juntamente com os homens negros, sujeitas que nunca foram tratadas como frágeis. Ela acrescenta ainda que: “As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca” (CARNEIRO, 2001, [s.p.]).

Partindo desses pressupostos levantados por Sueli Carneiro, a protagonista da narrativa de Evaristo é aquela que demonstra resistência ao se permitir ser rainha, viver aquilo na sua dura realidade não seria possível. Duzu não teria a possibilidade de ser rainha na vida pacata e permeada por violências que o bordel a oferecera, mas habitando o espaço da fantasia, a protagonista consegue percorrer um lugar onde não existe opressão. Dessa forma, desconstrói estereótipos e torna-se uma musa, porque mesmo que a realidade a impossibilitasse, mas não seria capaz de roubar os seus sonhos. Neles, ela pode ser quem quiser e como quiser, porque no mundo imaginário as suas asas permitem voos inatingíveis pelos discursos racistas, sexistas e classistas, lugar onde esta menina-mulher-negra vive momentos fantásticos que a proibem de sofrer.

Estava chegando uma época em que sofrer era proibido. Mesmo com toda dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago de todos, com o frio rachando a pele de muitos, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido sofrer. Ela gostava deste tempo. Alegrava-se tanto! Era o carnaval. E já havia até imaginado a roupa para o desfile da escola. Ela viria na ala das baianas. Estava fazendo uma fantasia linda. Catava papéis brilhantes e costurava pacientemente em seu vestido esmolambado. Um companheiro mendigo havia-lhe dito que sua roupa, assim tão enfeitada de papéis recortados em forma de estrelas, mais parecia roupa de fada do que de baiana. Duzu reagiu. Quem disse que estrela era só para fadas! Estrela era para ela, Duzu. Estrela era para Tático, para Angélico. Estrela era para a menina Querença, moradia nova, bendito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haveriam de florescer e acontecer (EVARISTO, 2015, p. 35-36).

Duzu tinha muitos motivos para que só a dor fizesse parte dos seus dias, pois as opressões que vitimavam a ela, a seus/suas filhos/as e seus/suas netos/as, estavam presentes no seu cotidiano, só que a personagem se permitia viver momentos de muita alegria. Para

viver instantes assim era necessário deixar a emoção sobrepor qualquer outro sentimento que transmitisse o oposto. As razões pelas quais sua trajetória de luta seria esquecida, em um curto espaço de tempo, para viver apenas momentos felizes, era o carnaval. A resistência dessa mulher negra dialoga com a música “Mulher do fim do mundo”, de Elza Soares, cantora brasileira que lança, em 2015, o álbum *A mulher do fim do mundo*, esse composto por músicas que trazem como temas: a violência contra a mulher, resistência de mulheres negras e sexualidade. O álbum “Venceu o Grammy Latino, em 2016, uma das premiações mais badaladas da indústria fonográfica, e continua a lhe render convites para se apresentar em diversos cantos do Brasil e do mundo” (SOLIDADE, 2017, p. 83). Nesta música, a mulher do fim do mundo soa como um hino de visibilidade às sujeitas negras:

Meu choro não é nada além de carnaval
 É lágrima de samba na ponta dos pés
 A multidão avança como vendaval
 Me joga na avenida que não sei qualé

Pirata e super homem cantam o calor
 Um peixe amarelo beija minha mão
 As asas de um anjo soltas pelo chão
 Na chuva de confetes deixo a minha dor

Na avenida, deixei lá
 A pele preta e a minha voz
 Na avenida, deixei lá
 A minha fala, minha opinião

A minha casa, minha solidão
 Joguei do alto do terceiro andar
 Quebrei a cara e me liberei do resto dessa vida
 Na avenida, dura até o fim

Mulher do fim do mundo
 Eu sou e vou até o fim cantar

Meu choro não é nada além de carnaval
 É lágrima de samba na ponta dos pés
 A multidão avança como vendaval
 Me joga na avenida que não sei qualé

Pirata e super homem cantam o calor
 Um peixe amarelo beija minha mão
 As asas de um anjo soltas pelo chão
 Na chuva de confetes deixo a minha dor

Na avenida, deixei lá
 A pele preta e a minha voz
 Na avenida, deixei lá
 A minha fala, minha opinião

A minha casa, minha solidão
 Joguei do alto do terceiro andar
 Quebrei a cara e me livrei do resto dessa vida
 Na avenida, dura até o fim

Mulher do fim do mundo
 Eu sou, eu vou até o fim cantar
 Mulher do fim do mundo
 Eu sou, eu vou até o fim cantar, cantar

Eu quero cantar até o fim
 Me deixem cantar até o fim
 Até o fim, eu vou cantar
 Eu vou cantar até o fim

Eu sou mulher do fim do mundo
 Eu vou, eu vou, eu vou cantar
 Me deixem cantar até o fim

La la la laia la la laia
 La la la laia la la laia

Até o fim eu vou cantar, eu quero cantar
 Eu quero é cantar, eu vou cantar até o fim, la la la lara la lara laia
 Eu vou cantar, eu vou cantar
 Me deixem cantar até o fim

Me deixem cantar até o fim
 Me deixem cantar
 Me deixem cantar até o fim⁴³

Choro, lágrima e dor, tudo isso se transforma em samba que será dançado na ponta do pé na noite de carnaval. Elza Soares traz para sua música uma mistura de sensações/emoções contrastantes, por exemplo: dor e alegria. Demonstrando que a última é a protagonista do seu show. Porque na época do carnaval “Sofrer é proibido” (EVARISTO, 2015, p. 35). É no carnaval que as mulheres do fim do mundo de Elza Soares e de Conceição Evaristo, mesmo com poucas opções, decidem resistir. Mulheres que se permitem cantar e se fantasiar com brilhos, estrelas e confetes até o fim. Por isso, é através da música que “Elza, com certeza, fez e tem feito muito em prol da visibilização dos corpos negros e femininos e contra a

⁴³ ELZA SOARES. *Mulher do fim do mundo*. São Paulo: Circus, 2015. Disco sonoro.

subjugação desses corpos” (SOLIDADE, 2017, p. 84). Trata-se de duas mulheres negras que, por meio da arte buscam oportunizar e visibilizar corpos que antes eram objetificados, tornando-os aqueles que protagonizam a cultura, a tradição e a história permeada pelas lutas da população negra.

Duzu é essa “mulher do fim do mundo” que na noite de carnaval também quer deixar a sua dor na avenida, seu grito de sujeita negra que sobrevive às violências interseccionais. Um grito que demonstra força e coragem de uma luta que tentaram silenciar, mas que assim como a protagonista da música de Elza Soares que deixa sua dor na chuva de confetes, Duzu deixa o seu grito de liberdade quando voa e também ao se tornar a rainha de carnaval na ala das baianas. Os textos abordam que só o fim é capaz de calar a protagonista de Conceição Evaristo ou a de Elza Soares, que diz: “Eu quero cantar até o fim/ me deixem cantar até o fim”. Um fim do mundo que pode ser cíclico, em que passados podem ser reatualizados no presente. Que a história da mulher negra que vivera no período escravista e se repete hoje com outras faces, tão cruéis quanto às daquela época, possa apresentar também resistência, quando essa se permite ser feliz, cantar e ser rainha. Mulheres que fazem com que o caos, as lágrimas e a dor se transformem em fantasia. Essa que traz estrelas, pois todas elas, que estavam grudadas na roupa esmolambada de Duzu, mostram o quanto seu brilho é superior a qualquer opressão. Mostra também o quanto a força da mulher negra é motriz e colabora para que neste desfile muitas outras as sigam e vejam a importância de transgredir as barreiras que surgem ao longo da caminhada.

A música de Elza Soares e o conto de Conceição, a partir de sujeitas negras, discutem a problemática da resistência, termo que de acordo com María Lugones:

É a tensão entre a sujeitificação (a formação/informação do sujeito) e a subjetividade ativa, aquela noção mínima de agenciamento necessária para a relação opressão ↔ resistência seja uma relação ativa, sem apelação ao sentido de agenciamento máximo do sujeito moderno (LUGONES, 2014, p. 940).

À luz das concepções de Lugones, pode-se argumentar que na música e no conto, as mulheres apresentadas são sujeitas que agem deixando sua voz, buscando visibilidade. Elas carregam uma subjetividade que possui todo um histórico de opressão, mas que esse tem uma relação com a resistência, pois essa última surge em decorrência da primeira. A necessidade de resistir aparece em suas vidas porque em algum momento lhes foram negadas as opções e os direitos que outros/as sujeitos/as de gênero, raça e classe diferentes das suas tiveram. A subjetividade delas se torna coletiva, pois o grito de resistência de uma encoraja as demais a

partirem para essa avenida de carnaval. O mais importante em meio a tudo isso é que elas são sujeitas de suas próprias histórias, suas subjetividades são compartilhadas com outras mulheres que presenciam a mesma dor e acreditam em um dia alcançar também o voo de liberdade. É uma subjetividade que se compartilha e se multiplica. Isso acontece quando esta mulher negra decide repassar as suas vivências para as outras gerações, esta é mais uma resistência de Duzu: acreditar que a neta Querença teria os caminhos percorridos de outra forma, onde não existisse tanta dor.

Duzu continuava enfeitando a vida e o vestido. O dia do desfile chegou. Era preciso inaugurar a folia. Despertou cedo. Foi e voltou. Levantou voo e aterrizou. E foi escorregando brandamente em seus famintos sonhos que Duzu visualizou seguros plantios e fartas colheitas. Estrelas próximas e distantes existiam e insistiam. Rostos dos presentes se aproximavam. Faces dos ausentes retornavam. Vó Alafaia, Vô Kiliã, Tia Bambene, seu pai, sua mãe, seus filhos e netos. Menina Querença adiantava-se mais e mais. Sua imagem crescia, crescia. Duzu deslizava em visões e sonhos por um misterioso e eterno caminho... (EVARISTO, 2015, p. 36).

E foi assim, em uma noite de carnaval, que Duzu virara estrela, vestida de rainha nas escadarias de uma igreja, ela acabava de alçar o seu último voo. Nesse, há uma presença marcante da ancestralidade, pois Duzu consegue sentir a presença de todos/as os/as seus/suas parentes. Porém, mais importante do que encerrar um ciclo é reiniciá-lo, com outras perspectivas, e todas elas estão em sua neta Querença. A narrativa de Conceição Evaristo possui como título “Duzu-Querença”, nesse caso são duas protagonistas (Duzu e Querença), mas o que pode ser observado desde o princípio é que a autora, ao invés de utilizar uma conjunção coordenada aditiva, opta pelo uso de uma palavra siamesa. Eis então uma problemática, como o próprio título deste trabalho (violência-resistência). A partir de todas as circunstâncias abordadas nessa narrativa, chegam-se as considerações de que a palavra Duzu-Querença traz uma relação com aquilo dito no início pelo pai de Duzu “O pai queria caminhar para o amanhã” (EVARISTO, 2015, p. 32). O pai queria caminhar para o futuro através dos passos da filha, já que essa teria oportunidades que ele não teve. Isso aconteceria se Dona Esmeraldina tivesse cumprido com o combinado. Pois, o deslocamento feito por Duzu da zona rural para a cidade, tinha um único objetivo: ter um futuro melhor através da educação. A partir da trajetória da protagonista é possível perceber que sua caminhada para o amanhã fora interrompida por uma série de opressões que sugiram no seu caminho. Então, cabe a pergunta: seria Querença aquela que conseguiria conduzir os passos de Duzu e de todos/as os/as seus/suas para o amanhã? Em relação a essa problemática da narrativa, Francineide Palmeira e Florentina Sousa fazem as seguintes considerações:

Mas, tendo herdado a luta de suas ancestrais, a mulher negra nas obras de Evaristo sabe que para interferir na estrutura social como um todo, é necessário interferir nas esferas políticas e jurídicas, e para isso, ela busca esse poder por meio do domínio do conhecimento e das ações cotidianas. Essa conscientização pode ser exemplificada, por meio de um excerto de Duzu-Querença, um conto no qual a avó Duzu ao morrer deixa para sua neta Querença a memória do seu povo, a fim de que ela continuasse a luta dos seus (PALMEIRA; SOUSA, 2008, p. 10-11).

O conhecimento é importante para melhores condições de vida, como também pode ser considerado como um ato de resistência.⁴⁴ Porém, a menina Querença terá a chance de usufruir daquele conhecimento repassado pela avó, como também do conhecimento adquirido no âmbito escolar. Pode-se observar, através das duas protagonistas (Duzu e Querença), as diferenças que permeiam, pois Duzu vivera sem ter acesso à escola, e a falta da educação formal gerou uma série de violências que a deixava cada vez mais impossibilitada de sair dessas situações que a oprimiam. Já a sua neta tivera a oportunidade de estudar e poder transformar a realidade dela e dos demais a sua volta.

O fato de Duzu não saber ler e escrever fez com que restasse, ao longo dos seus dias, uma vida oprimida permeada por exploração sexual e prostituição. Se Duzu possuísse um determinado grau de instrução, talvez tivessem surgido outras oportunidades de trabalho, até mesmo menos violentos. Por isso, ela tenta repassar para Querença a importância do conhecimento institucionalizado para uma população que o possui como a única arma para sair de situações de subalternizações. E sua neta, segundo Palmeira e Sousa, reconhece que: “Para continuar a luta iniciada pelos seus ancestrais terá que dominar o conhecimento valorizado e ensinado no âmbito escolar e se articular com outros jovens em organizações que reúnam moradores e estudantes a fim de buscarem melhores condições de vida” (2008, p. 11). Quando Querença compreende que ir à escola é essencial para que o seu amanhã seja mais colorido do que o da avó, isso não significa que todos os ensinamentos deixados por Duzu sobre a ancestralidade serão esquecidos. Eles também são muito importantes, pois contam toda a trajetória de luta dos seus. E a menina compreende que deverá utilizá-los e repassá-los

⁴⁴ A concepção, de que o conhecimento é um ato de resistência, é construída a partir do artigo “Teseu, o labirinto e seu nome: conhecimento é resistência”. Nele, Alcione Alves (2013) elabora uma discussão a partir de um trecho da obra *El reino de este mundo* em que a personagem Mackandal demonstra o conhecimento adquirido através de seus ancestrais ao envenenar uma comida. Alves propõe uma discussão de que se trata de uma prática de resistência: “Ademais, percebe-se uma dimensão gnoseológica ao envenenamento: do ponto de vista dos sujeitos escravizados, em *El reino de este mundo*, conhecimento é resistência” (2013, p. 179). A partir dessas concepções, busca-se um diálogo com “Duzu-Querença” apontando que o conhecimento adquirido por Duzu e repassado para a neta pode ser considerado como resistência.

para seu povo. Porém, é necessário aliá-los a educação formal. Querença, depois que a avó morre, demonstra ter aprendido tudo o que ela ensinara:

E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíra que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias.

Querença olhou novamente o corpo magro e a fantasia da avó. Desviou o olhar e entre lágrimas contemplou a rua. O sol passado de meio-dia estava colado no alto do céu. Raios de luz agrediam o asfalto. Mistérios coloridos, cacos de vidro – lixo talvez – brilhavam no chão (EVARISTO, 2015, p. 36-37).

A fantasia vivida por Duzu nos seus últimos dias, os ensinamentos que repassara a sua neta contribuiu para que a menina adquirisse forças suficientes para continuar aquela história de superação. Nesse entrelaçamento de histórias é possível observar a importância da subjetividade de ambas e o quanto ela pode interferir positivamente na luta cotidiana de sujeitas negras. Segundo Lugones: “Não se resiste sozinha à colonialidade de gênero. Resiste-se a ela desde dentro, de uma forma de compreender o mundo e de viver nele que é compartilhada e que pode compreender os atos de alguém, permitindo assim o reconhecimento” (2014, p. 949). A partir dos argumentos de María Lugones, pode-se considerar que Duzu levava uma vida com um histórico de violências em que os/as opressores/as aprisionavam seu corpo, mas não o seu pensamento. Essa mulher negra, ao se sentir impossibilitada diante da opressão, descobre através da fantasia e do conhecimento formas de transgressão. Por isso, ela decide compartilhar com sua neta a importância dessas vivências. Dessa forma, a protagonista reconhece que Querença será aquela pessoa capaz de não apenas manter elementos da tradição, como também transgredir todas as barreiras que aprisionaram sua avó.

No entanto, sobre “Duzu-Querença”, é importante considerar que o fim do mundo apresenta novos vieses para estas mulheres negras, pois a resistência e a trajetória destas sujeitas não chegaram ao fim com a morte de Duzu, porque surge Querença para reatualizar esse ciclo e mostrar as possibilidades de sonhos se tornarem reais. É Querença que continuará essa história, onde o amanhã apresente perspectivas melhores para sujeitas negras.

4.2 O amor entre sujeitos/as negros/as como ato de resistência em “Ana Davenga”

A mulher negra desde o período escravista era vítima de diversas violências que estavam relacionadas à tríade: gênero, raça e classe. Essa discussão vem sendo realizada desde o primeiro capítulo, deste trabalho, a partir das abordagens teóricas de Angela Davis (2016) e Patricia Hill Collins (2015). Davis, ao discutir sobre essa época, revela que a mulher negra era violentada sexualmente em sua condição de mulher, negra e escravizada. Considerar as sujeitas negras como objetos sexuais, usufruir dos seus corpos, analisá-las como aquelas eróticas por natureza, são estereótipos que perduraram séculos e ainda hoje são naturalizados por alguns/algumas e desconstruídos por outros/as.

São discursos que constroem esse imaginário, colocando essas mulheres não na condição de sujeitas, mas sim de objetos, e que são pautados a partir da historicidade dessa população, que durante a escravização, segundo Angela Davis (2016), a mulher negra escravizada tinha que trabalhar nos campos, no espaço doméstico (casa-grande) e manter a reprodução, porém, a maternidade⁴⁵ não a humanizava, já que reduziavam essas sujeitas a condições inumanas, pois para os proprietários: “Elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram ‘reprodutoras’ – animais cujo o valor monetário poderia ser calculado a partir de sua capacidade de se multiplicar” (DAVIS, 2016, p. 19). Considerar os/as sujeitos/as negros/as como não humanos/as, principalmente a mulher negra, são construções que perpassam as relações interpessoais e pessoais ainda hoje. Por isso, uma literatura que aborde a afirmação dessas mulheres, assim como os homens negros, como sujeitos/as e não como objetos, desse processo histórico e dessa sociedade que propaga discursos racistas, pode ser considerado como um ato de resistência. Conceição Evaristo pontua isso em sua narrativa ao apresentar personagens que se permitem viver o amor.

O conto “Ana Davenga” aborda como uma das suas temáticas: o amor recíproco vivido pela mulher negra com o homem negro. O amor que também pode caracterizar um ato de resistência, já que as sujeitas negras, em sua maioria, convivem mais com a solidão.⁴⁶

⁴⁵ Na narrativa, há também a representação materna da mulher negra através da personagem Ana Davenga, porém um estudo aprofundado sobre o tema será realizado futuramente em uma pesquisa de doutorado, buscando compreender essa representação como um ato de resistência, principalmente quando colocado em oposição com literaturas canônicas que apresentam essas sujeitas como inférteis.

⁴⁶ Em entrevista a TV Boitempo, Djamila Ribeiro (2016) discute sobre “Relações interracialis e a solidão da mulher negra”, ela aponta que “existe um processo histórico que desumaniza a mulher negra, colocando-a como uma sujeita que não é digna de ser amada. Porque historicamente ela é objetificada, ultrassexualizada e o homem negro, criado nessa sociedade, também absorve esses valores. Ao mesmo tempo que, a mulher branca é

Teóricas como Beatriz Nascimento, Livia Natália, bell hooks e Djamila Ribeiro, realizam discussões sobre as dificuldades encontradas pelas mulheres negras ao longo de sua trajetória de viver um amor correspondido:

Nosso corpo, que jamais foi pensado como possível destino de afeto amoroso, foi sistematicamente vilipendiado durante a escravização e, depois, nos tornamos, ora sonho de consumo do macho branco, ora inimiga da mulher branca e, outras vezes, prêmio de consolação para o homem negro, quando não as três coisas ao mesmo tempo. O mundo da branquitude e do sexismo nos resumiu a uma genitália: nela se entra para alcançar o prazer, dela saem crianças para o mundo. E nós, sempre secundarizadas pela vagina, que, com o tempo, tornou-se tão alheia a nós que quase se converteu numa inimiga. Afinal, era graças a ela que éramos tratadas como cidadãs de segunda classe (NATÁLIA, 2016, [s. p.]).

A mulher negra carrega os estereótipos do período escravista, o que contribui para que ela seja vista apenas como aquela que proporciona prazer aos homens brancos e aos negros, pois ambos, geralmente, escolhem as mulheres brancas para manter uma relação afetiva prolongada. Já as escolhas em relação às negras: “Passa pela crença de que seja mais erótica ou mais ardente sexualmente que as demais, crenças relacionadas às características do seu físico, muitas vezes exuberante” (NASCIMENTO, 2006, p. 129). Um histórico permeado por discursos que as objetificam contribuindo para sua solidão. Pois a mulher negra é considerada promíscua, aquela que proporciona o prazer, mas não será a mulher adequada para uma relação duradoura. Essa construção identitária, que procura deturpar a imagem das sujeitas não brancas, foi perpetuada desde o período escravista, passando a ser representada em diversos textos literários, em que de acordo com Eduardo de Assis Duarte (2009), são apresentadas a partir das considerações feitas por Gilberto Freyre em *Casa-grande e senzala*: “Branca para casar, preta para trabalhar e mulata para fornicar” (2009, p. 6). Dessa maneira, a literatura traz perfis femininos que correspondem a essas concepções. Como exemplo, tem-se Gregório de Matos Guerra, Aluísio Azevedo, Guimarães Rosa, Jorge Amado, dentre outros (Duarte, 2009).

Em relação a essa produção literária, Conceição Evaristo afirma que: “A representação literária da mulher negra ainda está ancorada nas imagens de um passado escravo, em que ela

representada como o padrão de beleza ideal. Ao internalizar isso como verdade, o homem negro vai achar que o correto é estar com uma mulher branca, pois dentro das concepções racistas, está com essa última, significa: está com uma mulher bonita, respeitável, uma mulher que dará a ele um certo *status*”. Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2ZNx1LV6c4>> Acesso em: 15 de nov. 2017. A partir das discussões de Djamila Ribeiro e das teóricas analisadas anteriormente, conclui-se que a relação da mulher negra com o homem negro pode ser considerada uma atitude política e de resistência, pois mais do que uma troca de afetos é uma forma de demonstrar que ambos são sujeitos, desconstruindo, dessa forma, os estereótipos que inferiorizam essa mulher.

era somente corpo procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor” (2016, p. 104). Partindo destes pressupostos de que a literatura canônica brasileira, construída a partir do ponto de vista masculino, reafirma os discursos racistas e sexistas e dá visibilidade para as naturalizações construídas ao longo dos séculos.⁴⁷ A escritora Conceição Evaristo propõe uma desconstrução desses estereótipos ao produzir o conto “Ana Davenga”, em que a protagonista possui um corpo sensual, mas que não se restringe a um corpo objetificado.

Ana é apresentada como uma jovem negra de vinte e sete anos que frequentava uma roda de samba, local onde mostrava sua sensualidade através da dança e é nesse lugar que ela conhece o líder daquela favela, Davenga: “Quando Davenga conheceu Ana em uma roda de samba, ela estava ali, faceira, dançando macio. Davenga gostou dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda” (EVARISTO, 2015, p. 24). O que deixa Davenga instigado a conhecê-la melhor é a maneira como a protagonista conduzia cada passo da dança, que além de ser sensual, remontava a sua ancestralidade: “Estava atento aos movimentos e à dança da mulher. Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele vira um dia no filme da televisão. A bailarina dançava livre, solta, na festa de uma aldeia africana” (EVARISTO, 2015, p. 25). É através da dança que Ana conquista Davenga, trazendo para seus passos as características de seus ancestrais, já que o faz recordar a dança de uma bailarina africana. O encontro de Davenga com sua amada é tão subjetivo que o faz relembrar de sua infância em Minas Gerais, pois essa mulher negra, além dos traços de uma bailarina africana, carrega características de mulheres da família da personagem: “Davenga se emocionou. Lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina” (EVARISTO, 2015, p. 25-26). Dessa forma, o encontro deles foi além do corpo, das características físicas. A profundidade desse momento foi capaz de uni-los desde aquele dia, considerando, assim, que há possibilidade de amor, afeto, carinho entre sujeitos/as negros/as. O momento íntimo de Ana e Davenga contribui para que se confirme essa reciprocidade existente entre eles:

⁴⁷As narrativas escritas por homens, brancos e de classe favorecida, trazem personagens negras e mulatas como aquelas mulheres promíscuas, que servem para satisfazer os prazeres masculinos, servindo-os não só no sentido sexual, mas também nos trabalhos domésticos e, às vezes, reduzidas a animalidade. A partir dessas concepções, pode-se argumentar, que na literatura afro-brasileira e escrita por mulheres, há uma desconstrução de estereótipos, desde quando ela apresenta sujeitas negras que são protagonistas de suas próprias vivências e resistem a todas as opressões propagadas pelo discurso hegemônico. De acordo com Rafaela Dias, essa literatura é escrita por sujeitas que: “Não estão a representar algo que lhes é externo. A dor, o fascínio e as crenças retratados nesses textos serão reiterada e declaradamente matizes das reminiscências individuais e sociais de seus próprios escritores” (2016, p. 109-110). Por meio da ficção, essas escritoras visibilizam sujeitos/as negros/as e constroem suas histórias a partir de uma perspectiva de luta e resistência. Mulheres que não demonstram passividade diante da subalternização que tentam impor aos seus corpos. E homens negros que demonstram toda sua humanidade e capacidade de amar.

Um pouco que ela saía para buscar roupas no varal ou falar um tantinho com as amigas, quando voltava dava com ele, deitado na cama. Nuzinho. Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa. Ela mal fechava a porta e se abria todinha para o seu homem. Davenga! Davenga! E aí acontecia o que ela não entendia. Davenga que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança. Soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficavam úmidos das lágrimas de Davenga. E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto sentia uma dor enorme (EVARISTO, 2015, p. 23).

A partir desse trecho, nota-se que, nessa relação, havia uma afetividade de ambas as partes e que nela Ana não se restringia a um corpo-objeto para satisfazer o prazer masculino, pois o amor, o desejo, o carinho era compartilhado de forma recíproca. De acordo com Aline Arruda: “A personagem feminina [Ana Davenga] é, além de desejada, dona de seus desejos. Não é apenas o corpo-objeto, mas também sente prazer” (2016, p. 242). Dessa forma, Ana vive o amor intensamente e é correspondida por Davenga. Além disso, o ápice da relação íntima entre eles é também uma desconstrução de paradigmas, já que: “O homem é quem chora após o orgasmo, mostrando sensibilidade, contra a visão social tradicional que sempre revela o sexo masculino como despossuído de lágrimas e proibido de demonstrar sentimentos” (ARRUDA, 2016, p. 242). Davenga, o homem que mostrava toda sua frieza ao realizar assaltos⁴⁸, que demonstrava autoridade como líder do morro, contribuindo, dessa forma, para que se chegue a conclusões de que se trata de um ser desumano. Porém, ele revela toda sua humanidade quando está nos braços de Ana. São momentos como esses que trazem outras perspectivas, novas concepções para a história da mulher negra relacionada ao amor. Davenga era sujeito e Ana também era sujeita, a maneira como isso é demonstrado na narrativa se faz através do amor.

Buscando um diálogo com o trecho da narrativa mencionado anteriormente, bell hooks, em seu texto “Vivendo o amor” afirma que: “Expressamos amor através da união do sentimento e da ação” (2010, [s.p.]). As personagens de “Ana Davenga” são esses/as

⁴⁸ No conto, é apresentado o momento que Davenga assalta um deputado, o assaltante aborda a vítima na porta de sua casa e exige que ele passe tudo, inclusive as roupas: “O deputado tremia, as chaves tilintavam em suas mãos. Davenga mordeu o lábio, contendo o riso. Olhou o político bem no fundo dos olhos, mandou então que ele tirasse a roupa e foi recolhendo tudo. – Não, doutor, a cueca não! Sua cueca não! Sei lá se o senhor tem alguma doença ou se tá com o cu sujo! Quando arrecadou tudo, empurrou o homem para dentro do carro. Olhou para ele e balançou as chaves. Deu um adeus ao deputado, que correspondeu ao gesto. Davenga tinha o peito explodindo em gargalhadas, mas conteve o riso” (EVARISTO, 2015, p. 25). A partir dessa cena, observa-se que Davenga demonstrava frieza para realizar os assaltos, assim como era bastante autoritário com os homens que trabalhavam para ele. Por conta disso, pode-se criar um perfil de que ele era muito desumano, porém, no momento do orgasmo, ele exprimia toda sua humanidade, mostrando assim, que era um sujeito.

sujeitos/as que expressam esse momento, isso pode ser observado não só numa relação íntima entre o casal, como também nas ações de Davenga, por exemplo, fazer uma festa surpresa para sua companheira. Era o dia de comemorar a vida de Ana, que completava vinte e sete anos, além dessa, outra vida, fruto desse amor, já estava a caminho:

Davenga entra furando o círculo. Alegre, zambeiro, cabeça-sonho, nuvens. Abraça a mulher. No abraço, além do corpo de Davenga, ela sentiu a pressão da arma.

- Davenga, Davenga, que festa é esta? Por que isto tudo?

- Mulher, tá pancada? Parece que bebe? Esqueceu da vida? Esqueceu de você?

Não, Ana Davenga não havia esquecido, mas também não sabia por que lembrar. Era a primeira vez na vida, uma festa de aniversário (EVARISTO, 2015, p. 29).

Era assim que Davenga demonstrava seu carinho e o quanto Ana significava muito em sua vida marginal. Ela tentava corresponder ao ser esta mulher que vivia: “A tecer o amor, mulher a fazer o amor, mulher a esperar, de seu homem, o amor” (NASCIMENTO, 2016, p. 260). A mulher que carregava no ventre o fruto desse amor. Davenga ainda não sabia da vida que surgia para transbordar os seus corações de felicidade. Ana já a amava e tinha receio sobre o que o futuro poderia reservar para uma criança negra nascida na favela. É a partir dessa discussão, que Ana e Davenga representam um ato de resistência ao escolherem viver o amor, fazer amor e gerar o amor, bell hooks argumenta que apenas a vontade de amar já pode ser considerada como resistir diante das opressões:

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. **A vontade de amar tem representado um ato de resistência** (HOOKS, 2010, [s.p.] – grifos meus).

Se a vontade de amar significa resistir, viver esse amor até as últimas conseqüências é uma atitude de sujeitos/as que transgridem os discursos que continuam perpetrando as opressões de um período escravista. Ana e Davenga representam a força, a luta de um povo que aposta no amor como o sentimento capaz de afirmá-los/as como sujeitos/as e desconstruir o processo histórico que nega o amor aos sujeitos negros, sendo a mulher negra a principal vítima, já que nesse conjunto de opressões o homem negro ocupa um lugar superior em

relação a ela. Por isso, se doar em um relacionamento, permitindo-se também à procriação, é uma luta muito significativa e uma atitude política.

Nessa narrativa permeada por violência, em que Ana, Davenga e a criança são brutalmente mortos pela polícia, a narradora conclui com o seguinte trecho: “Em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem, na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria” (EVARISTO, 2015, p. 30). O presente dado por Davenga a sua amada possui toda uma simbologia, pois diante de corpos sem vida, havia uma que teimava em desabrochar. Demonstrando também o quanto a vida de sujeitos/as negros/as que habitam as regiões periféricas é fugaz, como a de Ana, que é vítima de feminicídio aos vinte e sete anos e, principalmente, a vida ainda semente que estava desabrochando no ventre dessa mulher. A rosa também expressa uma atitude política da escritora, de mostrar que as narrativas afro-brasileiras que trazem as “verdades ficcionalizadas” de um povo, assim como aquelas consideradas canônicas, possuem literariedade e poeticidade.

No entanto, estas são algumas considerações deixadas pela narrativa, de que a efemeridade da vida, muitas vezes, possui uma relação com o gênero, a raça e a classe a qual o/a sujeito/a pertence. Pois no Brasil, as vítimas de genocídio, em sua maioria, são negros/as, e o topo dos gráficos de feminicídios, estupros e violências diversas são ocupados por mulheres negras. Restam também as inquietações de que o ato de resistência nunca nasce, pois sempre serão interrompidos pela violência. Porém, a rosa representa a resistência que sempre renascerá, pois enquanto houver violências interseccionais, existirá uma poluição disposta a lutar. Porque mesmo diante de situações onde corpos negros estão/são vulnerabilizados, outros ainda serão capazes de desabrochar de seus botões, resistindo e lutando contra o racismo e o sexismo, além de ter a esperança de que o mundo se torne mais tolerante e menos cruel com essa população.

Outra consideração tão importante quanto a anterior, é a de que amar significa um ato de resistência que está relacionado com um passado escravista, já que nesse período essa palavra não fazia parte do cotidiano dessa população. Na narrativa, têm-se um homem negro que era bastante cruel ao cometer os assaltos, porém era muito humano a partir do momento que se permitiu amar uma mulher negra. Para essa mulher, o amor que antes parecia algo incerto e muitas vezes se resumia a uma objetificação do seu corpo, torna-se algo prazeroso e recíproco. O símbolo maior do quanto esse amor significava para eles é o presente dado por Davenga para sua companheira, uma rosa que é considerada aquela que representa o amor.

Portanto, “Duzu-Querença” e “Ana Davenga” são narrativas que abordam de maneira diversificada a resistência da população negra, mostrando assim que as tentativas de silenciar essas vozes podem ser frustradas, pois através da fantasia, do conhecimento e do amor eles/as vão reafirmar que também são sujeitos/as dessa sociedade que os/as oprimem. Resistir é a palavra que sempre fará parte dessa luta, porque enquanto o outro objetificar e violentar corpos negros haverá uma necessidade do rompimento com o silêncio e da reivindicação pelos seus direitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Violência, resistência e feminismo negro foram algumas das concepções discutidas na construção deste trabalho, com o objetivo de possibilitar diálogos entre os termos, quando se trata de uma análise de sujeitas negras na literatura de Conceição Evaristo. Observando, dessa forma, que as ideias propostas pelo feminismo negro são basilares para se pensar a condição da mulher negra em uma sociedade racista e sexista, em que a variável raça contribui para as maiores opressões, muitas vezes, sobrepondo-se ao gênero.

Nas narrativas “Duzu-Querença” e “Ana Davenga”, a partir de teorias e dados estatísticos que apontam os corpos femininos como mais vulnerabilizados a situações de violência, é possível afirmar que são os corpos femininos e negros as principais vítimas das opressões. Aqueles que são criminalizados, objetificados e naturalizados por discursos e práticas propagadas pelo poder hegemônico. Aqueles que ocupam a liderança dos gráficos de feminicídio e demais violências e explorações.

Compreendendo que o termo opressão significa falta de opção (HOOKS, 2015), pode-se afirmar que as opções que surgem no cotidiano da mulher negra, muitas vezes, restringe-a ao trabalho doméstico, porque há uma construção estereotipada dessas sujeitas desde o período escravista. Como também a prostituição, já que existe um processo histórico que propaga o discurso de que elas são mais eróticas, se comparadas a sujeitas brancas. Concepções que são reafirmadas na literatura canônica brasileira (DUARTE, 2009).

A personagem Duzu, por exemplo, ainda na infância, tem como opção o trabalho doméstico e posteriormente a prostituição. As situações de violências estão presentes no seu cotidiano desde muito cedo. Narrativas como essas mostram o quanto sujeitas negras são vítimas de violências estruturais que desencadeiam em uma série de opressões e subalternizações que violam os seus direitos. Seja para manter o prazer masculino ou para preservar um discurso patriarcal e misógino que persiste em crimes de feminicídios, como acontece no conto “Ana Davenga”. Demonstrando, dessa maneira, o quanto o corpo feminino e negro é invisibilizado e vulnerabilizado.

Tendo em vista todas essas circunstâncias, ao longo das análises, buscou-se discorrer sobre a historicidade da opressão das sujeitas negras, desde um movimento feminista hegemônico que as excluía ao priorizar gênero, e um movimento negro que também não as contemplavam ao restringir suas discussões na variável raça. Dessa forma, pensar o movimento feminista negro como um pensamento produzido por e para mulheres negras

(COLLINS 2016), é também argumentar que antes desse movimento ganhar as ruas, as universidades e todos os ambientes onde se produz e propaga conhecimento, a atitude política, a luta pela sobrevivência, a resistência da mulher negra já se fazia presente desde o período escravista. Através de dissimulações ou não, as mulheres negras demonstravam que não eram passivas diante das situações de violência. Mulheres como Sojourner Truth e Esperança Garcia, são exemplos de sujeitas negras que, mesmo em condições de subalternização, reivindicaram seus direitos e não silenciaram diante das opressões.

Argumentar sobre essa luta por direitos e igualdade é afirmar que as pautas hoje defendidas e discutidas pelo feminismo negro sobrevivem há séculos. Elas existem desde o momento que corpos negros foram violentados, porque é a partir dessa ocasião que as mulheres negras buscaram estratégias de resistência. Lutaram em coletividade, recorreram às suas ancestralidades, repassaram os seus conhecimentos através da oralidade para as outras gerações, pois a maioria não possuía o domínio da escrita (CARDOSO, 2012), mas isso não as impediam de ensinar e aprender.

Feministas negras como Angela Davis, Luiza Bairros, Beatriz Nascimento, dentre outras, trazem em suas discussões a ideia do quanto o período escravista contribuiu para a subalternização da mulher negra. Posteriormente, o discurso do feminismo hegemônico criticava as demandas impostas para as mulheres brancas no ambiente doméstico, o que, contrapondo com a situação da mulher negra, essas “opressões” poderiam ser consideradas privilégios. Portanto, elaborar discursos sobre a história de sujeitas negras e, principalmente, um movimento que possibilite a visibilidade dessas, é uma conquista para todas. E quando essas teorias são colocadas em pauta, a partir de um diálogo com a literatura afro-brasileira escrita por uma feminista negra e sobre sujeitas negras, contribui para que se discuta e analise os diferentes vieses que essas ideias e literaturas podem oferecer.

A partir dessa discussão pode-se observar que violência-resistência tornam-se palavras com significações que, mesmo consideradas opostas, dialogam, por exemplo, quando analisadas pela perspectiva de sujeitas/os negras/os que resistem à violência epistêmica ao produzir conhecimento sobre e para sujeitos/as negros/as – como também para todos/as que buscam compreender um pouco mais sobre estas problemáticas que dizem respeito a essa população – em um ambiente como a academia, que teoricamente e, muita das vezes, na prática, perpetua discursos reafirmando a subalternização dos corpos e do conhecimento da população negra.

Dialogando com as narrativas analisadas, violência-resistência ocorre quando uma mulher negra como Duzu, que não tem acesso à educação institucionalizada, porém possui um

conhecimento da tradição de seu povo e repassa-o a sua neta Querença, assim, ela poderia dar continuidade e cultivar a história dos seus. Preservar esse conhecimento é um ato de resistência que se torna ainda mais forte na trajetória dessa menina-mulher pela falta de acesso a educação formal. Restando a opção de manter traços de sua ancestralidade e, posteriormente, deixá-los nas mãos de quem pudesse continuar essa história e proporcionar melhores perspectivas para os seus. Por isso, a narrativa tem como título “Duzu-Querença”, porque é Querença quem reiniciará a história vivida pela avó, porém por vieses que permitirão menos dor, já que a menina teve a oportunidade de usufruir do conhecimento de seu povo e daquele instruído na escola.

Em “Ana Davenga”, a violência-resistência é apresentada a partir de um homem negro e uma mulher negra que se amam. Assim como, uma cena de genocídio em que uma rosa desabrocha simbolizando que vidas continuarão lutando, resistindo e afirmando que o amor brotará mesmo quando corpos negros são violentados. Permitir-se viver o amor e multiplicá-lo, até que ele transborde em lágrimas e em gozo, é desestruturar uma hierarquia e um discurso que tenta desumanizar uma população e sua luta. A mulher negra que não é considerada digna de ser amada (NATÁLIA, 2016), mas apenas de proporcionar o prazer, é representada por Ana, mostrando que é possível amar e ser amada. Além de afirmar que essa mulher negra: “Carrega a metáfora maior da vida: o amor. Talvez represente a personagem que há em todas as favelas, em todos os becos” (PAES, 2016, p. 269-270).

No entanto, as narrativas de Conceição Evaristo abordam a violência-resistência como problemáticas que estão diretamente relacionadas às sujeitas negras, já que são essas que tiveram que aprender desde muito cedo sobre o quanto esta sociedade que promove discursos racistas e sexistas contribui para que oprimam e violentem seus corpos. Assim, os atos de resistências surgem como forma de reiterar a luta da mulher negra, que ela desde o princípio reagiu diante das opressões, por mais que essas estratégias tenham sido invisibilizadas. O silêncio, a passividade, a omissão que muitos discursos abordam, pode ser observada por outra perspectiva a partir de um lugar enunciado por mulheres negras. Essas sujeitas, que foram silenciadas durante muito tempo, rompem com esse paradigma ao produzir conhecimento, ao escrever textos ficcionais que questionam, criticam, desconstruem ideias e discursos racistas, sexistas, classistas que contribuía para a invisibilidade dessas mulheres. Uma escrita que é composta por “verdades ficcionalizadas” e que soa como um hino, representando as amarguras de um grupo de mulheres que não foi e não é passivo diante das opressões que visa subalternizá-las.

Violência-resistência, Duzu-Querença e gozo-pranto são as palavras siamesas que proporcionaram a compreensão da problemática proposta nesta dissertação. A partir das discussões realizadas é possível afirmar que elas dialogam desde o princípio da trajetória de sujeitas negras, pois a resistência só existe porque Duzu (s) foram violentadas, impedidas de ter acesso à educação formal, mas mesmo assim, através do conhecimento de suas tradições, proporcionaram melhores condições de vida para os seus, ao repassarem esses conhecimentos para sua (s) neta (s) Querença (s). A resistência também surge quando a (s) Ana (s) se envolvem afetivamente com sujeitos que levam uma vida fora da lei, mas que isso é insignificante quando se ama a partir de uma subjetividade que o faz transbordar amor e humanidade literalmente.

REFERÊNCIAS

- ADICHE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>> Acesso em: 03 de nov. 2017.
- ALVES, Alcione. Teseu, o labirinto e seu nome: conhecimento é resistência. *Caligrama: Revista de Estudos Românticos*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 163-183, 2013.
- ALVES, Miriam. Os Olhos Verdes de Esmeralda. In: _____. *Mulher Mat(r)iz*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011, p. 62-66.
- _____. Alice está morta. In: QUILOMBOHOJE (org.). *Cadernos Negros: os melhores contos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.
- ARRUDA, Aline Alves. Corpo e erotismo nos contos de Olhos D'água. In: CÔRTEZ, Cristiane; DUARTE, Constância Lima; PEREIRA, Maria do Rosário A. (orgs.) *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016, p. 239-246.
- BAIROS, Luiza. Mulher Negra e Feminismo. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecília Maria. *O Feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas*. Salvador: UFBA, 2008. p. 139-145. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>> Acesso em: 20 de mar. 2016.
- _____. Nossos feminismos revisitados. In: MIÑOSO, Yuderks Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa. *Tejiendo de otro modo: feminismo, epistemología y apuestas descoloniales em Abya Yala*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014. p. 181-187.
- BALISA, Fernanda Francisca; DAVID, Nismária Alves. A violência contra a mulher negra no conto “Maria”, de Conceição Evaristo. *Revista Litterata*. Ilhéus, vol. 1, jan.-jul., 2017.p. 72-82.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. Violência, gênero e poder: múltiplas faces. In: STEVENS, Cristina et all (orgs.). *Mulheres e violências: interseccionalidade*. Brasília: Technopolitik, 2017. p. 14-35.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANTARELLI, Aline Luisiane Camboim *et all.* “Eu não alterei o meu nome”: o que dizem as mulheres sobre o não acréscimo do sobrenome do marido/parceiro no casamento ou união estável. In: *Pensando famílias*. Porto Alegre, vol.17 n.1, p. 03-16, jul. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100002&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 20. abr. 2017.

CARNEIRO, Sueli. *Genocídio*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/genocidio-por-sueli-carneiro/#gs.oHQOeLk>> Acesso em: 20. abr. 2017.

_____. *Enegrecer o feminismo*: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <<https://rizoma.milharal.org/files/2013/05/Enegrecer-o-feminismo.pdf>> Acesso em: 30. abri. 2017.

_____. Mulheres em Movimento. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, p. 117-132, 2003.

CARDOSO, Claudia Pons. *Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. 2012. 383 f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gêneros e Feminismo). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CARNEIRO, Luciana Priscila Santos. *A violência sofrida pelas personagens femininas nos contos Ana Davenga e Os olhos verdes de Esmeralda*. 2013. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. In: *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985. p. 23-62.

_____. *Uma ideologia perversa*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_1_4.htm> Acesso em: 15. mai. 2017.

_____. *Sobre a violência*. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata (org.). *Reflexões e práticas de transformação feminista*. São Paulo: SOF, 2015. Disponível em: <<http://www.sof.org.br/category/artigos/>> Acesso em: 15. mai. 2017.

_____. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento negro. *Revista Sociedade e Estado*, Volume 31, Nº 1, 2016. p. 99-127. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>> Acesso em: 15. mai. 2017.

COSER, Stelamaris. Conceição Evaristo: circuitos transnacionais, entrelaçamentos diaspóricos. In: CÔRTEZ, Cristiane; DUARTE, Constância Lima; PEREIRA, Maria do Rosário A. (orgs.) *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016. p. 15-29.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documentos para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>> Acesso em: 22. fev. 2017.

_____. *Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas*. Disponível em: <<https://medium.com/revista-subjetiva/mapeando-as-margens-interseccionalidade-pol%C3%ADticas-de-identidade-e-viol%C3%A2ncia-contra-mulheres-n%C3%A3o-18324d40ad1>> Acesso em: 19. mar. 2017.

CRUZ, Adélcio de Sousa. *Doutor em letras analisa a obra de Conceição Evaristo, sensação brasileira no recente Salão do Livro de Paris*. Disponível em:

<http://www.geledes.org.br/revelacoes-de-olhos-dagua/#gs.MBeb_TQ> Acesso em: 20. ago. 2016.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Rafaela Kelsen. Maternidade e segregação em Conceição Evaristo. *Revista Fórum Identidades*, Itabaiana, Ano 10, Vol. 20, jan-abr. 2016. Disponível em: <

<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/5915>> Acesso: 23. ago. 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência*. Disponível em:

<<http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/43/ConceicaoEvaristoArtigoEAD5.pdf>>

Acesso: 23. ago. 2016.

_____. Mulheres marcadas na literatura: literatura, gênero e etnicidade. *Terra rocha e outras terras: revista de estudos literários*, Londrina, v. 17-A, p. 6-18, dez. 2009.

DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE Eduardo de Assis; ALEXANDRE; Marcos Antônio (orgs.).

Falas do outro: literatura, gênero, etnicidade. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. p. 229 – 233.

ELZA SOARES. *Mulher do fim do mundo*. São Paulo: Circus, 2015. Disco sonoro.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

_____. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

_____. Gênero e Etnia: uma escre (vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005. p. 201-212.

_____. O entrecruzar das margens – Gênero e Etnia: apontamentos sobre a mulher negra na sociedade brasileira. In: DUKE, Dawn (org.). *A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária*. Belo Horizonte: Nandyala, 2016. P. 100-110.

_____. *Literatura negra: uma poética da nossa afrobrasilidade*. Disponível em:

<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache%3AZXladydp9UJ%3Aperiodicos.pucminas.br%2Findex.php%2Fscripta%2Farticle%2Fdownload%2F4365%2F4510%20&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=b>>. Acesso em: 20. dez. 2016.

_____. *Negra em Salão do Livro causa Furor – Folha de São Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/03/1606652-negra-em-salao-do-livro-causa-furor-diz-autora-brasileira.shtml>> Acesso em: 05. ago. 2016.

_____. *Entrevista de Conceição Evaristo a Flip (2016)*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O-biUmvRzW4>> Acesso em: 08. jul. 2016.

_____. *Entrevista com Conceição Evaristo*. Disponível em: <<https://www.bn.br/acontece/noticias/2015/11/entrevista-com-conceicao-evaristo>> Acesso em: 30. jun. 2016.

_____. *Conceição Evaristo: a literatura como arte da ‘escrevivência’*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928#ixzz4MqFetBmU>> Acesso em: 20. set. 2016.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. *Escola que protege: enfrentamento a violência contra criança e adolescente*. Brasília: Edição Eletrônica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/escqprote_eletronico.pdf> Acesso em: 02. mai. 2017.

FERREIRA, Elio. *A “Carta” da escrava Esperança Garcia do Piauí: uma narrativa percursora da literatura afro-brasileira*. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455937376.pdf> Acesso em: 20. abr. 2017.

FREITAS, Sávio R. Fonseca; SILVA, Camila de Matos. *Zaíta a boneca negra que se desfarela em balas flores*. *Cadernos de Estudos Culturais*, Campo Grande – MG, v. 1, p. 184-194, jan/jun. 2017.

HOOKS, Bell. *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00193.pdf>> Acesso em: 18. dez. 2016.

_____. *Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo*. Lisboa: Plataforma Gueto, 2014.

_____. *Vivendo de Amor*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> Acesso em: 03 de nov. 2016.

JESUS, Damásio. *Violência contra a mulher: aspectos criminais da Lei n. 11. 340/2006*. São Paulo: Saraiva, 2015.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo: a polêmica em torno da ilusão*. São Paulo: Ática, 2002.

LIMA, Omar da Silva. *O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo e Geni Guimarães*. 2009. 172f. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.unb.br>> Acesso em: 28. jan. 2017.

LORDE, Audre. *Ladainha pela sobrevivência*. Disponível em: <<http://revistamododeusar.blogspot.com.br/2013/01/audre-lorde.html>> Acesso em: 28. jan. 2017.

LUGONES, María. Multiculturalismo radical y feminismos de mujeres de color. *Revista Internacional de Filosofía Política*, México, n. 25, p. 61-76, 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/592/59202503.pdf>>. Acesso em: 30 de out. 2017.

_____. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul/dic. 2008. Disponível em: <<http://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2017.

_____. *Interseccionalidad y feminismo decolonial*. 2008. Disponível em: <<https://www.clubensayos.com> > Acesso em: 05 de jun. 2017.

_____. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set/dez. 2014.

MESQUITA, Lucimara Grando; DIAS, Rafaela Kelsen. “Ana Davenga” e “Beijo na face”: empoderamento feminino e negro em personagens da antologia Olhos d’água. *Revista Alpha*, Patos de Minas, jul. 2017. p. 164-173.

MINAYO, Maria Cecília S. A violência social sob a perspectiva da Saúde Pública. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, p. 07-18, 1994.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. As feridas abertas da violência contra as mulheres no Brasil: estupro, assassinato e feminicídio. In: STEVENS, Cristina et all (orgs.). *Mulheres e violências: interseccionalidade*. Brasília: Technopolitik, 2017. p. 36-49.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: RATTTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. p. 102-105.

_____. A mulher negra e o amor. In: RATTTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. p. 126-129.

NASCIMENTO, Imaculada. “Ana (Davenga), tecelã do amor”. In: CÔRTEZ, Cristiane; DUARTE, Constância Lima; PEREIRA, Maria do Rosário A. (orgs.) *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016. p. 257-266.

NOGUEIRA, Conceição. *Interseccionalidade e psicologia feminista*. Salvador: Devires, 2017.

OLIVEIRA, Jônata Alisson Ribeiro de Oliveira. *A resistência ao olho do poder: rastro, gênero e colonialidade no romance Eu Tituba, feiticeira... negra de Salem, de Maryse Condé*. 2016. 92f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

OLIVEIRA, Rubenil da Silva; SOUSA, Elio Ferreira. Mulheres negras na contística feminina afro-brasileira: Conceição Evaristo e Miriam Alves. *Revista Interdisciplinar*. Ano X, Vol. 23, jul/dez. 2015. p. 221-242.

_____. *Representações das mulheres negras nos “Cadernos Negros: os melhores contos”*.

Disponível em:

<http://s3.amazonaws.com/icilg_meueventoweb/ckeditor_assets/attachments/90/rubenil_da_silva_oliveira.pdf> Acesso em: 04 de nov. 2017.

PAES, Iêdo de Oliveira. Por entre Olhos d’água de dor, indiferença e amor. In: CÔRTEZ, Cristiane; DUARTE, Constância Lima; PEREIRA, Maria do Rosário A. (orgs.) *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016.

PAIM, Luciane de Lima; UMBACH, Rosani Ketzer. Duzu-Querença, Salinda e Luamanda: uma representação da violência contra a mulher em Olhos d’água, de Conceição Evaristo. In: *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, Dossiê nº 20: Resignificando histórias, p. 175-188, jul. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/LA/article/viewFile/27985/15908>> Acesso em: 04 de nov. 2017.

PALMEIRA, Francineide Santos; SOUZA, Floretina de Silva. *Representações de gênero e afrodescendência na obra de Conceição Evaristo*. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14440.pdf>> Acesso em: 04 de nov. 2017.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEREIRA, Maria do Rosário A. Representações femininas em “Duzu-Querença” e “Olhos D’água”. In: CÔRTEZ, Cristiane; DUARTE, Constância Lima; PEREIRA, Maria do Rosário A. (orgs.) *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016. P. 245-256.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. A periferia em Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro: questões gênero, raça e classe. *Revista de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 49, p. 33-50, set/dez 2016.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REIS, Maria Firmina. *Úrsula; A escrava*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. p. 241-262.

RIBEIRO, Djamila. Entrevista a TV Boitempo, *Relações interraciais e a solidão da mulher negra*. 2016. Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2ZNx1LV6c4A>> Acesso em: 15 de nov. 2017.

RODRIGUEZ, Maria Dolores Sosin. “Até, meu bem, provar que não, negro sempre é vilão”: racismo e sexismo em um conto de Conceição Evaristo. *Revista Inventário*, Salvador, n. 16, p. 1-12, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>> Acesso em: 01. nov. 2016.

SILVA, Denise Almeida; WETPHALEN, Frederico. *Transformando a dor em exercício de fala: memória, vulnerabilidade social e contranarrativa em contos de Conceição Evaristo*. Disponível em: <<https://informativocentroculturalhumaita.files.wordpress.com/2017/06/e-book-atas-do-iii-simpc3b3sio-internacional-de-literatura-negra-ibero-americana.pdf>> Acesso em: 04 de nov. 2017.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TILLY, Charles. *Itinerários em análise social*. Tradução de Alexandre Morales. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v16n2/v16n2a13.pdf>> Acesso em: 04 de nov. de 2017.

TRUTH, Sojourner. *E não sou eu uma mulher?* Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/#gs.kQNK9QU>>. Acesso em: 02. jan. 2017.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília, DF: FLACSO BRASIL, 2015.